

CNPq

**Luís Antonio Groppo**

Relatório Técnico de Pesquisa

**Dimensões educacionais das Jornadas de 2013:**  
Pautas educacionais, experiências escolares e formação  
política de jovens em protesto

Alfenas-MG  
2025

CNPq

**Luís Antonio Groppo**

**Dimensões educacionais das Jornadas de 2013:  
Pautas educacionais, experiências escolares e formação  
política de jovens em protesto**

Relatório Técnico de Pesquisa apresentado para o Programa Bolsa Produtividade (PQ) em Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), relativo ao período de março de 2022 a julho de 2025.

Alfenas-MG  
2025

## Resumo

Esta pesquisa teve como tema as dimensões educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil. As e os participantes desta pesquisa, com quem o pesquisador e sua equipe dialogaram para construir conhecimentos a respeito das Jornadas de 2013 no Brasil, foram, principalmente, pessoas que em 2013 eram jovens militantes e ativistas de organizações políticas e movimentos sociais engajados nos protestos. O objetivo geral desta pesquisa foi, desde a perspectiva de tais participantes, analisar as dimensões educacionais das Jornadas, buscando compreender a relação desses protestos com as demandas educacionais e com as experiências escolares de tais jovens, bem como compreender as dimensões formativas dos próprios protestos – ou seja, a formação social e política de jovens suscitada pela participação em 2013. Como objetivos específicos, a pesquisa buscou: a) Fazer o levantamento e análise das pautas das Jornadas de 2013 relacionadas à educação (escolar básica, educação superior, formação profissional e outras), considerando o momento ou momentos em que emergiram essas pautas, de quais formas e por quais sujeitos e organizações; b) Analisar as possíveis influências das experiências escolares das e dos participantes – sejam militantes, ativistas ou independentes que aderiram aos protestos – na decisão pelo engajamento, bem como na forma e no sentido desse engajamento; c) Analisar as influências das experiências de participação nas Jornadas na formação social e política, por meio das práticas formativas identificadas e dos aprendizados reconhecidos; d) Refletir sobre as políticas educacionais durante e após as Jornadas de 2013, analisando as suas relações – de aproximação e distanciamento – com as trajetórias escolares de ativistas e militantes e suas experiências de formação política. A expectativa era de que a investigação trouxesse dados relevantes acerca de influências ou impactos das Jornadas nas políticas educacionais, nas expectativas dos participantes em relação à educação escolar e nas práticas formativas das organizações políticas e movimentos sociais, temas que tinham sido, até então, pouco tratados em pesquisas sobre este ciclo de protestos. A pesquisa teve como fundamentos metodológicos, a tradição da pesquisa qualitativa, da pesquisa participante e a concepção de política e igualdade de Jacques Rancière. Como metodologia de coleta de dados, aprofundou a revisão bibliográfica sobre as dimensões educacionais das Jornadas; realizou entrevistas semiestruturadas com pesquisadoras e pesquisadores; e realizou entrevistas semiestruturadas com ativistas e militantes. Na revisão bibliográfica, foram levantados 142 produtos, distribuídos em 4 blocos relacionadas às dimensões educacionais: Educação, juventude e estudantes, identidade e subjetivação; Coletivos e experiências ativistas/militantes; Redes sociais e mídias; e Análises gerais relevantes. Nas entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores, foram entrevistadas 18 pessoas em 2023, das seguintes Unidades da Federação: São Paulo – SP (6), Rio Grande do Sul – RS (3), Rio de Janeiro – RJ (2), Minas Gerais – MG (2), Goiás – GO (2) e, com 1 cada, Distrito Federal – DF, Piauí – PI e Pará – PA. Foram entrevistadas 37 pessoas que participaram das Jornadas, na qualidade de militantes (17), autonomistas (11), independentes (5), ativistas de movimentos territoriais (2) e apoiadoras (2), em 7 estados (RS, SP, RJ, MG, CE, GO e PA), 27 delas jovens (com 16 a 29 anos em 2013) e 10 adultas. Foram realizadas as seguintes ações de divulgação científica: construção de uma página da pesquisa na Internet (<https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/>); realização do Seminário Memorial das Jornadas de 2013 no campus sede da UNIFAL-MG, em Alfenas-MG, com transmissão pelo Youtube, de 18 a 20/03/2025 ([https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/?page\\_id=77](https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/?page_id=77)); e 4 matérias na imprensa. Foram realizadas as seguintes ações de comunicação científica: artigos publicados (7), artigo aceito (1), artigos em processo de avaliação (5), capítulos publicados (2), dissertações de mestrado defendidas (2), trabalhos completos publicados em Anais (2), Resumos expandidos publicados em Anais (5), Resumos publicados (3) e

Palestras (5). Como os dados da pesquisa ainda estão sendo explorados, outros vários produtos ainda serão criados e publicados neste ano e nos próximos. Destacam-se entre os resultados também a formação de uma equipe de pesquisa com colaboradoras e colaboradores em instituições de Minas Gerais (UNIFAL-MG, a sede, e UEMG) e outros estados (SP, RS, RJ, CE e PA), que contribuíram com a formação de pesquisadoras e pesquisadores em diferentes níveis, incluindo 1 supervisão de pós-doutoramento, 2 dissertações defendidas e 11 Iniciações Científicas (ICs). A pesquisa tem comunicado resultados inovadores a respeito das experiências e trajetórias de quem participou nas Jornadas como ativista e militante, incluindo um olhar intergeracional e interseccional, destacando as contribuições de 2013 para movimentos negros, feministas e LGBTQIAPN+. Neste relatório são apresentados os principais resultados desta pesquisa e descritos estes produtos acadêmicos e de divulgação.

**Palavras-chave:** Jornadas de 2013; protesto; juventude; pauta educacional; experiência escolar; formação política.

**Lista de Tabelas**

- Tabela 1:** Caracterização das pessoas que colaboraram com a equipe de pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013” p. 9
- Tabela 2:** Blocos temáticos dos produtos da Revisão Bibliográfica p. 11
- Tabela 3:** Participantes das Jornadas que concederam entrevista por estado p. 16
- Tabela 4:** Produtos de comunicação científica da Pesquisa “Dimensões...”. p. 24

**Lista de Quadros**

- Quadro 1:** Principais produtos publicados da Fase I da pesquisa p. 1
- Quadro 2:** Pesquisadoras e pesquisadores que concederam entrevistas p. 12
- Quadro 3:** Principais produtos da Fase II: Entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores p. 13
- Quadro 4:** Caracterização das e dos participantes das Jornadas que concederam entrevista p. 14
- Quadro 5:** Principais produtos da Fase III: Entrevistas com participantes das Jornadas de 2013 p. 17
- Quadro 6:** Grupos de Trabalho (GT) ativos da pesquisa “Dimensões...”. p. 18
- Quadro 7:** Produtos de comunicação científica na íntegra no Relatório como Apêndices p. 15

## Sumário

1. Principais resultados.....	8
1.1 Fase I.....	11
1.2 Fase II.....	11
1.3 Fase III.....	13
2. Impacto do projeto para o avanço do estado da arte na área do conhecimento.....	19
2.1 Sentidos das Jornadas de 2013.....	19
2.2 Educação e movimentos sociais.....	20
2.3 Experiências políticas de jovens ativistas e militantes.....	20
3. Contribuições da pesquisa.....	23
4. Relatório.....	25
4.1 Equipe de pesquisa.....	26
4.2 Produtos publicados de comunicação científica.....	28
4.2.1 Artigos.....	28
4.2.2 Capítulos de livro.....	28
4.2.3 Dissertações de mestrado.....	29
4.2.4 Trabalhos e resumos expandidos publicados em Anais de Eventos.....	29
4.2.5 Resumos publicados em anais de eventos.....	30
4.2.6 Palestras em Mesas Redondas.....	31
4.3 Produtos de divulgação científica.....	31
4.3.1 Página de divulgação da pesquisa na Internet.....	31
4.3.2 Seminário Memorial das Jornadas de 2013 no Brasil.....	32
4.3.3 Matérias.....	34
Referências.....	35
Apêndices: Produtos acadêmicos trazidos na íntegra.....	36
Apêndice 1 Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013.....	36
Apêndice 2 Interpretações de pesquisadoras e pesquisadores sobre as dimensões educacionais das Jornadas de 2013: debates, sentidos e legados.....	60
Apêndice 3 Formação política de ativistas e militantes nas Jornadas de 2013: experiências e subjetivação política.....	85

## 1. Principais resultados

Este Relatório apresenta os resultados da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto”. Começo agradecendo ao CNPq por esta concessão de bolsa, que permitiu que a pesquisa acontecesse, mantivesse uma equipe de e bolsas, auxiliaram na presente investigação. Deste modo, foi possível uma melhor produção acadêmica, divulgação científica, formação de recursos humanos e criação de uma equipe de pesquisa sobre juventude e movimentos estudantis articulada internacionalmente – equipe que realizará, coordenada por mim, a próxima pesquisa já aprovada pelo Edital de Produtividade Científica do CNPq de 2024, com o título “Revoltas pela dignidade: formação política e trajetórias de jovens ativistas e militantes dos anos 2010 em perspectiva comparada – Brasil, Chile e Portugal”.<sup>1</sup>

A pesquisa agora relatada, sobre as Jornadas, derivou da equipe nacional de pesquisa “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e auto-formação das/dos ocupas”. (<https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/equipe/>). Esta equipe foi criada no interior do Grupo de Estudos sobre a Juventude da UNIFAL-MG (projeto de extensão coordenado por mim). “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016” também foi contemplada com bolsa de produtividade em pesquisa entre 2019 e 2022. A pesquisa tratou de ex-estudantes de Ensino Médio que foram “secundas”, abreviatura de “secundaristas”, como elas e eles se denominaram, em diversas partes do Brasil. Ela deu origem também ao tema da pesquisa sobre as Jornadas, que continua tendo o interesse de conhecer os impactos nas trajetórias de jovens de experiências intensas em movimentos sociais: agora, em vez de adolescentes e ocupações estudantis em 2015 e 2016, jovens ativistas e militantes e as Jornadas de 2013.

**Lista 1:** Instituições de Educação Superior envolvidas com a Pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013”.

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
USP – Universidade de São Paulo
UEL – Universidade Estadual de Londrina
UFPA – Universidade Federal do Pará
UVA – Universidade do Vale do Acaraí (Ceará)
UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais – campus Campanha
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade Piracanjuba (Goiás)

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões...”.

A equipe de pesquisa, descrita na Lista 1, envolveu 9 instituições de educação superior (IES). A equipe de pesquisa foi dividida em diversos Grupos de Trabalho (GT), para a realização das diversas fases da pesquisa, em especial a análise das entrevistas, destacando-se:

<sup>1</sup> Processo n. 302478/2025-6.

- GT Pesquisadoras
- GT Experiências
- GT Trajetórias
- GT Pará
- GT Minas Gerais
- GT São Paulo
- GT Movimentos Territoriais
- GT Ativistas negras e negros
- GT LGBTQIAPN+<sup>2</sup>

Estes GTs, assim como outras atividades da investigação, envolveram 43 pessoas em suas diferentes fases, com diferentes formas de colaboração, conforme a Tabela 1.

**Tabela 1:** Caracterização das pessoas que colaboraram com a equipe de pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013”.

<b>Caracterização</b>	<b>n.</b>
Docentes da UNIFAL-MG (sede da pesquisa)	5
Docentes, pesquisadoras e pesquisadores de outras IES	12
Estágio de pós-doutoramento voluntário	1
Pesquisadoras com bolsa pela FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais	4
Mestras e mestres pela UNIFAL-MG	5
Mestrandas e mestrando com bolsa pela UNIFAL-MG	3
Bolsistas de Iniciação Científica (IC) em Programas da UNIFAL-MG	10
Bolsistas de IC da UEMG em Programas da FAPEMIG.	3
<b>Total</b>	<b>43</b>

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões...”.

A pesquisa teve, como objetivo geral, analisar as dimensões educacionais das Jornadas de 2013, buscando compreender a relação desses protestos com as demandas educacionais e com as experiências escolares de jovens ativistas e militantes, bem como compreender as dimensões formativas dos próprios protestos – ou seja, a formação social e política de jovens suscitada pela participação nas Jornadas de 2013.

Compuseram os objetivos específicos: a) Fazer o levantamento e análise das pautas das Jornadas de 2013 relacionadas à educação (escolar básica, educação superior, formação profissional e outras), considerando o momento ou momentos em que emergiram essas pautas, de quais formas e por quais sujeitos e organizações; b) Analisar as possíveis influências das experiências escolares das e dos participantes – sejam militantes, ativistas ou independentes que aderiram aos protestos – na decisão pelo engajamento, bem como na forma e no sentido desse engajamento; c) Analisar as influências das experiências de participação nas Jornadas na formação social e política, por meio das

<sup>2</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e Mais.

práticas formativas identificadas e dos aprendizados reconhecidos; d) Refletir sobre as políticas educacionais durante e após as Jornadas de 2013, analisando as suas relações – de aproximação e distanciamento – com as trajetórias escolares de ativistas e militantes e suas experiências de formação política.

O objetivo da pesquisa justificou-se pelo fato de que a Revisão Bibliográfica prévia, durante a construção do projeto de pesquisa, em 2021, constatou que existiam poucas pesquisas e trabalhos acadêmicos abordando as Jornadas a partir de perspectivas educacionais. Também havia poucos trabalhos buscando compreender as ações coletivas de modo mais geral, para além de um determinado local (estado ou mesmo município). Para tanto, primeiro, buscamos aprofundar a pesquisa bibliográfica (Fase I da pesquisa, realizada em 2022), considerando a educação em sentido amplo, para além dos sistemas formais, incluindo as influências dos meios de comunicação e a socialização política. E, segundo, realizamos entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores em Ciências Humanas que tinham investigado sobre 2013 (Fase II da pesquisa, realizada em 2023). A pesquisa bibliográfica (Fase I) e estas Entrevistas (Fase II) buscaram levantar outros elementos ou dimensões educacionais das Jornadas, que talvez estivessem ocultos.

Entre estes elementos, o que não se destacou nunca durante a pesquisa: o tema das políticas educacionais e, até mesmo, das pautas educacionais nas Jornadas. Ainda que não ausentes, a análise dessas dimensões, a princípio, mais especificamente educacionais – até mesmo, “escolares” – não tiveram grandes avanços a partir de nossos dados. Pode-se concluir, pelas indicações dos dados da pesquisa, que as Jornadas impactaram menos as políticas públicas e muito mais os sujeitos, organizações e repertórios dos movimentos sociais, como se buscará comprovar abaixo.

Os elementos que vieram a se destacar nas Fases I e II indicaram os caminhos da terceira fase da investigação. Elementos: formação política antes e durante os protestos; influências de 2013 nas formas de ativismo, militância e organização; experiências políticas e impactos nas trajetórias escolares, profissionais e políticas de ativistas e militantes. A terceira fase (III, em 2023 e 2024) realizou 37 entrevistas semiestruturadas, imergindo nas experiências e trajetórias de participantes de organizações e movimentos que realizaram as Jornadas, em sua maioria jovens. Destaca-se que o conjunto de dados, incorporando os das Fases I e II, tem permitido tanto análises por estado (Pará, São Paulo e Minas Gerais, por exemplo), por tipo de repertório de protesto (como movimentos territoriais), por localização (no interior dos estados), de tipo interseccional (pessoas negras e LGBTQIAPN+) e temáticas (experiências, trajetórias e uso das redes sociais da Internet).

Os principais dados de pesquisa, cuja produção teve o apoio fundamental das equipes de pesquisa, e que estão divulgados na página da pesquisa na Internet ([https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/?page\\_id=97](https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/?page_id=97)), foram: levantamento de produtos acadêmicos (Fase I), entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores (Fase II), entrevistas com ativistas e militantes (Fase III). Estão descritas a seguir.

## 1.1 Fase I

Na Fase I, Pesquisa Bibliográfica, foram selecionados 142 produtos acadêmicos entre artigos, livros, capítulos, teses e dissertações, sobre Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013. Esses produtos foram divididos em Blocos Temáticos, de acordo com a Tabela 2.

**Tabela 2:** Blocos temáticos dos produtos da Revisão Bibliográfica

Tema	n.	%
Bloco 1: Educação, juventude e estudantes, identidade e subjetivação	26	18,3
Bloco 2: Coletivos e experiências ativistas/militantes	28	19,7
Bloco 3: Redes sociais e mídias	29	20,4
Bloco 4: Análises gerais relevantes	25	17,6
Bloco 5: Outros	34	23,9
<b>Totais</b>	142	100

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões...”.

As análises da Fase I fundamentaram alguns importantes produtos desta pesquisa, citados no Quadro 1. Ainda há produtos que estão em processo de avaliação em periódicos, como o da revisão sobre as redes sociais da Internet em 2013.

**Quadro 1:** Principais produtos publicados da Fase I da pesquisa.

Produto	Bloco Temático
GROPPO, L. A. et al. Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013. <b>Educação e Pesquisa</b> . São Paulo, 2023. V.49. <a href="https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271463por">https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271463por</a>	1: Educação, juventude e estudantes, identidade e subjetivação
GROPPO, L. A. et al. Jornadas de Junho de 2013 e repertórios de contestação: do autonomismo à ambiguidade. In: OLIVEIRA, G.; DOWBOR, M. <b>Movimentos Sociais e Autonomias: Imaginação, experiências e teorias na América Latina</b> . Marília: Lutas Anticapital. 2023, p. 203-244.	2: Coletivos e experiências ativistas/militantes
GROPPO, L. A. et al. Interpretações dos sentidos de Junho: luta de classes, movimentos sociais, multidão, repertórios e subjetivação política. <b>Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS</b> . Rio Grande, 2022. V.6, n.2, p. 75-96.	4: Análises gerais

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões...”.

## 1.2 Fase II

Na Fase II, foram realizadas 18 entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores do Campo das Ciências Humanas, que tinham trabalhos sobre as Jornadas. Elas aconteceram entre fevereiro e julho de 2023, de modo presencial, por meio da gravação de áudio, nos horários e locais de preferência de quem seria depoente. Foram conduzidas pelo coordenador da pesquisa, por professor colaborador, pelas pesquisadoras bolsistas, por mestranda e mestrando e por bolsistas de Iniciação Científica (IC) – que também atuaram no processo de transcrição das entrevistas. As pessoas que entrevistaram o fizeram quase sempre em dupla, por vezes em trio, em poucos casos de modo solo. Foram feitas 18 entrevistas, sendo que uma delas foi

coletiva (o convidado, Sérgio Haddad, trouxe mais dois pesquisadores consigo para a entrevista). O quadro 2 apresenta as principais informações sobre estas entrevistas.

**Quadro 2:** Pesquisadoras e pesquisadores que concederam entrevistas

Nome	Área	Instituição	Estado	Data
Marília Pontes Spósito	Educação	Universidade de São Paulo (USP)	SP	10/02/2023
Sérgio Haddad (com Gabriel Di Pierro e Renato Almeida)	Educação	Ação Educativa	SP	24/03/2023
Kimi Tomizaki	Educação	USP	SP	30/03/2023
Paulo Arantes	Filosofia	USP	SP	04/04/2023
Giuseppe Cocco	Ciência Política	Universidade Federal do Rio de Janeiro	RJ	12/04/2023
Ana Karina Brener	Educação	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	RJ	13/04/2023
Marcos Nobre	Ciência Política	Universidade Estadual de Campinas	SP	14/04/2023
Maria Carla Corrochano	Educação	Universidade Federal de São Carlos	SP	26/04/2023
Igor Oliveira	Educação	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	29/04/2023
Francisco Foreaux	História	UFMG	MG	29/04/2023
Francisco Tavares	Ciência Política	Universidade Federal de Goiás (UFG)	GO	15/05/2023
Nildo Viana	Sociologia	UFG	GO	15/05/2023
Leila Saraiva	Antropologia	Universidade de Brasília	DF	16/05/2023
Monika Dowbor	Ciência Política	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	RS	23/05/2023
Roberta Rosa	Educação	UNISINOS	RS	24/05/2023
Marcelo Kunrath da Silva	Ciência Política	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS	25/05/2023
Olívia Perez	Ciência Política	Universidade Federal do Piauí	PI	13/07/2023
Bárbara Lou Dias	Ciência Política	Universidade Federal do Pará	PA	14/07/2023

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões ...”.

A entrevista seguiu um roteiro preestabelecido de questões, precedidas por uma questão específica para cada pesquisadora e pesquisador, com base em um de seus produtos acadêmicos a respeito das Jornadas de 2013. Na condução da entrevista, foram feitas perguntas adicionais de esclarecimento e de aprofundamento por quem entrevistava, caso necessário e pertinente. O roteiro continha 17 questões: após a específica, questões sobre o que a pessoa depoente pesquisou a respeito das Jornadas; aspectos educacionais das Jornadas (a presença de jovens, estudantes e profissionais da educação entre ativistas, militantes e manifestantes, a formação política de ativistas e militantes, a formação política propiciada pela participação nas manifestações e influências das

Jornadas nas políticas educacionais); e a relação entre as Jornadas e as transformações sociais e políticas posteriores.

Predominaram entrevistas no Sudeste, especialmente em São Paulo (6 entrevistas), além de Minas Gerais (2) e Rio de Janeiro (2). Mas foram feitas entrevistas no Sul (Rio Grande do Sul, 3 entrevistas), no Centro-Oeste (2 em Goiás e 1 no Distrito Federal), Norte (Pará, 1) e Nordeste (Piauí, 1).

Os principais produtos que comunicam os resultados da Fase II estão no Quadro 3.

**Quadro 3:** Principais produtos da Fase II: Entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores.

<b>Tipo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tema</b>
Artigo publicado	GROPPO, Luís A. et al. Interpretações das dimensões educacionais das Jornadas de 2013: debates, sentidos e legados. <b>Trabalho, Educação e Saúde</b> . Rio de Janeiro, v. 22, 2024. <a href="https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2837">https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2837</a>	Sentido histórico, político e social das Jornadas
Dissertação de mestrado	SILVA, Guilherme Abraão. <b>Percepções e interpretações de pesquisadores e pesquisadoras da educação sobre as Jornadas de 2013 no Brasil</b> . Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2024.	Aspectos educacionais das Jornadas
Trabalho completo aceito	GROPPO, L. A.; COSTA, Crisolita G. S.; SILVA, José D. Vozes de pesquisadoras e pesquisadores sobre as Jornadas de 2013: dimensões educacionais. <b>42.ª Reunião Nacional da ANPEd</b> (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), João Pessoa/PB, 2025.	Aspectos educacionais das Jornadas

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões...”.

### 1.3 Fase III

Em sua terceira fase, esta pesquisa realizou 37 entrevistas com participantes das Jornadas de 2013, entre setembro de 2023 e junho de 2024. As entrevistas tiveram a mesma dinâmica das que foram feitas com pesquisadoras e pesquisadores: presenciais, nos locais e horários indicados por quem concedeu a entrevista, por membros da equipe de pesquisa e transcritas por estudantes de IC.

As e os participantes desta terceira etapa da pesquisa atuaram em organizações, movimentos e coletivos que convocaram as manifestações em 2013 ou tiveram importante papel nelas. Redes de contatos acadêmicos e políticos que estabelecemos em pesquisas anteriores foram fundamentais para a indicação e o recrutamento destas pessoas. Também contribuíram indicações feitas por quem entrevistamos na Etapa II.

**Quadro 4:** Caracterização das e dos participantes das Jornadas que concederam entrevista.

<b>Pseudônimo/ Estado</b>	<b>Data da entrevista</b>	<b>Gên.</b>	<b>Raça</b>	<b>Idade /2013</b>	<b>Forma de atuação em 2013</b>
Amiel/CE	06/09/2023	Não Binário	Negra	32	Militante do movimento estudantil. Filiado ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade).
André Martins/ SP	28/10/2023	Masculino	Branco	27	Autonomista. Criou com um amigo o evento Pula Catraca, que deu origem ao coletivo de mesmo nome.
André Rebouças/RS	21/02/2024	Masculino	Negro	21	Militante. Filiado ao PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado). Atuou no Bloco de Lutas pelo Transporte de Porto Alegre (Bloco de Lutas). Coordenador Geral do DCE.
Antônio/GO	04/03/2024	Masculin.	Branco	31	Autonomista. Ativista da Frente de Lutas pelo Transporte (Frente de Lutas).
Artemis/RS	17/01/2024	Feminino	Negra	26	Independente. Atuou nas Jornadas a partir de sua proximidade com o movimento estudantil.
Carlos/GO	04/03/2024	Masculino	Branco	18	Autonomista. Atuou na Frente de Lutas.
Carolina Maria de Jesus/RJ	06/11/2023	Feminino	Negra	26	Ativista de movimento territorial. Liderança do Movimento “Cadê o Amarildo?”.
Chiquinha Gonzaga/RS	22/02/2024	Feminino	Negra	21	Ativista do Diretório de Educação Física (DEF) da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Atuou na Frente de Lutas.
Conceição/PA	12/07/2023	Feminino	Negro	21	Militante do Juntos!, juventude partidária ligada ao PSOL.
Dandara /SP	06/10/2023	Feminino	Negra	20	Militante do movimento estudantil e do PSOL.
Emanoel/MG	22/02/2024	Masculino	Branco	23	Militante do PSOL. Atuou na Assembleia Popular Horizontal (APH) de Belo Horizonte.
Emílio/SP	27/10/2023	Masculino	Branco	20	Ativista do Movimento Passe Livre – São Paulo (MPL-SP).
Honestino/GO	05/03/2024	Masculino	Negro	17	Militante da União da Juventude Socialista (UJS), juventude do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Presidente da União Goiânia de Estudantes Secundaristas.
Hugo de Leon/RS	27/02/2024	Masculino	Branco	22	Militante do movimento sindical e do movimento estudantil.
Irma/ MG	06/11/2023	Feminino	Negra	19	Independente. Atuou a partir do movimento estudantil e de sua proximidade com o Levante Popular da Juventude (LPJ).
Joana/MG	22/02/2024	Feminino	Negra	32	Militante do PSTU.
Jorge/PA	12/07/2023	Masculino	Branco	23	Militante da UJS.
Jota/GO	05/03/2024	Masculino	Branco	22	Apoiador. Membro do Centro de Direitos Humanos.
Juliana/SP	27/10/2023	Feminino	Negra	21	Autonomista. A partir da cobertura dos atos, se engajou na Ocupa Alckmin.
Karine/RS	22/02/2024	Feminino	Branca	21	Militante do LPJ. Atuou no Bloco de Lutas.
Luan/MG	22/02/2024	Masculino	Branco	32	Anarquista. Atuou junto ao Coletivo Mineiro Popular.
Lucimar/RJ	06/06/2023	Feminino	Branco	40	Autonomista. Manifestante nas Jornadas e na greve de docentes. Ativista da “Greve dos Garis” em março de 2014.
Luís/SP	19/06/2023	Masculino	Branco	29	Autonomista. Ativista do MPL-SP.

Luís Gama/RJ	07/11/2023	Masculino	Negro	22	Militante do PSOL. Dirigente do Centro Acadêmico de História e membro do DCE da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Márcia/RS	23/02/2024	Feminino	Branca	27	Militante da UJS e do DCE da Universidade Caxias do Sul (UCS).
Marcos/MG	28/02/2024	Masculino	Negro	24	Militante do Partido dos Trabalhadores (PT) e do cursinho popular Educafro em Poços de Caldas.
Marta/RJ	07/11/2023	Feminino	Branca	<b>38</b>	Independente. Apoiadora do coletivo Redes e Ruas.
Patrícia/RJ	07/11/2023	Feminino	Branca	<b>35</b>	Apoiadora. Atuou como “advogativista” na defesa de manifestantes.
Pedro/MG	22/02/2024	Masculino	Branco	25	Autonomista. Ativista da APH e do Comitê Popular dos atingidos pela Copa do Mundo (CPC) em Belo Horizonte.
Rita/CE	11/08/2023	Feminino	Negra	23	Movimento territorial. Atuante no movimento de moradia da comunidade Lagamar, contra as remoções por obras da Copa.
Rosa/SP	20/06/2024	Feminino	Branca	24	Militante do Juntos! e do PSOL.
Samantha/RJ	06/11/2023	Feminino	Branca	<b>32</b>	Independente. Atuou como midiativista nas transmissões ao vivo das Jornadas
Santiago/CE	10/08/2024	Masculino	Branco	21	Militante do PSOL. Atou junto aos movimentos contra as remoções pelas obras da Copa.
Tales/CE	10/08/2024	Masculino	Branco	25	Militante do PSOL.
Teresa/GO	06/03/2024	Feminino	Branca	<b>31</b>	Independente. Participou de atos de brasileiras e brasileiros na Austrália em apoio às Jornadas.
Wanda/PA	13/07/2023	Feminino	Negra	21	Militante da União da Juventude Revolucionária (UJR) e do movimento estudantil.
Zumbi dos Palmares/RJ	06/06/2023	Masculino	Negro	<b>48</b>	Liderança da “Greve dos Garis” em março de 2014.

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013”.

Segundo o projeto, deveríamos entrevistar apenas pessoas que eram jovens em 2013, ou seja, que tinham entre 15 e 29 anos naquele ano e, preferencialmente, estavam naquele momento na condição estudantil. Entretanto, durante as viagens da equipe aos estados onde foram feitas as entrevistas, todas elas de forma presencial, surgiram interessantes indicações de entrevistas de pessoas que, durante as Jornadas, já eram adultas. Consideramos mais interessante aproveitar a oportunidade e entrevistar essas pessoas também. Deste modo, entre as 37 entrevistas, 10 foram com pessoas adultas e 27 com jovens. Esta decisão concedeu um interessante material que tem permitido um olhar intergeracional, conhecendo como pessoas adultas participaram de um ciclo de protestos notadamente – mas não exclusivamente – juvenil e estudantil. Entretanto, considerando o objetivo principal da pesquisa, compreender o quanto e como as experiências nas Jornadas influenciaram as trajetórias de vida, as entrevistas com pessoas jovens têm sido as cruciais para a investigação. O quadro 4 apresenta as principais informações sobre estas entrevistas.

Intencional foi diversificar as e os participantes do ponto de vista geográfico – sete estados em quatro regiões –, político – autonomistas, socialistas, ativistas de movimentos territoriais, independentes e apoiadoras –, racial – ao menos uma pessoa

negra em cada estado – e de gênero. O número de militantes socialistas acabou sendo maior, justamente, dada as características de nossas redes apoiadoras, mais próximas de instituições tradicionais, como universidades, partidos e sindicatos. Também não tivemos tanto sucesso em entrevistar pessoas do interior do estado, o que conseguimos apenas no RS, SP e MG (6 pessoas no total).

As entrevistas foram de natureza semiestruturada, seguindo com certa liberdade um roteiro. O fluxo da entrevista permitia alterar a sequência das questões e acrescentar perguntas para aprofundar ou compreender melhor dados assuntos. O roteiro, entre uma questão disparadora e dados socioeconômicos, tinha perguntas a respeito de: I – Experiência escolar; II – Formação política; III – A experiência de participação nas Jornadas; e IV – Impacto das Jornadas na formação.

Foram entrevistadas 37 pessoas que participaram das Jornadas, na qualidade de militantes (17), autonomistas (11), independentes (5), ativistas de movimentos territoriais (2) e apoiadoras (2), em 7 estados, conforme Tabela 3.

**Tabela 3:** Participantes das Jornadas que concederam entrevista por estado

<b>Estado</b>	<b>n.</b>
Pará	3
Ceará	4
Goiás	5
Rio Grande do Sul	6
Minas Gerais	6
Rio de Janeiro	7
São Paulo	6
<b>Total</b>	<b>37</b>

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões ...”.

As entrevistas com participantes das Jornadas forneceram o principal conjunto de dados e informações da pesquisa. Há um corpo muito relevante de experiências, opiniões, ideias, impressões e expectativas, subjetivas e objetivas, que emana destas entrevistas. Parte deste rico material já foi analisado e deu origem a artigos e trabalhos que foram publicados e comunicados, ou a artigos que foram submetidos para publicação e estão em processos de análise. Os principais produtos que comunicam a Fase III da pesquisa estão descritos no Quadro 5.

A pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013” continua ativa, com sua equipe de pesquisa em processo de análise dos dados, especialmente das entrevistas com participantes das Jornadas. Ela está organizada nos Grupos de Trabalho descritos no Quadro 6.

**Quadro 5:** Principais produtos da Fase III: Entrevistas com participantes das Jornadas de 2013.

<b>Tipo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tema</b>
Artigo publicado	FELIZARDO Jr., Luiz C.; COSTA, Crisolita G.; SILVA, Josefa A. As Jornadas de 2013 no Pará: a socialização política de jovens militantes. <b>Plural</b> , v.31, n. 2, 2024, p.178-199. <a href="https://www.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2024.230436">https://www.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2024.230436</a>	Socialização política e experiências de participantes das Jornadas no Pará
Artigo publicado	GROPPO, L. A.; SILVA, G.; SOUSA, Flávia A. O Junho dos interiores: dinâmicas do protesto e experiências políticas de ativistas e militantes no interior dos estados nas Jornadas de 2013. <b>Plural</b> . São Paulo. v. 31, n. 2, 2024, p.137-157. <a href="https://www.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2024.230238">https://www.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2024.230238</a>	Experiências de participantes das Jornadas no interior dos estados.
Artigo publicado	SILVA, Gislene da et al. Jornadas de 2013 e a questão racial no Brasil: trajetórias e experiências de jovens ativistas e militantes negras e negros. <b>Kwanissa</b> . v. 7, n. 17, 2025.	Movimentos negros e participantes de raça negra nas Jornadas.
Dissertação de mestrado	SILVA, Gislene da. “ <b>A rua é nossa</b> ”: formação política da militância negra nas Jornadas de 2013 do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2025.	Jornadas no Rio de Janeiro, destacando participantes negras e negros.
Artigo aceito	GROPPO, L. A. Experiências, expectativas e trajetórias de jovens: coletivos, partidos e ações coletivas nos anos 2010. <b>Educação &amp; Realidade</b> , 2025.	Experiências e trajetórias de participantes das Jornadas.
Artigo submetido	GROPPO, L. A. et al. Formação política de ativistas e militantes nas Jornadas de 2013: experiências e subjetivação política. <b>Pro-Posições</b> , 2025.	Experiências políticas de participantes das Jornadas.
Artigo submetido	GROPPO, L. A. Experiências de jovens rebeldes e retrocessos políticos no Brasil contemporâneo: repressão, derrotas e extrema-direita. <b>Agenda Política</b> . Dossiê “Juventudes de direita e/ou conservadoras na América Latina”, 2025.	Experiências de participantes das Jornadas com a repressão e o retrocesso político recente.
Trabalho aceito	FELIZARDO Jr., Luiz Carlos. Educação, política e pertencimento geracional: narrativas de militantes do pós-junho de 2013. <b>42.ª Reunião Nacional da ANPEd</b> , João Pessoa/PB, 2025.	Socialização política e gerações entre participantes das Jornadas.

Fonte: Pesquisa “Dimensões...”.

**Quadro 6:** Grupos de Trabalho (GT) ativos da pesquisa “Dimensões...”.

<b>GT</b>	<b>Ações</b>	<b>Produção</b>
Movimentos Territoriais	Análises de entrevistas com ativistas de movimentos territoriais e de participantes do interior.	1 artigo publicado sobre os interiores. 1 artigo submetido sobre movimentos de moradia.
Experiências	Análises das experiências políticas de participantes da pesquisa.	3 artigos submetidos. 1 trabalho completo aprovado.
Trajetórias	Análises em andamento de trajetórias escolas, profissionais e políticas.	Previsão de 2 artigos.
LGBTQIAPN+	Análises de entrevistas com 11 participantes das Jornadas que são LGBTQIAPN+. Análise de questão do roteiro sobre a presença de pessoas LGBTQIAPN+ nas Jornadas.	1 pôster apresentado. 1 pôster submetido. Previsão de 1 artigo.
Redes sociais	Análise da revisão bibliográfica sobre redes sociais da Internet e de questão do roteiro com participantes das Jornadas sobre o tema.	1 artigo de revisão submetido. 1 artigo de análise das entrevistas em construção.
Minas Gerais	Análise de 6 entrevistas com participantes das Jornadas e com 2 pesquisadores de MG.	Previsão de 1 artigo.
São Paulo	Análise de 6 entrevistas com participantes das Jornadas em SP.	1 pôster apresentado. Previsão de 1 artigo.

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões...”.

## **2. Impacto do projeto para o avanço do estado da arte na área do conhecimento**

### **2.1 Sentidos das Jornadas de 2013**

A pesquisa, desde sua concepção, teve a intenção de um olhar nacional a respeito do tema, elegendo sete estados, ao menos um em cada região do país, para realizar as entrevistas com ativistas e militantes das Jornadas. Inclusive, durante as entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores, houve esforço para certo descentramento do Sudeste e Sul, com entrevistas realizadas em GO, DF, PI e PA; ou seja, ainda que não na mesma proporção, todas as regiões do país se viram representadas. O olhar nacional era necessário, considerando que as Jornadas foram um ciclo nacional de protesto, em que os estados fora do Sul e Sudeste também tiveram eventos e organizações importantes desde a sua latência, ou seja, não tiveram apenas protestos reativos.

A pesquisa, entretanto, partia do princípio de que as Jornadas, sem deixar de ser um ciclo de protestos nacional, também fazia parte do ciclo global de protestos dos anos 2010, que Paolo Gerbaudo (2017) chama da “revolta das praças”. Este olhar e o uso de conceitos das teorias dos movimentos sociais, como “repertório de contestação” e “ciclos de protesto” (Alonso; Mische, 2017), permitiu um diálogo fecundo com a produção acumulada e mais recente sobre as Jornadas de 2013, bem como uma análise sobre os desdobramentos da política mundial e nacional nos anos seguintes. Por um lado, e a pesquisa “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016” já havia demonstrado, 2013 tem como legado importantes movimentos juvenis progressistas. Por outro, o que a revisão bibliográfica e as entrevistas com pesquisadoras constatava, era inevitável considerar entre as consequências das explosivas Jornadas, o retrocesso político e o crescimento da extrema-direita nos anos seguintes.

Ou seja, apesar de a pesquisa ter como tema os aspectos educacionais, ela tinha a intenção – e a necessidade – de fazer considerações mais gerais sobre os próprios sentidos das Jornadas.

Entre os resultados inovadores, partimos das convergências importantes encontradas na revisão bibliográfica e nas entrevistas com pesquisadoras, no que se refere às causas e à dinâmica de 2013, considerado um complexo fenômeno histórico, causado pelos limites das políticas do lulismo e a insatisfação com a democracia representativa. Tal convergência nos levou a considerar as Jornadas como um complexo de eventos de protesto e uma confluência de organizações, movimentos e manifestantes. As metáforas ou imagens de ciclos em diferentes temporalidades pode ajudar a compreender esta concepção:

I – Ciclo longo e global, na relação entre as Jornadas e a “revolta das praças” dos anos 2010. As insatisfações populares em relação à crise econômica global e aos sistemas políticos promoveram importantes movimentos progressistas, ainda que, em muitos casos, incluindo o Brasil, com desfechos regressivos e com o avanço do campo da extrema-direita;

II - Ciclo médio nacional: cuja latência é, de um lado, a organização dos

protestos contra o aumento das tarifas dos transportes públicos, herança dos Movimento Passe Livre (MPL) e do Tarifa Zero, e, de outro, as mobilizações em relação às obras para os megaeventos esportivos, destacando-se os Comitês Populares da Copa (CPC). O ciclo se inicia em março de 2013, no Rio Grande do Sul e tem continuidade após junho, com mobilizações de caráter progressista, como greves defensivas, ocupações de espaços públicos ameaçados, ocupações urbanas de movimentos sem-teto e a continuidade de protestos contra a Copa do Mundo.

III – Ciclo “curto” nacional, ou “Junho”: na fase mais massiva dos protestos, convergiram diversos movimentos e organizações que também tiveram latência anterior (inclusive, movimentos conservadores e fundamentalistas). (Alonso, 2023). Inicia-se com os atos do MPL-SP no início de junho de 2013, atos que crescem como reação de indignação da opinião pública à violência policial em 13 de junho, espalham-se ou ganham força em todo o país, inclusive nos interiores e periferias e tornam-se manifestações multitudinárias no final do mês – transmitidas pelos canais comerciais da mídia como atos nacionalistas, anticorrupção e antipartidários.

A interpretação adotada por esta pesquisa reforça o olhar sobre 2013 como um ciclo médio que, neste sentido, terá grandes legados aos movimentos juvenis progressistas subsequentes e às suas formas de organização e ação, temas tratados adiante.

## **2.2 Educação e movimentos sociais**

O projeto que deu origem a esta pesquisa, apresentava a expectativa de que a investigação tivesse resultados inovadores nas relações entre educação (entendida em sentido amplo) e movimentos sociais, partindo do caráter reconhecidamente educativo dos movimentos sociais (Arroyo, 2003). Três eram as dimensões educacionais as quais se buscavam resultados inovadores:

- a) Influências ou impactos das Jornadas nas políticas educacionais;
- b) Expectativas dos sujeitos em relação à educação escolar;
- c) Práticas formativas das organizações políticas e movimentos sociais.

Como visto, o tema das políticas educacionais, incluindo o tema das pautas educacionais nas Jornadas, nunca ganhou grande destaque na pesquisa, tanto entre os dados conseguidos quanto, como consequência, nas análises. Como se verá, pelas indicações dos dados da pesquisa, as Jornadas, ao menos como um “ciclo médio”, impactaram menos as políticas públicas e muito mais os sujeitos, organizações e repertórios dos movimentos sociais.

## **2.3 Experiências políticas de jovens ativistas e militantes**

No desenvolvimento da pesquisa, entretanto, outras temáticas subjacentes foram se tornando mais importantes, ou até mesmo sendo descobertas:

- a) Formação política antes e durante os protestos;
- b) Influências de 2013 nas formas de ativismo, militância e organização;
- c) Experiências políticas e impactos nas trajetórias escolares, profissionais e políticas de ativistas e militantes.

Especialmente graças ao interesse de estudantes de IC e colaboradoras e colaboradores da equipe, foi possível mais dois tipos de olhares sobre os dados produzidos:

I – intergeracional: o debate a respeito da socialização política e a comparação entre as formas de atuação de militantes jovens com pessoas de idade adulta nas Jornadas – em especial, por meio de Luiz Carlos Felizardo Jr. (coautor de artigo sobre o Pará [Felizardo Jr.; Costa; Silva, 2024] e de trabalho aprovado [Felizardo Jr., 2025]);

II – interseccional: a partir do recorte das pessoas participantes em raça e gênero, produzindo artigo e dissertação de mestrado sobre participantes de raça negra (Silva et al., 2025, Silva, 2025) e constituindo o GT LGBTQIAPN+.

Os resultados da pesquisa, nestes aspectos, apontam, de forma ao menos parcialmente inovadora:

- a) a preferência pelo formato de coletivos e de elementos do repertório autonomista, como a horizontalidade e a autonomia;
- b) a importância das políticas identitárias, interpretadas aqui como políticas de existência;
- c) as dificuldades de tais jovens permanecerem na atuação política e de suas organizações manterem até mesmo sua existência nos anos mais recentes de ascensão da extrema-direita.

A pesquisa “Dimensões educacionais...” têm demonstrado a importância das assim chamadas pautas identitárias, que poderiam ser chamadas de existenciais, pois se referem a elementos ontológicos considerados fundamentais por esses jovens: as questões de gênero e o feminismo; a orientação sexual, a afetividade e o movimento LGBTQIAPN+; as questões raciais e o movimento negro. Estas pautas são centrais para a maioria dos jovens que participaram das organizações e ações coletivas que pesquisamos. A pesquisa sobre as Jornadas de 2013, tanto no levantamento bibliográfico quanto nas entrevistas com ativistas e militantes negras e negros, tem indicado o quanto o movimento negro se fortaleceu a partir de 2013. Podemos até concluir sobre o enfraquecimento relativo de organizações políticas de esquerda fora do campo popular, em especial as autonomistas, mas não é possível dizer o mesmo sobre os movimentos negros. Eles se expressam, inclusive, no número relevante de parlamentares negras e negros que iniciaram ou fortaleceram sua atuação política em 2013, eleitas e eleitos em diversos casos sob o formato inovador dos mandatos coletivos, outra prática crescente nos últimos anos.

Finalmente, há de se comentar sobre a análise das trajetórias sociais de ativistas e militantes das Jornadas, ação de pesquisa que ainda está ocorrendo. Há um resultado importante a ser comentado, inovador, que pode contribuir para o avanço da análise das trajetórias sociais de jovens ativistas e militantes. Trata-se da formulação de categorias de análise inspiradas na construção de tipos ideais, dois modelos de trajetórias políticas da unidade de geração juvenil progressista dos anos 2010. Cada modelo deriva da formação e atuação política vivenciada em um dado repertório de contestação progressista: o autonomista e o socialista.

No modelo autonomista, jovens vão encontrando dificuldades de continuar sua atuação

política, pelo esvaziamento dos coletivos com esse caráter e a intensa repressão e judicialização que se abateu ou ameaçou elas e eles; ainda buscam participar de ações coletivas, mas tendem a evitar a institucionalidade; e acabam, na entrada de suas vidas adultas, procurando ressignificar o ativismo político na vida cotidiana, como nas artes, no trabalho, nos estudos e até mesmo nas relações privadas. No modelo socialista, jovens encontram dificuldades semelhantes, pela perda de legitimidade dos partidos e organizações do campo político socialista, mas tais instituições sobrevivem e se tornam importante lastro para a atuação de parte relevante de tais jovens, mesmo não absorvendo sua totalidade; no início da adultez, mantém a atuação política via institucionalidade, com cargos eletivos ou por indicação.

### 3. Contribuições da pesquisa

Considera-se que a pesquisa possa contribuir para processos ou políticas públicas, como aplicação derivada do conhecimento aprofundado que ela tem conseguido a respeito de um ciclo de protestos que abrangeu todo o país, inclusive parte relevante de seus interiores e periferias. A pesquisa também tem permitido conhecer influências em médio prazo da experiência política em um protesto, acompanhando as trajetórias sociais de pessoas que foram ativistas e militantes nas Jornadas.

Esses conhecimentos sobre as experiências políticas e as trajetórias sociais podem servir de subsídios para diversos sujeitos de políticas públicas:

- Organizações políticas como partidos, sindicatos e organizações não-governamentais que atuam junto às políticas públicas: os resultados contribuem para o planejamento de ações, como recrutamento de pessoas filiadas, militantes e apoiadoras; também, sobre a mobilização de apoiadoras para campanhas, como a proposição de novas políticas;
- Instituições executivas e legislativas, propositoras de políticas públicas relacionadas às pessoas jovens: pelo conhecimento dos sentidos conferidos às experiências políticas nas Jornadas de 2013 por esta unidade de geração progressista;
- Proposição de reformas ou aprimoramento no sistema político: o conhecimento das demandas, expectativas, interesses e trajetórias políticas de pessoas que, em 2013, e ao longo dos anos 2010, foram jovens ativistas e militantes, podem dar subsídios para conceber formas mais participativas e efetivas de funcionamento da democracia representativa brasileira.

Em relação à contribuição da pesquisa para difusão e transferência de conhecimento, os principais resultados podem se dividir em produtos de divulgação científica e produtos de comunicação científica.

Foram realizadas as seguintes ações de divulgação científica:

- Construção de uma página da pesquisa na Internet (<https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/>);
- Realização do Seminário Memorial das Jornadas de 2013 no campus sede da UNIFAL-MG, em Alfenas-MG, com transmissão pelo Youtube, de 18 a 20/03/2025 ([https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/?page\\_id=77](https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/?page_id=77));
- 4 matérias publicadas na imprensa.

As ações de comunicação científica, conforme tipo e quantidade, estão descritas na Tabela 4.

**Tabela 4:** Produtos de comunicação científica da Pesquisa “Dimensões...”.

<b>Produto</b>	<b>Detalhe</b>	<b>n. parcial</b>	<b>n.</b>
Artigos	Publicados	7	13
	Aceito	1	
	Submetido	5	
Capítulos Publicados			2
Dissertação de mestrado defendidas			2
Trabalhos	Completos publicados em evento nacional	2	2
Resumos	Expandidos publicados em evento nacional	5	9
	Expandidos publicados em evento regional	1	
	Publicados em evento local	3	
Palestras	Evento internacional	1	5
	Evento nacional	3	
	Evento local	1	
<b>Total</b>			<b>33</b>

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões...”.

Finalmente, a pesquisa tem contribuído com a formação de recursos humanos, mais especificamente, na formação de pesquisadoras e pesquisadores no campo das Ciências Humanas, em especial Educação e Ciências Sociais. Relacionadas à pesquisa, supervisionei 1 pós-doutoramento voluntário (de Vinícius Seabra Guimarães), orientei 2 dissertações de mestrado com bolsa defendidas (Silva, 2024, Silva, 2025) e orientei 11 Iniciações Científicas (ICs) com bolsa.

## 4. Relatório

O Relatório, a seguir, descreve com mais detalhes os resultados da pesquisa no que se refere a produtos acadêmicos, ações de divulgação científica e extensão e formação de pesquisadoras e pesquisadores, nesta sequência:

- I – Detalhamento da equipe da pesquisa.
- II – Lista da totalidade de produtos publicados da comunicação científica;
- III – Produtos de divulgação científica, com referências e descrições.

Como Apêndices, trago três produtos da comunicação científica em sua íntegra, como exemplos dos resultados e síntese de suas análises, cada qual relacionado com uma das Fases da Pesquisa, conforme Quadro 7.

**Quadro 7:** Produtos de comunicação científica na íntegra no Relatório como Apêndices.

Referência	Fase da pesquisa
GROPPO, L. A. et al. Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013. Educação e Pesquisa. São Paulo, 2023. V.49. <a href="https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271463por">https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271463por</a>	I – Revisão Bibliográfica
GROPPO, Luís A. et al. Interpretações das dimensões educacionais das Jornadas de 2013: debates, sentidos e legados. <b>Trabalho, Educação e Saúde</b> . Rio de Janeiro, v. 22, 2024. <a href="https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2837">https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2837</a>	II – Entrevistas com pesquisadoras
GROPPO, L. A. et al. Formação política de ativistas e militantes nas Jornadas de 2013: experiências e subjetivação política. <b>Pro-Posições</b> , 2025.	III – Entrevistas com participantes das Jornadas

Fonte: Pesquisa “Dimensões...”.

#### **4.1 Equipe de pesquisa**

**Coordenação:** Luís Antonio Groppo (UNIFAL-MG)

**Docentes da UNIFAL-MG:**

- Luís Antonio Groppo
- Marcelo Rodrigues Conceição
- Sandro Amadeu Cerveira
- André Luiz Sena Mariano
- Paulo Romualdo Hernandes

**Pós-doutoramento:**

- Vinícius Oliveira Seabra Guimarães

**Pesquisadoras contratadas como bolsistas:**

- Nikole Mendonça de Almeida
- Josefa Alexandrina da Silva
- Gislene da Silva
- Lívia Furtado Borges

**Mestres pela UNIFAL-MG:**

- Guilherme Abraão da Silva
- Douglas Franco Bortone
- Isabella Batista Silveira
- Mara Aline de Oliveira
- Junior Trevisan

**Mestrandos pela UNIFAL-MG, com bolsa CAPES:**

- Fernanda Milan de Carvalho
- José Daniel Coutinho Silva
- Emanuely Ladeira Sigiani

**Bolsistas de Iniciação Científica pela UNIFAL-MG:**

- Alice Campos Claudino
- Ana Flávia Custódio Silva
- Beatriz Nogueira da Silva
- Eduarda Rocha
- Emerson Costa Souza
- Gabriela Lemos
- Isabela Aparecida Silva Reis
- Joana Vianna
- Mariana Calvi dos Santos
- Nelson Lemes Quintino
- Pamela Silvério
- Vitória Neres Soares
- Yasmin Antonia

**Colaboradoras e colaboradores de outras instituições:**

- Adriana de Almeida – UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- Andréa Marques Benetti – USP – Universidade de São Paulo
- Carusa Biliatto – UEL – Universidade Estadual de Londrina

- Crisolita Costa – UFPA – Universidade Federal do Pará
- Flávia Alves de Sousa – UERJ
- Isaurora Freitas – UVA – Universidade do Vale do Acaraí
- Luiz Carlos Felizardo Junior – UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais
- Monika Dowbor – UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Rodrigo Crivelaro – USP
- Ronaldo Araujo – UFPA
- Valentina Weihmüller – UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Victor Hugo Nedel Oliveira – UFRGS

## 4.2 Produtos publicados de comunicação científica

### 4.2.1 Artigos

1. GUIMARÃES, Vinicius O. Seabra; GROppo, Luís A.; CASTILHO, Rosane M. Jovens, manifestação de rua e protestos em redes: juventudes e educação nas jornadas de 2013. **Cocar**, Edição Especial n.22, 2023, p.1-18. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6549>. Acesso em 23 ago. 2025.
2. GROppo, L. A. et al. Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, 2023. V.49. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271463por>
3. GROppo, L. A. et al. Interpretações dos sentidos de Junho: luta de classes, movimentos sociais, multidão, repertórios e subjetivação política. **Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS**. Rio Grande, 2022. V.6, n.2, p. 75-96.
4. GROppo, Luís A. et al. Interpretações das dimensões educacionais das Jornadas de 2013: debates, sentidos e legados. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 22, 2024. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2837>
5. FELIZARDO Jr., Luiz C.; COSTA, Crisolita G.; SILVA, Josefa A. As Jornadas de 2013 no Pará: a socialização política de jovens militantes. **Plural**, v.31, n. 2, 2024, p.178-199. <https://www.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2024.230436>
6. GROppo, L. A.; SILVA, G.; SOUSA, Flávia A. O Junho dos interiores: dinâmicas do protesto e experiências políticas de ativistas e militantes no interior dos estados nas Jornadas de 2013. **Plural**. São Paulo. v. 31, n. 2, 2024, p.137-157. <https://www.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2024.230238>
7. SILVA, Gislene da et al. Jornadas de 2013 e a questão racial no Brasil: trajetórias e experiências de jovens ativistas e militantes negras e negros. **Kwanissa**. v. 7, n. 17, 2025. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/23625>. Acesso em 28 jun. 2025.

### 4.2.2 Capítulos de livro

1. GUIMARÃES, Vinicius Oliveira Seabra; GROppo, Luís Antonio. Mídia-tização e processo formativo no Brasil: Sobre a Televisão, Internet e as Jornadas de 2013. In: CAVALCANTE, Cláudia V. et a., **Pierre Bourdieu e os estudos do campo educacional**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p.11- 28.
2. GROppo, L. A. et al. Jornadas de Junho de 2013 e repertórios de contestação: do autonomismo à ambiguidade. In: OLIVEIRA, G.; DOWBOR, M. **Movimentos Sociais e Autonomias: Imaginação, experiências e teorias na América Latina**. Marília: Lutas Anticapital. 2023, p. 203-244. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/250092/1/Movimentos-sociais.pdf>. Acesso em 23 ago. 2025.

### 4.2.3 Dissertações de mestrado

1. SILVA, Guilherme Abraão. **Percepções e interpretações de pesquisadores e pesquisadoras da educação sobre as Jornadas de 2013 no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unifal-mg.edu.br/server/api/core/bitstreams/e5c76059-d62b-4a48-b45e-fcf4ba3db392/content>. Acesso em 24 ago. 2025.

2. SILVA, Gislene da. **“A rua é nossa”**: formação política da militância negra nas Jornadas de 2013 do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2025. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/06/Dissertacao-de-Mestrado-para-defesa.pdf>. Acesso em 24 ago. 2025.

### 4.2.4 Trabalhos e resumos expandidos publicados em Anais de Eventos

1. Resumo Expandido em evento regional:

GUIMARÃES, Vinícius O. Seabra et al. Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013: pesquisa bibliográfica. **15.ª Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)**. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/04/Anped-Sudeste-2022-Resumo-expandido.pdf>. Acesso em 23 ago. 2025.

2. Resumo expandido de trabalho em andamento em evento nacional:

SILVA, Guilherme Abraão; GROppo, Luís Antonio. Dimensões Educacionais das Jornadas de Junho de 2013: Repertórios de Contestação e Subjetivação Política. **41ª Reunião Nacional da ANPEd**. Manaus, 2023. Disponível em: [https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_38\\_31](https://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_38_31). Acesso em 23 ago. 2025.

3. Trabalho completo publicado em evento nacional.

GROppo, Luís Antonio; SILVA, Josefa Alexandrina; ALMEIDA, Nikole Pereira Mendonça de; FELIZARDO JÚNIOR, Luiz Carlos. Formação política, trajetórias juvenis e as Jornadas de Junho de 2013. **21o Congresso Brasileiro de Sociologia**. UFPA-PA. Belém, 2023. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/04/Trabalho-nos-anais-1.pdf>. Acesso em 28 ago. 2025.

4. Resumo expandido publicado em evento nacional:

GROppo, Luís A.; SILVA, Gislene da; SILVA, Guilherme A.; SILVA, José Daniel Coutinho Silva. Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política dos jovens em protesto. **Anais do IV Simpósio de Pesquisa em Juventude no Brasil: Novos Desafios Investigativos**. 9 a 11 de abril de 2024. Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1yRpqJpoEK5gt9Vu6DEGnlffFe0giP8kJ/view>. Acesso em 10 maio 2024.

5. Trabalho completo em evento nacional

GROppo, Luís A. et al. Jovens ativistas e militantes durante as Jornadas de 2013: experiências e subjetivação política. **22. Congresso Brasileiro de Sociologia**. USP/São

Paulo, 15 a 18 julho. 2025. Disponível em: <https://www.sbs2025.sbsociologia.com.br/arquivo/downloadpublic?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJRF9BUIFVSZVZPXCI6XCI0NDg2XCJ9IiwiaCI6IjNIYW M2Y2QwNWYzZTJIMDkyMzJhMGQyYTA4ZjgxODRIIn0%3D>. Acesso em 28 ago. 2025.

#### 4.2.5 Resumos publicados em anais de eventos

##### Evento nacional

1. SILVA, Beatriz Nogueira et al. O movimento LGBTQIAPN+ nas Jornadas de 2013: algumas considerações. **22. Congresso Brasileiro de Sociologia**. USP/São Paulo, 15 a 18 julho. 2025. Disponível em: <https://www.sbs2025.sbsociologia.com.br/trabalho/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJRF9UUKFCQUxIT1wiOlwiMzE4NlwfSIsImgiOiIyMGE1YmM5OWQ0OWY0MTIyMDhlNjZhZjZjNjcwNWwZCj9>. Acesso em 28 maio 2025.

2. SILVA, Gislene; SIGIANI, Emanoely L. Jornadas de 2013 e a questão racial no Brasil: Trajetórias de Jovens ativistas e militantes negras e negros. **22. Congresso Brasileiro de Sociologia**. USP/São Paulo, 15 a 18 julho. 2025. Disponível em: <https://www.sbs2025.sbsociologia.com.br/trabalho/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJRF9UUKFCQUxIT1wiOlwiMTUzOFwifSIsImgiOiI4YTMyZDA3N2ZiZDVlZWE2ZTI2MTQ5N2I4Y2NjN2JkNiJ9>.

3. SANTOS, Mariana Calvi. Experiências políticas de jovens ativistas e militantes nas Jornadas de 2013 no Estado de São Paulo. **22. Congresso Brasileiro de Sociologia**. USP/São Paulo, 15 a 18 julho. 2025. <https://www.sbs2025.sbsociologia.com.br/trabalho/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJRF9UUKFCQUxIT1wiOlwiMTQ5MlwfSIsImgiOiIjMnZJhODY0YzJmNjc1MWRiZmE1MzlyOGE5OTkyZjU1MCJ9>

##### Evento local

1. SOARES, Vitória Neres et al. Dimensões educacionais das Jornadas de 2013: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto. **IX Simpósio Integrado da UNIFAL-MG**. Alfenas/MG, 2023. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/08/Resumo.pdf>. Acesso em 23 ago. 2025.

2. ROCHA, Eduarda de O.; CLAUDINO, Alice C.; SILVA, Gislene; GROppo, Luís A. Jornadas de 2013 e a questão racial no Brasil: Trajetórias e experiências de jovens ativistas e militantes negras e negros. **X Simpósio Integrado UNIFAL-MG**. Alfenas, out. 2024. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/04/Militantes-negros-Resumo-do-Simposio-integrado.docx-1.pdf>. Acesso em 10 maio 2025.

3. CLAUDINO, Alice Campos; SIGIANI, Emanuely Ladeira; VIANNA; CARVALHO, Fernanda Milan; GROppo, Luís Antonio. Jornadas de 2013: Repertórios e trajetórias de militantes e ativistas. **X Simpósio Integrado UNIFAL-MG**. Alfenas, out. 2024. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/04/Resumo-militantes-e-ativistas-simposio.pdf>. Acesso em 10 maio 2025.

#### 4.2.6 Palestras em Mesas Redondas

##### Evento internacional

1. GROppo, Luís A.; PINHEIRO, Leandro; VARELA, Francisco R.; CORROCHANO, Maria Carla; LIEBGOTT, Camila. Mesa Redonda: Experiencias, reflexividades y juventudes en sociedades latinoamericanas: Desafios en la producción de lo común. **LASA2024: Reacción y Resistencia: Imaginar Futuros Posibles en las Américas**. Asociación de Estudios Latinoamericanos (LASA), Colômbia, 2024.

##### Eventos nacionais

2. GROppo, Luís Antonio; CORROCHANO, Maria Carla; SEVERO, Ricardo G.; PIMENTA, Melissa de M.; OLIVEIRA, Luiz Paulo. Mesa Redonda 14: Condição juvenil na contemporaneidade: precariedades, retrocessos políticos e digitalização da vida. **22.º Congresso Brasileiro de Sociologia**, São Paulo, 2025.

3. GROppo, Luís A.; TARÁBOLA, Felipe de Souza; MARCON, Frank N. Mesa 3 – Configurações contemporâneas dos movimentos estudantis e juvenis. **IV Simpósio de Pesquisa em Juventude no Brasil / I Encontro da REDEJUVE: novos desafios investigativos**, Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, 2024.

4. GROppo, Luís A.; OLIVEIRA, Victor H. N.; PEREZ, Olívia C. Mesa Juventudes e participação política. **IX Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira**, Rede Jubra, Universidade Federal do Piauí, Teresina/PI, 2023.

##### Evento local

5. GROppo, Luís Antonio. Jornadas de Junho de 2013 e participação política de jovens. **Debates Contemporâneos sobre Juventudes - 15 anos de GEPCJU**. Grupo de Estudos e Pesquisas de Culturas Juvenis, Universidade do Vale do Acaraí, Sobral/CE.

#### 4.3 Produtos de divulgação científica

Os principais produtos de divulgação científica foram a página da pesquisa na Internet e o evento acadêmico, Seminário Nacional Memorial das Jornadas de 2013. Matérias na imprensa complementaram a divulgação, buscando levar os resultados da pesquisa e suas possíveis implicações políticas e sociais para setores mais amplos da sociedade.

##### 4.3.1 Página de divulgação da pesquisa na Internet

A UNIFAL-MG, em seu portal da Internet, abriga páginas de divulgação da pesquisa de seu corpo docente. O portal já abrigava a página da pesquisa “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016” (<https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/>). O

NTI (Núcleo de Tecnologia da Informação) da UNIFAL-MG criou página para a pesquisa atual, a meu pedido, a qual eu tenho acesso como administrador para sua edição. Por meio de um cuidadoso trabalho de uma das bolsistas de IC, Pâmela Silvério, a nova página foi arquitetada e alimentada, usando como modelo a página da pesquisa “Ocupações secundaristas...”.

Os objetivos da página são mesmo, e inclusive eles transcendem a divulgação: também contribuem com a integridade dos dados da pesquisa, a possibilidade de sua verificação e o seu em novas investigações, já que os dados da pesquisa estão disponíveis publicamente (produtos coletados da revisão bibliográfica, entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores e entrevistas com participantes [neste caso, com uso de pseudônimos]). A página é assim estruturada; descrição do projeto, equipe de pesquisa, produtos, Seminário, Fontes e Contato. A página pode ser acessa pelo link: <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/>

A página divulga a equipe de pesquisa; tem links de acesso às gravações do Seminário no Canal Oficial do Youtube da UNIFAL-MG; disponibiliza a produção feita pela equipe de pesquisa (com constante atualização); disponibiliza ainda as entrevistas transcritas já analisadas e a bibliografia coletada sobre as ocupações estudantis.

#### **4.3.2 Seminário Memorial das Jornadas de 2013 no Brasil**

O evento buscou fazer uma análise reflexiva e crítica sobre as Jornadas de 2013, tratando de suas causas ou origens, seus sentidos e suas heranças ou legados no Brasil, contribuindo assim como desenvolvimento da pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil”. Buscava também fazer a comunicação científica e a divulgação científica dos resultados parciais da pesquisa. Ambos foram muito bem atendidos com a atividades realizadas, em que pesquisadoras de diferentes instituições e áreas do conhecimento debateram os resultados parciais da pesquisa.

Foi muito importante o fato de que diversas pesquisadoras e pesquisadores que colaboram com a pesquisa puderam participar presencialmente do Seminário, em Alfenas/MG, quando pudemos nos reunir face-a-face para planejar os próximos passos da investigação. Isso foi possível graças ao financiamento conseguido com a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Programa de Apoio a Eventos no País – PAEP, Edital n. 11/2023. Estiveram presentes em Alfenas/MG, nos dias do Seminário: Adriana de Almeida (UERJ), Crisolita Costa (UFPA), Luiz Carlos Felizardo Junior (UEMG), Monika Dowbor (UFRGS), Rodrigo Crivelaro (USP), Ronaldo Araujo (UFPA) e Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS).

Todas as atividades foram realizadas no Auditório Leão de Faria, no campus cenral da UNIFAL-MG em Alfenas, e retransmitidas pelo Canal Oficial da UNIFAL-MG no Youtube (<https://www.youtube.com/c/unifalmgoficial/featured>).

**Lista 2:** Programação do Seminário Nacional Memorial das Jornadas de 2013 no Brasil.

<b>18 de março de 2024</b>
<p>19h às 19h30: <b>Abertura do Seminário</b></p> <p>Apresentação cultural: Nikole Almeida.</p> <p>Mesa de abertura:          Presidência: Prof. Dr. Sandro Amadeu Cerveira (reitor da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG)          Luís Antonio Groppo (UNIFAL-MG) – coordenador do Seminário</p>
<p>19h30 às 22h30: <b>Conferência de Abertura “Sentidos das Jornadas de 2013”</b></p> <p>Conferencista: Paulo Eduardo Arantes (professor aposentado de Filosofia da Universidade de São Paulo – USP) – Observação: participação de forma remota          Mediação: Sandro Amadeu Cerveira (reitor da UNIFAL-MG)          Debatedora: Carusa Gabriela Dutra Biliato (Universidade Federal do Paraná - UFPR).          Acesso à conferência: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=3Q_d-IOI6s&amp;ab_channel=UNIFAL-MG">https://www.youtube.com/watch?v=3Q_d-IOI6s&amp;ab_channel=UNIFAL-MG</a></p>

<b>19 de março de 2024</b>
<p>14h-18h: <b>Seminário da Equipe de Pesquisa</b> para comunicação e debate dos resultados parciais da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de Junho de 2013”: pesquisa bibliográfica e entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores das Jornadas.          Coordenação: Josefa Alexandrina da Silva (Universidade de São Paulo – USP)          Acesso ao Seminário: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=34Egnc09JZk&amp;ab_channel=UNIFAL-MG">https://www.youtube.com/watch?v=34Egnc09JZk&amp;ab_channel=UNIFAL-MG</a></p> <p>18h-19h: Exibição de vídeo sobre 2013 (Hall do V).</p>
<p>19h-22h30: <b>Mesa-redonda “As Jornadas e seus diferentes contextos”.</b></p> <p>Conferencistas:          Monika Dowbor (Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Rio Grande do Sul);          Vinicius Oliveira Seabra Guimarães - Faculdade de Piracanjuba (FAP), Goiás;          Crisolita Gonçalves dos Santos Costa (UFPA), Pará;          Mediação: Adriana de Almeida (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ).          Acesso à Mesa: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=3Q_d-IOI6s&amp;ab_channel=UNIFAL-MG">https://www.youtube.com/watch?v=3Q_d-IOI6s&amp;ab_channel=UNIFAL-MG</a></p>

<b>20 de março de 2024</b>
<p>14h-18h: <b>Roda de conversa com os movimentos juvenis: “2013 hoje”.</b></p> <p>Coordenação: Luiz Carlos Felizardo Jr. (UEMG)          Acesso à Roda: <a href="https://www.youtube.com/watch?">https://www.youtube.com/watch?</a></p>

[v=Lty15Fd8ydU&ab\\_channel=UNIFAL-MG](https://www.youtube.com/watch?v=Lty15Fd8ydU&ab_channel=UNIFAL-MG)

18h-19h: Exibição de vídeo sobre 2013. (Hall do V).

19h-22h: **Mesa Redonda de Encerramento: “As Jornadas e as juventudes”**

Palestrantes: Kimi Aparecida Tomizaki (Universidade de São Paulo) e Victor Hugo Nedel (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS).

Mediação: Ronaldo Marcos de Lima Araujo (Universidade Federal do Pará – UFPA, Pará).

Acesso à Mesa: [https://www.youtube.com/watch?v=dnLVkMm0Ys8&ab\\_channel=UNIFAL-MG](https://www.youtube.com/watch?v=dnLVkMm0Ys8&ab_channel=UNIFAL-MG)

Link de acesso ao Relatório do evento para a Pró-reitoria de Extensão da UNIFAL-MG: <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/03/5-Relatorio-do-evento-2.pdf>

### 4.3.3 Matérias

1. SILVA, Josefa Alexandrina da; GROPPPO, Luís Antonio. As jornadas de junho de 2013 – repercussões na formação social e política de militantes e ativistas 10 anos depois. **Unifal-MG: Artigos**. Alfenas, 2023. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/portal/2023/07/06/as-jornadas-de-junho-de-2013-repercussoes-na-formacao-social-e-politica-de-militantes-e-ativistas-10-anos-depois/>
2. Entrevista: GROPPPO, Luís Antonio. Os protestos que mudaram o Brasil; sociólogo analisa os desdobramentos sociais e políticos uma década depois das Jornadas de 2013. [Entrevista cedida a] Ana Carolina Araújo. **Unifal -MG**. Alfenas, 2023. <https://www.unifal-mg.edu.br/portal/2023/07/06/os-protestos-que-mudaram-o-brasil-sociologo-analisa-os-desdobramentos-sociais-e-politicos-uma-decada-depois-das-jornadas-de-2013/>
3. AFETO, Rafael Martins da Silva. Protestos que ocorreram por todo o Brasil em 2013 ainda impactam a estrutura política atual. *Jornal Unifal – MG*. Alfenas, v.4, n. 39, nov. 2024. <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/04/Materia-no-Jornal-da-UNIFAL-MG-em-nov-2024.pdf>
4. SANTOS, Mariana Calvi dos. Um outro jeito de aprender nas Ciências Sociais. **Sociais News**, C.A.C.S. Lélia Gonzalez, n. 5, 30 jun. 2025 . [https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/07/Jornal-Semanal-Centro-Academico-30\\_06\\_2025.pdf](https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/07/Jornal-Semanal-Centro-Academico-30_06_2025.pdf)

## Referências

ALONSO, A. **Treze**: a política de rua de Lula a Dilma. São Paulo: Cia. das Letras, 2023.

ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. **Bulletin of Latin American Research**. v. 36, n. 2, p. 144–159, 2017. DOI: 10.1111/blar.12470. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/blar.12470>. Acesso em 24 mar. 2023.

ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**. v. 3, n. 1, p. 28-49, jan. /jun. 2003.

FELIZARDO Jr., Luiz Carlos. Educação, política e pertencimento geracional: narrativas de militantes do pós-junho de 2013. **42.ª Reunião Nacional da ANPEd**, João Pessoa/PB, 2025. [https://drive.google.com/file/d/1mFUkTajEByGdXoguLJ9Uv2Z7mr\\_LGHJ6/view](https://drive.google.com/file/d/1mFUkTajEByGdXoguLJ9Uv2Z7mr_LGHJ6/view).

GERBAUDO, Paolo. **The mask and the flag**. Populism, citizenism and global protest. New York: Oxford University Press, 2017.

SILVA, Gislene da. “**A rua é nossa**”: formação política da militância negra nas Jornadas de 2013 do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2025. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/jornadas2013/wp-content/uploads/sites/268/2025/06/Dissertacao-de-Mestrado-para-defesa.pdf>. Acesso em 24 ago. 2025.

SILVA, Guilherme Abraão. **Percepções e interpretações de pesquisadores e pesquisadoras da educação sobre as Jornadas de 2013 no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unifal-mg.edu.br/server/api/core/bitstreams/e5c76059-d62b-4a48-b45e-fcf4ba3db392/content>. Acesso em 24 ago. 2025.

## Apêndices: Produtos acadêmicos trazidos na íntegra

### Apêndice 1 Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013<sup>3</sup>

**Referência do artigo:** GROppo, L. A. et al. Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, 2023. V.49. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271463por>

**Resumo:** Tendo como tema as subjetivações políticas nas Jornadas de Junho de 2013, o artigo objetiva analisar a formação política de jovens propiciada pela experiência de participação nas manifestações, bem como suas influências na reconstrução de identidades e trajetórias políticas e educacionais. Em diálogo com as noções de itinerários e trajetórias, é feita uma revisão bibliográfica sobre produtos que trataram das Jornadas de 2013 nos temas juventude, estudantes, educação, subjetivações e identidades. Como referencial teórico, a noção de subjetivação política de Jacques Rancière orienta a formulação de questões de pesquisa, as quais são apresentadas como principais resultados. Assim, como resultados, mais do que conclusões, o artigo constrói roteiros de análise que orientarão a pesquisa de campo para a pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto”, quando serão entrevistados militantes e ativistas em dez estados brasileiros. Destacam-se as interrogações sobre as tensões e aproximações entre, de um lado, as experiências contingentes de participação nos protestos – que criaram momentos de subjetivação política – e, de outro, a convivência, em “multidão”, de múltiplas identidades que são afirmadas e reconstruídas. Também, interrogações a respeito das ambiguidades e contradições das Jornadas, expressas na bifurcação dos caminhos dos protestos nos anos seguintes, entre a continuidade de manifestações progressistas e a deriva conservadora que implicou no impeachment de Dilma, em 2016, e na eleição do candidato da extrema-direita, em 2018.

**Palavras-chave:** Jornadas de 2013 – Juventudes – Subjetivação política – Itinerários – Reflexividades.

Luís Antonio Groppo<sup>4</sup>

ORCID 0000-0002-0143-5167

Gislene Silva<sup>5</sup>

ORCID 0000-0002-2581-9675

Josefa Alexandrina da Silva<sup>6</sup>

ORCID 0000-0002-2662-2938

---

<sup>3</sup> Disponibilidade de dados: Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

<sup>4</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>5</sup> Mestranda em Educação pela UNIFAL-MG. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>6</sup> Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora bolsista pela FAPEMIG.

Luiz Carlos Felizardo Júnior<sup>7</sup>  
ORCID 0000-0003-4335-2973

Marcelo Rodrigues Conceição<sup>8</sup>  
ORCID 0000-0003-0277-749X

Vitória Neres Soares<sup>9</sup>  
ORCID 0000-0001-9586-4167

## **Introdução**

Este artigo comunica resultados da primeira fase da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto”. Essa fase tem natureza bibliográfica e explora os produtos a respeito das Jornadas de Junho de 2013 (artigos, livros, capítulos, teses e dissertações) que guardam relação direta ou indireta com o que temos chamado de “dimensões educacionais” deste ciclo de protestos no Brasil.

Nosso trabalho aceita o desafio de dialogar com o tema deste dossiê, para o qual a pesquisa bibliográfica citada contribui para pensar os temas educação, estudantes, juventude, subjetividades e identidades. Conceito central para nossa pesquisa tem sido o de subjetivação política de Jacques Rancière (1996), o qual nos tem levado a pensar as continuidades e descontinuidades nos processos de formação política de jovens em movimentos sociais, assim como em suas trajetórias educacionais e políticas. A subjetivação política permite analisar ao menos em parte o que os produtos selecionados da pesquisa bibliográfica trazem sobre a participação de jovens nas Jornadas e suas trajetórias – conceito que dialoga com o de “itinerários”.

O artigo, após essa introdução, se divide em 6 partes: a primeira descreve brevemente o que foi Junho de 2013 e apresenta dados gerais sobre a pesquisa bibliográfica, destacando o Bloco Temático aqui analisado; a segunda apresenta uma breve discussão sobre as noções de itinerários e trajetórias; a terceira apresenta o conceito de subjetivação política de Rancière, já em diálogo com os produtos da pesquisa bibliográfica que tratam de subjetividade e identidade; o mesmo diálogo se repete nas partes seguintes, agora com os produtos a respeito do tema Educação (quarta parte) e

---

<sup>7</sup> Doutor em Estudos do Lazer - Educação e Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em Campanha.

<sup>8</sup> Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

<sup>9</sup> Estudante do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UNIFAL-MG. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq.

Juventude e estudantes (quinta parte); ao final, são feitas considerações que, menos do que conclusões, delineiam roteiros para os próximos passos da pesquisa.

### **As Jornadas e a pesquisa bibliográfica**

As Jornadas de Junho de 2013 no Brasil estão inscritas no ciclo global de protestos ao longo dos anos 2010, denominado por Gerbaudo (2017) como revoltas das praças – por se caracterizarem pela tática da ocupação de espaços públicos, destacadamente as praças. A origem desse ciclo estaria na crise econômica mundial iniciada em 2007-2008, que tem marcado o declínio do capitalismo global, mas que tem sido enfrentado pelas elites políticas e econômicas com os mesmos instrumentos que provavelmente causaram essa crise, oriundos do repertório neoliberal. Entre os principais eventos, a Primavera Árabe (iniciada em 2010), o movimento dos Indignados na Espanha (2011), o Ocupe Wall Street (2011), as Jornadas de 2013 e o *Nuit Debuit* na França (2016).

No Brasil, a latência das Jornadas reside principalmente na constituição do Movimento Passe Livre (MPL) e suas campanhas contra o aumento das tarifas dos transportes públicos – tendo como marco a Revolta do Buzu, em Salvador, em 2003. Também, na criação dos Comitês Populares da Copa (CPC), a partir de 2010, que mantiveram a pauta de denúncia dos impactos das obras para os megaeventos esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas) para além do ano de 2013. (DOWBOR; ZWAKO, 2013).

Antes mesmo de Junho, se iniciam os protestos de 2013 em torno das tarifas do transporte público: o bem-sucedido e largamente autonomista Bloco de Luta pelo Transporte Público em Porto Alegre, em março. (GONÇALVES, 2019). O processo ocorrido na capital paulistana, entretanto, tem sido usado como marco na cronologia e na compreensão das Jornadas: um início aguerrido mas com menor número de participantes em manifestações e bloqueios pelo MPL, fortemente reprimidos pela polícia; uma onda de apoio da opinião pública que engrossou e legitimou os protestos, vitoriosos na pauta de revogação do aumento das tarifas dos transportes; e uma terceira fase de contínua ampliação de manifestantes e de multiplicação das pautas, em que ganha força, inclusive com apoio da grande mídia, um discurso anticorrupção, nacionalista e anti-partido. Com dinâmicas semelhantes, as Jornadas repercutiram nacionalmente e se interiorizaram, no conjunto de ações coletivas com a maior adesão popular da história do Brasil. Nesta segunda fase, entretanto, a caracterização do movimento como essencialmente de esquerda perde força, tendo em vista a vinda para

as ruas de sujeitos, organizações de ideologias liberais e conservadores. (SINGER, 2013).

O auge dos protestos em Junho, foram marcados pela coabitação entre manifestantes progressistas e conservadores nas ruas. Após Junho, ainda que novamente menos massivas, as mobilizações progressistas tiveram sobrevida, como as do CPC, greves, ocupações por movimentos dos sem-teto e, em 2015 e 2016 e também ocupações estudantis contra políticas neoliberais na educação. (BRAGA, 2017). Mas a ambígua expressão nacionalista e direitista nas Jornadas ganha organicidade e força, especialmente em 2015, no movimento de impeachment de Dilma Rousseff, vitorioso em 2016 como um golpe parlamentar.

A pesquisa teve uma primeira fase de caráter bibliográfico. Em maio de 2021, por meio do uso dos descritores “Jornadas de 2013” e “Junho de 2013”, nas bases da Scielo, Capes e Google Acadêmico, foram levantados 142 produtos, entre teses, dissertações, artigos, livros e capítulos, sobre as Jornadas, conforme Tabela 1. Os produtos foram divididos em 5 blocos temáticos, sendo que o quinto bloco (“Outros”) se referia a produtos que não tinham relação direta ou indireta com o tema “dimensões educacionais”.

**Tabela 1:** Blocos temáticos

<b>Tema</b>	<b>n.</b>	<b>%</b>
Bloco 1: Educação, juventude e estudantes, identidade e subjetivação	26	18,3
Bloco 2: Coletivos e experiências ativistas/militantes	28	19,7
Bloco 3: Redes sociais e mídias	29	20,4
Bloco 4: Análises gerais relevantes	25	17,6
Bloco 5: Outros	34	23,9
<b>Totais</b>	142	100

**Fonte:** Levantamento no Scielo, Portal de Teses e Dissertações da CAPES e Google Acadêmico, em maio de 2021.

Em um primeiro momento, todos os produtos descritos na Tabela 1 foram “fichados” pela equipe de pesquisa. Para o fichamento, foram consultados os resumos e, em caso de ausência de resumo ou insuficiência de informações, também se consultaram as introduções e considerações finais.

No momento posterior, os produtos selecionados para a documentação foram lidos e “documentados” pela equipe. O formulário de documentação continha os dados básicos do produto, assim como os principais resultados, comentários a respeito das principais contribuições para a pesquisa e trechos selecionados.

Nesse artigo, analisamos especialmente os produtos selecionados para o Bloco 1 com o amplo tema “Educação, juventude e estudantes, identidade e subjetivação”. Dos 26 produtos levantados pela pesquisa bibliográfica, 19 foram selecionados para a documentação. Para fins de análise, esses produtos foram divididos em três subtemas: “Educação”, “Juventude e Estudantes” e “Identidade e subjetivações”, conforme a Tabela 2.

**Tabela 2:** Produtos do Bloco 1 selecionados para documentação divididos em subtemas

<b>Subtema</b>	<b>n.</b>	<b>Descrição</b>
Identidade e subjetivação	7	Andrade (2016) Araújo (2015) Mendonça (2017) Pinto (2016) Portugal (2016) Ritter (2016) Venera (2017)
Educação	7	Chaves (2015) Haddad (2016) Estácio Jr. (2015) Martins, J. (2013a) Martins, M. (2013b) Menis (2015) Rosa (2015)
Juventude e estudantes	5	Euzebios Filho; Guzzo (2018) Gohn (2018) Pereira (2016) Singer (2013) Sposito; Almeida; Corrochano (2020)
Total	19	

**Fonte:** Dados da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013”.

### **Itinerários e trajetórias**

O termo itinerário, a princípio, nos parece denotar um trajeto pré-determinado, tal qual um roteiro de viagem ou um percurso pré-definido em etapas de escolarização. Itinerário estaria ligado, portanto, à rota prevista, algo que precede o ato de ir. Trajetória, por sua vez, se refere ao trajeto efetivamente vivido pelo sujeito, que pode coincidir com o itinerário socialmente esperado, acompanhar esse itinerário com mais ou menos desvios ou tomar sentido inesperado.

No encontro com a literatura acadêmica em Educação e Sociologia, entretanto, os significados dos termos parecem se confundir ou a ser apresentados como sinônimos. Por exemplo, em pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (EJA) que buscam conhecer a vida anterior e para além da escola de jovens e adultos educandos: “Como

itinerários formativos e curriculares estamos compreendendo os processos constituintes de um percurso de formação presentes nas práticas educativas, envolvendo professores, adultos, jovens, instituições e sistema escolar, no processo de transmitir ou mesmo de produzir conhecimentos novos para os sujeitos que se colocam em relação.” (FAZZI, 2007, p. 17).

A noção de itinerário ainda está na pesquisa de formação de professores, por exemplo no esforço de “[...] trabalhar os acontecimentos histórico-pessoais relacionados ao trabalho docente, analisando como a subjetividade compõe itinerários de vida e formação na carreira de professor”. (BRAGA; BEZERRA; GONÇALVES, 2018, p. 42).

Finalmente, Pinheiro (2017) faz uso do termo itinerário em sentido lato, incluindo o de trajetória percorrida ou narrada postumamente, para além de roteiro com marcos pré-estabelecidos. Na verdade, ele parece cotejar os itinerários efetivos dos sujeitos das periferias de Porto Alegre que investiga – distinguidos por coortes etários – do itinerário previsto “oficialmente” por pessoas mais velhas e militantes dos movimentos urbanos. Assim, Pinheiro (2017, p. 4) narra certa discrepância entre, de um lado, ideais vínculos comunitários e identidade local unitária (como agenciadores dos itinerários esperados) e, de outro, as efetivas inflexões nos modos de identificação dos sujeitos em “contextos de significativa diversificação social e ampla circulação informacional”.

Nossa pesquisa partiu da noção de trajetórias, em especial a de trajetórias escolares, que são definidas como “os percursos percorridos pelos indivíduos ao longo da sua vida escolar” (BITTAR, 2015, p. 49). As concepções sobre trajetórias escolares oscilam entre a perspectiva mais estrutural de Pierre Bourdieu e aquela mais interacionista de Bernard Lahire. Por exemplo, Senkevics e Carvalho (2020) perguntam sobre velhas e novas formas de estratificação educacional da juventude brasileira, após anos de massificação do Ensino Médio e a chegada de significativo número de jovens à Educação Superior, primeiras e primeiros de suas famílias: apesar da ampliação do acesso, funcionam novas e velhas barreiras marcadas por classe, gênero e raça. Já estudos como os de Brandão (2007) trataram das práticas das famílias das elites para reproduzir os privilégios educacionais e suas posições superiores na hierarquia social, como o investimento em escolas de elite.

Entretanto, nosso estudo sobre as Jornadas, com base nos achados da pesquisa sobre as ocupações secundaristas de 2015 e 2016 e sobre os coletivos juvenis na universidade, tem buscado considerar o impacto de uma experiência juvenil extra cotidiana – no caso,

a participação em protesto ou ação coletiva de caráter político – nas trajetórias escolares e, na verdade, nos próprios itinerários de vida.

As pesquisas que temos realizado, tanto sobre jovens das universidades quanto secundaristas das ocupações, revelam que há um complexo embricamento entre tendências acumulativas da socialização política<sup>10</sup> e os impactos contingentes da experiência na ação coletiva, assim como o peso do contexto sociopolítico – que, no retorno à “normalidade” do cotidiano, tende a atuar de modo desfavorável para a manutenção do engajamento ativista ou militante de adolescentes e jovens que se inseriram nas ações coletivas. (GROPPO et al., 2020). Em relação às trajetórias escolares, a participação nas ocupações secundaristas tem sido decisiva para a decisão de dar continuidade aos estudos na Educação Superior, assim como o tipo de universidade (em geral, pública), o tipo de curso e o sentido da decisão (que tende a se politizar). (GROPPO, OLIVEIRA, 2021).

A noção de itinerário biográfico na composição das identidades sociais, presente no trabalho de Pinheiro (2017), parece dialogar muito bem com essa concepção de trajetória escolar e política de jovens. O itinerário biográfico efetivo tanto considera acontecimentos, condições, pertencas e instituições socializadoras comuns (como família, trabalho e escola), quanto se abre para analisar a pluralidade de roteiros, influenciados por coortes geracionais e outras formas de estratificação social. (PINHEIRO, 2017). Além da possibilidade de, no limite, tratar de singularidades com tal noção de itinerário, nosso enfoque sobre as trajetórias educacionais e políticas estão abertas ainda para a contingência. E as Jornadas de 2013, mesmo que tenham sido um evento ao menos em parte explicável por causas e compreensível em sua latência, trouxe consequências imprevisíveis para a vida coletiva e as biografias individuais.

Nosso texto, na sequência, busca dialogar com essas considerações preliminares sobre itinerários e trajetórias.

---

<sup>10</sup> “A socialização política [...] é uma das dimensões do processo de socialização, e diz respeito especificamente à transmissão e à aquisição de valores, condutas, percepções e preferências sobre política. Sendo assim, podemos afirmar que todo indivíduo é socializado politicamente, embora as características e efeitos desse processo possam variar enormemente: em um plano micro, segundo a origem social, trajetória familiar, nível de instrução, ocupação ou profissão dos indivíduos; e em um plano macro, em função de determinadas conjunturas econômicas, sociais e políticas”. (TOMIZAKI; CARVALHO-SILVA, 2016, p. 938).

## Identidade e subjetivações

A noção de subjetivação política de Jacques Rancière (1996) trata da constituição de sujeitos políticos durante o que chama de dissenso. Dessa forma, desafia tanto os sentidos usuais de política e político, quanto parece propor um deslocamento no tema das identidades e suas relações com os movimentos sociais. O dissenso é o momento da “verdadeira” política, para Rancière, quando pessoas vistas como inferiores, incapazes ou excluídas da comunidade política demonstram a igualdade fundamental entre todas as pessoas, construindo, ainda que de forma provisória e breve, “sujeitos políticos”, ao desafiar as fronteiras artificiais estabelecidas entre “cidadãs” e “cidadãos” e quem está de fora, fronteiras essas defendidas pelos poderes “policiais” da repressão, gestão e legitimação (a institucionalidade a qual nos acostumamos a associar com a política).

Há, a princípio, uma limitação do conceito de subjetivação política de Rancière para tratar de Junho de 2013, justamente o fato de que, em sua fase mais massiva, em Junho houve a mobilização de sujeitos do campo da direita. Subjetivação política pressupõe uma política vivida como afirmação da igualdade, que o filósofo considera como fundamental entre todas as pessoas, o que, segundo Norberto Bobbio (2001), é algo que marcaria a posição das esquerdas (a afirmação da igualdade). Tratando do movimento estudantil francês de 1968, Rancière (2004) comenta algo que parece valer para o início progressista de Junho e rebentos como o movimento das ocupações secundaristas: “Contra as hierarquias do consenso e as paixões da exclusão, a ocupação da rua pela multiplicidade anônima reafirmava a comunidade da partilha. E ela só podia reafirmá-la revisitando os traços da inscrição violenta que tornara a ‘questão escolar e universitária’ num palco de verificação da igualdade”. (RANCIÈRE, 2004, p. 65).

Assim, a princípio, subjetivação política não se aplica às experiências e aprendizados políticos que são classificados como de direita; com base em Rancière (1996), pode se afirmar que tais experiências e aprendizados seriam parte dos recursos da “polícia” (o político como força, controle e criação do consenso para a manutenção da ordem social desigual), portanto, avessa à política como dissenso e momento da subjetivação política.

Como visto, em sua latência e origem, as manifestações de 2013 são progressistas, de um campo à esquerda do próprio PT (Partido dos Trabalhadores). Os produtos consultados para este artigo não elaboram com profundidade a entrada de sujeitos, grupos e pautas liberais e da direita, mas é necessário considerar que outras experiências políticas se deram nas ruas em 2013, especialmente na segunda e mais massiva fase das

Jornadas. Do ponto de vista da subjetivação política, estas experiências políticas de direita se opõem aos dissensos produzidos pelos movimentos autonomistas e negam suas afirmações da igualdade - paradoxalmente, também por meio da ocupação das ruas e, em muitos casos, compartilhando as ruas com sujeitos e organizações da esquerda autonomista. Manifestantes de direita vão reafirmar as classificações da ordem social e as divisões na partilha do sensível, sob as vestes da justa revolta contra a corrupção e o patriotismo. E, significativamente, vão tomar posse do sentido de “povo”, como se demonstra a seguir.

Na esteira de Gerbaudo (2017), as identidades parecem compor o fermento do movimento antiglobalização (do final do século passado e início do atual), na forma de uma coalizão em torno de um adversário comum, o capitalismo global, coalizão que coube relativamente bem no conceito de multidão de Hardt e Negri (2001). Entretanto, ainda segundo Gerbaudo (2017), as revoltas das praças dos anos 2010, às quais as Jornadas de 2013 estão inscritas, reconstroem a noção de povo e popular, como uma unidade dos “99%” contra as elites do poder e das finanças, como bem expressou o movimento Ocupe Wall Street. Parece fazer mais sentido agora a noção de subjetivação política de Rancière. Se a multidão remete à coalizão das múltiplas identidades, a subjetivação política referenda a igualdade primordial entre todas e todos, revelada sobretudo pelo dissenso promovido por quem o poder “policial” deseja manter fora da comunidade política. Há, aqui, a recriação da ideia de povo, que é uma das grandes marcas dos movimentos das praças, segundo Gerbaudo (2017).

Entretanto, no Brasil assistimos a uma tomada pelos movimentos de direita da própria noção de “povo”, travestida como “pátria” e deslocada do populismo democrático radical. Isso é uma marca da fase massiva de Junho e que se explicitaria nas manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2015 e 2016, na forma do hino, da bandeira e do verde e amarelo.

Enfim, é preciso comentar que, como vimos em recente pesquisa sobre as ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016, um rebento progressista das Jornadas, o processo de subjetivação política não é necessariamente oposto ao da assunção de identidades – lá, em especial, de gênero e orientação sexual, secundariamente, étnico-racial. (GROPPO, SILVA, 2022). A assunção de sujeitos políticos abre uma oportunidade no espaço-tempo da política – como a escola ocupada, ou os protestos nas ruas – assim como nas trajetórias de adolescentes, para repensarem sua condição de

mulher e até mesmo de homem, por meio de um potente feminismo secundarista, assim como sua orientação sexual – seja ela LGBTQIA+, seja ela a de heterossexual que desconstrói preconceitos.

Os sete produtos selecionados para a documentação no sub-bloco “Identidade e subjetivações” são os que melhor dialogam com o conceito de subjetivação política, primordial para a pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013”. Os sete produtos podem ser divididos em dois grupos: o primeiro, em torno da identidade; o segundo, em torno da subjetividade/subjetivação.

Sobre os três produtos que tematizam a identidade, primeiro, a dissertação em Letras de Araújo (2015) se destaca, por um lado, por sua qualificada análise de discurso, em uma relevante contribuição metodológica para compreender as narrativas a respeito das Jornadas; de outro, de mais relevo para esse artigo, seu empenho em trazer o conceito de multidão de Hardt e Negri (2001) justamente para tematizar a identidade social nas Jornadas. A identidade social, em Araújo (2015), citando teorias sociológicas como as de Bauman, se revela no protesto como fluida, processual e constituída por meio da diferença: nas Jornadas, se destaca o contraponto entre a multidão e a repressão policial na constituição dessa identidade de manifestantes. Mendonça (2017) também trata do tema da identidade social na modernidade tardia, fazendo dialogar o conceito de “multidão” de Hardt e Negri com teorias sociológicas contemporâneas, em especial a do reconhecimento de Axel Honneth – igualmente mobilizada por Pinto (2016). Para Mendonça (2017), a noção de multidão era capaz de explicar a conectividade e a valorização da singularidade nos protestos, em que indivíduos singulares teriam se unido em torno da construção de um projeto comum. Pinto (2016) mobiliza teorias do reconhecimento de Honneth, Nancy Fraser e Judith Butler para chegar a uma conclusão menos otimista sobre as Jornadas: ainda que elas sejam uma expressão do desejo de reconhecimento daquela amplitude de indivíduos que vão às ruas, “a ausência de sujeitos coletivos organizados caracterizou uma condição de dispersão e fragmentação, resultando em uma demanda por reconhecimento antipolítica e individualizada”. (PINTO, 2016, p. 1071).

O segundo grupo de produtos enfatiza o tema da subjetividade e subjetivações para a compreensão dos sentidos de Junho. Mas apenas Portugal (2016) faz isso do mesmo modo que nossa pesquisa, recorrendo à Rancière. Andrade (2016), Ritter (2016) e Venera (2017) preferem usar como base as teorias pós-estruturalistas de Michel

Foucault e Gilles Deleuze, oferecendo um interessante contraponto à nossa pesquisa sobre as Jornadas.

Tendo como tema as narrativas da grande mídia e de manifestantes sobre as Jornadas, a dissertação de Portugal (2016) destaca o conceito de partilha do sensível de Rancière, conceito com dimensões tanto políticas quanto estéticas, e que se refere ao modo como, por meio de ficções, se estabelecem fronteiras a respeito de quem pode participar legitimamente dos debates públicos e dos processos decisórios e do que pode figurar como tema desses debates e decisões. O dissenso promovido por manifestantes possibilita uma nova partilha do sensível, potencialmente mais plural e inclusiva, não apenas pela ampliação dos sujeitos que teriam o direito de participar dos processos decisórios, mas também pelos temas a serem tratados publicamente, como o “direito à cidade”. A grande mídia rebate na defesa da ordem social e política preexistente, exercendo assim também uma ação “policia”, inclusive quando, a partir de certo momento, passa a distinguir manifestantes entre “legítimos” (que protestam pacificamente e tematizam a corrupção e o antipartidarismo) e “vândalos” (que resistem aos ataques da polícia e tematizam a ampliação dos direitos).

A dissertação de Andrade (2016) é exemplar na busca de aproximação entre o pós-estruturalismo de Michel Foucault e o conceito de multidão de Hardt e Negri. Andrade (2016) afirma que, efetivamente, teria se formado uma “multidão” nas Jornadas – se opondo ao sujeito mais homogêneo “povo” – como resistência aos poderes instituídos, tendo como resultados menos a vitória contra esses poderes e mais a abertura para a criação de novos modos de subjetivação. Assim, por meio da análise discursiva das Jornadas, busca associar os múltiplos processos de subjetivação (como a construção de identidades heterogêneas, plurais e mutantes) com a resistência política (de nova forma, mais horizontal, participativa e informal) contra o capitalismo neoliberal.

Assim como Portugal (2016), o artigo de Ritter (2016) e a tese de Venera (2017) analisam os discursos da grande mídia durante as Jornadas, bem como o contraponto das e dos manifestantes. Ritter (2016) faz uso da análise de discurso de Foucault para demonstrar a auto-criação de canais alternativos de comunicação pelos sujeitos da manifestação. Venera (2017) recorre à noção de virtual de Gilles Deleuze (o espaço potencial da diversidade para a materialização do real), ao lado da noção de real de Jacques Lacan (para se referir àquilo que escapa da simbolização), para chegar à

conclusão de que as Jornadas escapam das representações sociais e simbolizações estabelecidas.

Multidão (como coalizão de identidades) e subjetivação política não são conceitos necessariamente excludentes, nem contraditórios. Têm em comum uma origem marxista herética – a recriação do conceito de classe-para-si – em diálogo com correntes pós-estruturalistas (algo mais assumido por Hardt e Negri). Suas ênfases são diferentes: a multidão destaca a mobilização e a constituição das identidades e das diferenças, bem como a expressão de individualidades singulares; a subjetivação política destaca o processo político do dissenso, a revelação da igualdade humana fundante da política e as contingências históricas. Se o conceito de multidão combinou melhor com o espírito neo-anarquista e pluri-identitário do movimento antiglobalização e sua luta contra o capitalismo global, o conceito de subjetivação política parece se ajustar melhor ao populismo democrático radical que inspirou a revolta das praças dos anos 2010 e que foi preponderante ao menos na latência e nos protestos iniciais das Jornadas de 2013 – antes da profusão de pautas, sujeitos e protestos na segunda fase das Jornadas.

Ambos os conceitos revelam-se úteis para perguntar a respeito dos itinerários dos sujeitos ativistas e militantes das organizações e coletivos que deram origem às Jornadas, durante e após 2013. Como se flagrou na pesquisa sobre as ocupações secundaristas, nesse movimento estudantil houve um processo potente de subjetivação política, no qual adolescentes estudantes do Ensino Médio, em especial mulheres, constituíram o sujeito político “secundaristas” – que transfigurou o grupo de pessoas tidas como pré-políticas em defensoras dos direitos sociais e da própria democracia; mas, em decorrência desse processo, houve a reconstituição de identidades no cotidiano das ocupações das escolas, em especial do ponto de vista do gênero, mas também na orientação sexual e na identidade étnico-racial; quanto aos itinerários escolares e políticos, a subjetivação política deixou marcas poderosas, que foram decisivas nos projetos escolares e profissionais e na adesão duradoura a valores políticos progressistas. Cabe perguntar como se deram esses processos com ativistas e militantes de 2013, se guardam semelhanças ou diferenças com secundaristas de 2015 e 2016.

## **Educação**

No levantamento bibliográfico, sete trabalhos abordaram as questões educacionais. Duas perspectivas são as que mais foram ressaltadas: o processo de formação dos

participantes das mobilizações e a importância das redes sociais como meios de comunicação e de formação dos sujeitos.

J. Martins (2013) citou que a pauta educacional não se mostrou efetiva nas Jornadas, pois não tinha um foco concreto e objetivo, já que se expressou de forma vaga, como a demanda por ensino superior e a educação de qualidade.

Rosa (2015) analisou, por meio de entrevistas individuais, roda de conversa e etnografia, o processo formativo de militantes do Bloco de Luta de Porto Alegre. A autora destaca o processo de educação não formal desenvolvido pelo bloco que estaria mobilizado antes mesmo do início das manifestações de 2013. Na perspectiva do Bloco, era importante educar “os reclusos” ou “os adormecidos” sobre o caráter opressor e excludente do sistema capitalista:

Para o “gigante” que acabava de acordar era necessária uma ação educativa que orientasse ou desse subsídio para que construísse respostas fortes, politizadas e propositivas, evitando que se tornassem massa de manobra das grandes mídias ou presas fáceis para movimentos de extrema direita fascistas e nazi-fascistas. (ROSA, 2015, p. 31)

Para orientar e formar as e os ativistas, segundo Rosa (2015, p. 32), o Bloco de Lutas desenvolveu aulas públicas, fez uso da Internet e realizou assembleias horizontais em espaços públicos. A autora concluiu que “o Bloco de Lutas proporciona espaços de formação intencionais como aulas públicas, no entanto, os sujeitos identificam como principal espaço de formação a vivência de militância nos protestos de rua, assembleias e ocupações”.

M. Martins (2013) destacou os impactos políticos e educacionais das Jornadas. Para o autor, elas permitiram a criação de uma nova forma de comunicação, possibilitada pela Internet e redes sociais, se distanciando dos grandes meios de divulgação, elementos que auxiliaram na formação de jovens sem experiência política anterior.

Segundo M. Martins (2013, p. 51) ao se utilizarem da frase “¡Usted que grita y que despertó hace poco, no rechace a quien nunca durmió!”, se desenvolveu um princípio educativo que indicava que as lutas seriam fruto de lutas passadas de diversos movimentos sociais. Tal mecanismo fez com que indivíduos e grupos sociais passassem a debater, refletir e questionar a estrutura social, econômica e política do país. Tal impacto, sugere o autor, talvez tenha sido mais significativo do que as conquistas efetivas acerca da revogação do aumento das passagens ou da verba do pré-sal destinada

à educação pública: “Mediante este proceso se ha inducido a la sociedad brasileña a una reflexión colectiva, productora de nuevos aprendizajes” (MARTINS, M., 2013, p. 51).

Haddad (2016) pesquisou, por meio de documentos e entrevistas, o processo formativo efetuado pelo Movimento Passe-Livre (MPL) em São Paulo e sua relação com a educação popular. Para o autor (2016, p. 22), o movimento sentiu a necessidade de formar politicamente e de maneira permanente as e os ativistas. Levou-se em consideração que as e os participantes aprendem pela prática, por meio da militância, como na organização dos atos. Para tanto, utilizaram das estratégias contidas nos movimentos de educação popular.

Estácio Junior (2015) se direcionou ao processo de autoformação da multidão, realizado pelas Jornadas, nos espaços virtuais. O método utilizado foi o da cartografia, que leva em consideração a pesquisa no e com o outro. Para ele, as experiências virtuais colaborativas permitiram a formação em si. O caráter formativo teria se dado na convivência:

Cabe destacar que essa formação não é encarada sob uma perspectiva formal, disciplinar ou de controle – em que algo é ensinado ao outro, e sim como uma formação profundamente colaborativa, na qual aquele que a experimenta é convidado a formar sentidos *com* o outro. (ESTÁCIO JUNIOR, 2015, p. 07)

Chaves (2015) analisou as relações entre juventude, cidades e redes, por meio do método histórico-cultural, voltado às narrativas dos sujeitos. Teve como objetivo investigar as aprendizagens construídas pela experiência de participar do movimento Ocupa Niterói. Houve, novamente, destaque para o papel das redes sociais na organização das ações e nos processos de formação dos sujeitos. A autora destacou o caráter educativo das práticas envolvidas nas relações cotidianas entre as e os participantes: “fica evidente uma transformação – ou, para nos aproximar do campo da educação, uma *formação* – que acontece quando a experiência nos acontece” (CHAVES, 2015, p. 177).

Esses elementos formativos se distanciam da aprendizagem efetuada no espaço escolar, onde parece ser negligenciada a importância formativa do convívio entre as diferentes pessoas.

Nas principais aprendizagens destacadas pelos ocupantes, a interdependência estabelecida na rede de relações tecida entre

eles é uma das chaves para compreender a instauração de um espaço-tempo educativo potente em sua simplicidade: um espaço liberado do tempo produtivo, com pessoas disponíveis ao encontro com o outro e à convivência entre diferentes, onde não há necessidade de instituições ou lideranças mediando os processos educativos. No “aprender convivendo com o diferente”, crescemos como seres humanos, aceitamos as diferenças, nos tornamos mais tolerantes, pois ganhamos um “olhar mais humano” para “olhar mais as pessoas”. (CHAVES, 2015, p. 203)

Menis (2015) desenvolveu sua pesquisa em torno de como jovens estudantes da educação superior do município de Imperatriz, no Maranhão, perceberam e vivenciaram os atos, por meio de entrevistas e questionários. O autor não se direcionou aos aspectos educacionais em si, mas destacou a importância das redes sociais, as formas de organização dos movimentos e as diferenças na atuação das e dos participantes, de acordo com sua posição social.

Na visão de Menis (2015, p. 22), as redes sociais permitem às e aos jovens novas formas de se organizar, em que, apesar de os vínculos serem instáveis, não há comando hierárquico e a adesão é uma decisão individual. Apesar desse aspecto, o autor concluiu (2015, p. 131) que havia lideranças nos movimentos, como coordenações que organizaram as mobilizações, apesar de não terem tido o controle total sobre a multidão.

Em linhas gerais, há que se destacar que houve desdobramentos da pauta educacional ao longo das Jornadas, a respeito das políticas públicas, como a discussão sobre os gastos públicos com a educação. Destaca-se também a problematização desses textos a respeito do próprio sentido de formação, dos modos de aprender, já que chamaram a atenção sobre a importância na formação política de espaços para além do escolar, reconhecendo o valor da educação não-formal, do aprendizado na convivência e das redes sociais da Internet.

Este segundo aspecto se aproxima mais do tema dos itinerários biográficos de jovens ativistas e militantes atuantes nas Jornadas. A maioria dos textos aborda a influência intensa das redes sociais, que constitui importantes mecanismos de formação política e social, ao longo das diversas fases das Jornadas. Mas também se destacou a importância do aprendizado por meio da convivência presencial, constituindo experiências relevantes propiciadas nas práticas de participação, organização e mobilização das ações, assim como durante as discussões político-sociais e, principalmente, o convívio com sujeitos com diferentes perspectivas de vida e de pensamento. Trata-se, esse último

aspecto, do aprendizado com o outro: nas relações com o outro é possível vislumbrar as possibilidades de mudança de itinerários de vida dos sujeitos envolvidos, afetando aspectos de subjetivação e de construção de identidades, permitindo se repensar social e politicamente, inclusive em função daquela imersão nas perspectivas de outros sujeitos.

Estas novas formas de organização e aprendizado político indicam a importância formativa dos espaços das lutas sociais, dentro de um novo contexto em que também é forte a presença das redes sociais. Para as entrevistas a serem desenvolvidas pela pesquisa, cabe questionar os ativistas mais diretamente sobre a formação política desenvolvida nos movimentos de maneira a caracterizar o significado dessa formação para elas e eles.

### **Juventude e estudantes**

Nesta seção, analisamos os produtos elencados no subtema “Juventude e estudantes”. Iniciamos esse expediente considerando o influente artigo de André Singer (2013), “Classes e ideologias cruzadas”. Esse pesquisador, ainda no calor das manifestações e considerando o movimento como predominantemente juvenil, via o que acontecia tanto como expressão de uma classe média tradicional inconformada com diferentes aspectos da realidade nacional, quanto reflexo daquilo que denomina de jovens do “novo proletariado”. Esses últimos, conseguiram emprego com carteira assinada nos anos dos governos petistas (2003-2013), mas sofriam com condições precarizadas de trabalho – como baixa remuneração, alta rotatividade e más condições de trabalho.

Para Singer (2013), tratava-se, à época, de um movimento multifacetado no plano das propostas, com sentidos ideológicos que tanto ecoavam o socialismo, quanto impulsos fascistas, mas vindo a predominar o reformismo e o liberalismo em diversas gradações. Nesse sentido, recusou ao processo a caracterização como “jornadas”, já que não considerou que essa ação coletiva viveu a política como projeto de reestruturação da ordem social e política. Assim, as juventudes das Jornadas não repetiam a práxis revolucionária de outros eventos, em especial as Jornadas proletárias de 1848 na França.

Este aspecto nos leva a focalizar o trabalho de Pereira (2016), que nos traz importantes críticas à forma como pessoas adultas percebem e avaliam a realidade e o fazer das juventudes. Ela focaliza a representação social dos jovens de 1968, 1988-1992 e 2013, em dois veículos de comunicação de notícias de grande circulação, a revista *Veja* e o jornal *O Globo*. Embora neste trabalho diferentes aspectos sejam destacados sobre as

revoltas e manifestações de jovens nas diferentes épocas, destaca-se, segundo Pereira (2016), a permanência de um modelo de construção da realidade das manifestações que responde à necessidade de produção de uma representação juvenil reconhecível para as pessoas adultas. Ou seja, embora quase meio século separe 1968 de 2013, os diferentes meios de comunicação sustentam representações sociais já sedimentadas, para apresentar e explicar as manifestações do início do século XXI. Segundo a autora, esse procedimento que torna acontecimentos atuais mais familiares e, portanto, menos ameaçadores, porque conhecidos, para além de não explicar a realidade contribui para deslegitimar politicamente os protestos juvenis contemporâneos.

Num caminho contrário à deslegitimação de uma representação social limitadora, Maria da Glória Gohn (2018), a partir de uma pesquisa realizada em sites da Internet, em redes de jovens e também de dados da mídia impressa paulista, constata as diversificadas e múltiplas ações coletivas e identifica um novo contexto de atuação e de reivindicação e jovens no Brasil. Para a autora, se trata de um renovado movimento juvenil, composto por jovens pertencentes a diferentes camadas sociais, com ideologias e princípios filosóficos diversificados. Dessa pesquisa, Gohn destacava, dentre as características desses “novos movimentos”, como chamou, a importância do protagonismo de jovens nas redes sociais, uma organização interna mais horizontalizada e postura crítica em relação ao modelo organizacional dos partidos políticos e movimentos sociais.

Nessa mesma linha, Euzébio Filho e Antônio Guzzo (2018), focalizando o que pensavam estudantes de um cursinho popular e de uma universidade pública do interior de São Paulo, jovens no contexto pós manifestações de junho de 2013, corroboram muitas das indicações de Gohn (2018), ao adotarem o conceito de consciência política, reinterpretado no plano da individualidade, ou seja, manifesta no plano da singularidade dos sujeitos. Filho e Guzzo (2018) afirmam que, mesmo identificando à época um vazio de alternativas perante a retirada de direitos sociais que se impunha, e ainda se impõe, ou a onda política conservadora que emergia, tais jovens sustentavam a pouca confiança na participação em partidos políticos ou movimentos sociais reivindicatórios, ou outro caminho participativo, como meio para superação das consequências de tal processo.

Considerando tanto as alterações conjunturais quanto as diversas nuances políticas que situam o contexto das manifestações de 2013, Spósito, Almeida e Corrochano (2020), analisaram textos acadêmicos elaborados entre 2006 e 2018 que tratavam de jovens como atores coletivos. Identificam que diversas características das ações coletivas

juvenis já se apresentavam desde o início dos anos 2000, mas, ganharam maior intensidade nos últimos anos.

Confronto político, confronto no espaço público, novo modelo de organização interna, renovação do movimento estudantil, novas modalidades de ação de produções culturais e expressão dos autodenominados “coletivos” são aspectos que se apresentam como marcas contemporâneas dos movimentos juvenis e estão presentes em todos os artigos analisados.

Nesse contexto, as pautas educacionais sempre estiveram presentes, contudo, como indicam o conjunto dos trabalhos consultados, as mobilizações de 2013 podem ser consideradas representativas de um novo ciclo de lutas no campo da educação, mais até que as ocupações secundaristas de 2015 e 2016. Isso porque 2013 marca no itinerário biográfico das e dos participantes a convergência de mudanças advindas de diferentes lutas sociais que apontam, sinteticamente, uma tentativa de enfrentamento das nefastas consequências do capitalismo neoliberal e de sua crise.

Considerando tanto as alterações conjunturais quanto as diversas temporalidades dos processos de mobilização estudados pelas autoras e autores, ressalta-se que as movimentações juvenis têm afetado de formas provavelmente inéditas os itinerários de jovens, marcadas pela ascensão das redes sociais da Internet, a preferência por formas participativas de atuação – na qual jovens se percebem contribuindo com a organização e a ação – e a desconfiança em relação às formas representativas tradicionais.

### **Considerações finais**

Esse artigo partiu de um debate sobre os itinerários e/ou trajetórias juvenis, tratando de suas construções e reconstruções. Flagram-se as tensões entre, de um lado, expectativas e projetos individuais e singulares; de outro, contextos e processos sociais, econômicos e políticos gerais, mas que em certos momentos têm percorrido o signo do contingente, do indeterminado, do imprevisível e da ambiguidade, como nas Jornadas de Junho de 2013.

Esse conjunto de protestos sociais e políticos, as Jornadas de 2013, na verdade se caracterizou durante sua latência e em suas primeiras fases como um ciclo de manifestações progressistas e autonomistas, à esquerda do espectro político do próprio governo de coalizão petista. Mas os seus desenvolvimentos se demonstraram complexos e imprevisíveis. Em parte, constituem os roteiros de movimentos progressistas nos anos seguintes. Esses movimento, inclusive, vão servir de resistência ao que vai se

caracterizar como o outro legado das Jornadas, a saber, um campo de direita e extrema-direita muito ativo politicamente, que vai se mobilizar em prol do *impeachment* de Dilma Rousseff e que vence as eleições presidenciais de 2018.

Quando ao debate feito no artigo sobre o subtema educação, os sete trabalhos tratam-na de forma ampla, para além da escola, em especial como formação política, seja essa incidental, durante o próprio protesto, seja de modo mais ou menos consciente e organizado, como dispositivo educativo. Encontramos coletivos autonomistas, como o MPL de São Paulo e o Bloco de Lutas no Rio Grande do Sul, com grande preocupação a respeito da formação política de jovens que se juntavam aos protestos ou que se desejava mobilizar (como o “trabalho de base” do MPL nas escolas públicas, que teria inclusive servido de latência ao movimento das ocupações paulistas em 2015).

Sobre as práticas políticas, de um lado Gohn (2018) traz uma leitura mais otimista, focada na horizontalidade e na valorização da participação e da diversidade, que marcaram o autonomismo da primeira fase de 2013, enquanto as redes sociais pareciam prometer uma produção mais democrática de informações. Outros trabalhos, favorecidos inclusive pela perspectiva temporal mais larga, como Euzébio Filho e Guzzo (2018) e Spósito, Almeida e Corrochano (2020), trazem mais elementos que caracterizam o cenário das práticas políticas e o uso das redes sociais como mais ambíguo e contraditório.

Os trabalhos analisados no subtema juventude e estudantes retomam assuntos do subtema educação, a saber, participação política e formação política. Mas a análise se inicia questionando a posição de André Singer (2013) a respeito do sentido dos eventos de Junho – que ele nega denominar de “jornadas” – e, portanto, das formas de atuação das juventudes brasileiras de então, tão diferentes daquelas do movimento estudantil de 1968.

Por um lado, parece haver por Singer uma deslegitimação das juventudes de 2013 – tanto do precariado, quanto da classe média –, que se choca com os impactos decisivos destes sujeitos atuantes em 2013 na história pregressa do país e nas trajetórias de vida dessas próprias juventudes. Por outro lado, Singer parece ter razão ao menos em parte ao negar ao evento o nome “jornadas”, dado que ele faz ressoar os protestos populares revolucionários do século XIX: e temos diante de nós um ciclo de protestos que abrigou, em seu principal momento, sujeitos e pautas da direita. Também, o sentido “vencedor” destes impactos potentes foram ficando mais evidentes nos anos seguintes, com a deriva do país à extrema-direita como resultado do golpe de 2016 e do moralismo

banal oriundo do apoio à Operação Lava-Jato. Ainda assim, movimentos progressistas continuaram atuantes: mesmo que incapazes de deter aquela deriva conservadora, foram muito relevantes na mobilização social que ajudou a definir a eleição presidencial de 2022.

É sobre esta última conclusão que se abrem as primeiras questões, que visam contribuir para a pesquisa de campo da investigação “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013”, a respeito de como as pessoas que participaram das Jornadas tiveram suas trajetórias – especialmente educacionais e políticas – afetadas por essa experiência repleta de lances e continuidades inesperadas, complexas e ambíguas: Como foi possível a convivência nas ruas e manifestações - ainda que quase sempre com tensões, e, por vezes, conflitos - entre sujeitos, organizações e pautas progressistas e conservadoras? Como esta convivência marcou a experiência de jovens ativistas, militantes e manifestantes em 2013 e influenciou suas trajetórias políticas?

Ainda a respeito das influências nas trajetórias de vida de jovens ativistas e militantes do campo progressista - que deram início a este ciclo e continuaram atuantes após Junho, tema da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013”: como tais jovens incorporaram – ou não – as práticas políticas inéditas e as pautas cada vez mais ambíguas em suas trajetórias políticas? Como absorveram, desde então, a relação entre redes sociais e vida social, política e pessoal?

Outra linha de questionamento deriva da discussão a respeito das identidades e subjetivações, feitas nesse artigo.

Acerca das identidades: Há influências da participação nas Jornadas nas constituições de identidades sociais como classe, gênero, orientação sexual e identidade étnico-racial? Essas influências seriam mais notáveis em situações de interações com convivência mais íntima e duradoura, como no interior de coletivos e organizações, bem como ocupações, de modo similar ao observado na pesquisa sobre as ocupações secundaristas de 2015 e 2016?

Acerca das subjetivações: Que sujeitos políticos as Jornadas construíram, esboçaram ou ao menos vislumbraram em suas experiências de dissenso e instauração momentânea da igualdade política? É possível concluir, como se fez a respeito das ocupações secundaristas, que o processo de subjetivação política foi o mais importante ou potente nas Jornadas de 2013, acima dos processos identitários? O processo de subjetivação teria igualmente aberto espaços e oportunidades para a re-construção de identidades sociais?

Em relação à educação, as questões ensejadas tratam das trajetórias educacionais tanto quanto da formação política, e nos abrem a interrogar a respeito do quanto as experiências políticas de 2013 se apresentaram em projetos educacionais e profissionais. Ou seja, haveria impacto semelhante ao que flagramos no movimento das ocupações secundaristas, que levou a grande maioria de suas e seus protagonistas à educação superior?

Nosso artigo, como anunciado, termina mais com interrogações do que respostas, neste mergulho em parte da produção acadêmica a respeito da atuação das juventudes nas Jornadas de 2013. Espera-se que tais perguntas contribuam para a compreensão das trajetórias juvenis não apenas de ativistas e militantes que nossa pesquisa pretende conhecer, mas também de outras pesquisas sobre as ações coletivas juvenis.

### Agradecimentos

1 – Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais pelo financiamento da pesquisa.

### Referências

ANDRADE, Michel Renan Rodrigues. **As manifestações de junho de 2013, no Brasil:** modos de subjetivação e as condições para uma resistência a partir da análise dos discursos, 2016 190f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade de Fortaleza, Fortaleza.

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3875465](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3875465)

ARAÚJO, Etyelle Pinheiro de. **“Não tá acontecendo nada e eles passam pra tocar um terror”** - repressão policial e construções identitárias em narrativas de manifestantes de junho de 2013, 2015, 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. [https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1311695\\_2015\\_completo.pdf](https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1311695_2015_completo.pdf)

BITTAR, Trajetórias educacionais de jovens residentes em um distrito da periferia de São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 89, p. 47-61, 2015. <https://doi.org/10.17666/308947-61/2015>

BRAGA, Lourdes Aparecida Machado; BEZERRA, Giovani Ferreira; GONÇALVES, Josiane Peres. A(s) Identidade(s) do professor de Educação Infantil: itinerários de formação. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 27, n. 64, p. 41-63, 2018. <https://doi.org/10.29286/rep.v27i64.2128>

BRAGA, Rui. Os sentidos de junho. In: \_\_\_\_\_. **A rebeldia do precariado:** trabalho e neoliberalismo no Sul global. São Paulo: Boitempo, 2017.

BRANDÃO, Zaia. A produção das elites escolares: escolas, família e cultura. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 20, n. 49, p. 15-22, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103->

49792007000100002

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**. Razões e significados de uma distinção política, 2a

ed., São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CHAVES, Sarah Nery Siqueira. **#Ocupa: uma experiência educativa**. 264f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/10415>

DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. Respeitável público...: performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 97, p. 43-55, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300004>

ESTÁCIO JUNIOR, Paulo. **Movimentos Insurgentes e Autoformação no contexto do Império e da Multidão**. 2015. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015. [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ\\_c5140ae2046851a03aaa6b02f3d54b3e](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_c5140ae2046851a03aaa6b02f3d54b3e)

EUZEBIOS FILHO, Antonio; GUZZO, Raquel Souza Lobo. A conjuntura após junho de 2013: olhares cruzados sobre participação política e resistência. **Psicologia USP**. v. 29, n. 2, p. 159-168, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420170081>

FAZZI, José Luiz. **Itinerários formativos e curriculares na Educação de Jovens e Adultos**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. 222 f. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/HJPB-7DSQPY>. Acesso em 20 nov. 2022.

GERBAUDO, Paolo. **The mask and the flag**. Populism, citizenism and global protest. New York: Oxford University Press, 2017.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**. Campinas, v. 31, n. 82, p. 117-133, abr. 2018. <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/21960>

GONÇALVES, Murilo Gelain. **Bandeiras, pedras e tambores: atuação dos anarquistas nas Jornadas de Junho a partir do Bloco de Lutas Pelo Transporte Público**. Dissertação (Mestrado Em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, 202 f. [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS\\_e2e017419f025aa70878da1753c14035](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_e2e017419f025aa70878da1753c14035)

GROPPO, Luís Antonio; SILVA, Gislene da. Jovens LGBTQIA+ e as ocupações estudantis de 2015 e 2016: pautas, experiências e subjetivação política. In: GROPPPO, Luís Antonio; SALLAS, Ana Luísa F.; SOFIATI, Flávio M. **A presença da felicidade: ocupações estudantis no Brasil em 2015 e 2016**. Curitiba: CRV, 2022.

GROPPO, L. A.; OLIVEIRA, M. A. Ocupações secundaristas em Minas Gerais: subjetivação política e trajetórias. **Educação & Sociedade**. v. 42, p. 1-18, 2021. <https://doi.org/10.1590/es.240770>

GROPPO, L. A. et al. **Coletivos juvenis na universidade e práticas formativas: política, educação, cultura e religião**. 1. ed. São Carlos/SP: Pedro & João, 2020.

HADDAD, Sérgio. Novas formas de ativismo social: o que há por trás das mobilizações de rua? O Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL-SP). **Revista e-Curriculum**. São Paulo, v.14, n. 02, p. 572-601, 2016. <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/download/27500/20354/77154>

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARTINS, José de Souza. A pauta escamoteada. **O Estado de S. Paulo**. Caderno Aliás, Um outro olhar, 29 dez. 2013, p. E8. São Paulo, 2013.

MARTINS, Marcos Francisco. La educación política a través de los movimientos sociales: notas sobre las protestas ocurridas en 2013 en Brasil. **Revista Pasos**. San José-Costa Rica, nº 161, p. 34-54, 2013. <https://irp.cdn-website.com/5be65b2b/files/uploaded/00161-Pasos.pdf>

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Singularidade e Identidade nas manifestações de 2013. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros [online]**. n. 66, p. 130-159, 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i66p130-159>.

MENIS, Paulo. **Juventude@ e as jornadas de junho**: às manifestações de rua de 2013, em Imperatriz-MA. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015. [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCB\\_4a42678a734088c9583a7176342a81f5](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCB_4a42678a734088c9583a7176342a81f5)

PEREIRA, Cláudia da Silva. Ainda somos os mesmos?: representações midiáticas da juventude em movimentos sociais, ontem e hoje. **Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 23, n. 3, 2016. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.3.22285>

PINHEIRO, Leandro R. Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre. **Cadernos IHU Ideias**, v. 15, p. 03-22, 2017. <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/260cadernosihuideias.pdf>

PINTO, Celi Regina Jardim. O que as teorias do reconhecimento têm a dizer sobre as manifestações de rua em 2013 no Brasil. **Sociedade e Estado [online]**. v. 31, p. 1071-1092, 2016. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922016.0spe0012>

PORTUGAL, Luisa. **Política e estética da política na obra de Jacques Ranciere**: duas narrativas sobre as manifestações de 2013. 2016. 124 f. Dissertação. (Mestrado em Direito). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27320/27320.PDF>

RANCIÈRE, J. **Nas margens do político**. Lisboa: KKYM, 2014.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Ed 34, 1996.

RITTER, Eduardo. Conhecimento de si mesmo e educação cidadã: do conformismo à ação nos protestos de junho de 2013. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.39, n.2, p.115-129, 2016. <https://www.scielo.br/j/interc/a/cQTMGjFCQBPndSBjNCQdXGC/?format=pdf&lang=pt>

ROSA, Roberta Soares da. **Pedagogia dos movimentos sociais**: as manifestações de 2013 como espaço de aprendizado. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015, São Leopoldo, 104 f. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3824>

SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto de. Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.020>

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 97, p. 22-40, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>

SPÓSITO, Marília P.; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Carla. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas.

**Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, e228732, 2020.  
<https://doi.org/10.1590/ES.228732>

VENERA, J. I. **Da cólera ao acontecimento junho de 2013: do que escapa à representação de Deleuze e Lacan**. 2017. 231 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2017.  
[https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/%C3%82nima\\_104605f1d4041105b924d2a3e19b03fd](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/%C3%82nima_104605f1d4041105b924d2a3e19b03fd)

## **Apêndice 2 Interpretações de pesquisadoras e pesquisadores sobre as dimensões educacionais das Jornadas de 2013: debates, sentidos e legados**

**Referência do artigo:** GROPPPO, Luís A. et al. Interpretações das dimensões educacionais das Jornadas de 2013: debates, sentidos e legados. Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro, v. 22, 2024. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2837>

**Resumo:** O artigo tem como tema as interpretações de pesquisadoras e pesquisadores a respeito dos sentidos e legados das Jornadas de 2013 no Brasil. Apresentam-se as temáticas destacadas por esses sujeitos e as suas experiências de pesquisa com 2013, além dos resultados da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013”. Foram feitas 18 entrevistas semiestruturadas, de forma presencial, no primeiro semestre de 2023. As entrevistas se justificam pela escassez de produção acadêmica sobre as dimensões educacionais das Jornadas. Como resultado, destacam-se os interesses acadêmicos em assuntos relacionados com o evento em questão, como movimentos sociais, ações coletivas e participação política das juventudes. As interpretações das e dos depoentes convergem no que se refere às causas e à dinâmica de 2013, considerado um complexo fenômeno histórico, causado pelos limites das políticas do lulismo e a insatisfação com a democracia representativa. No que tange aos legados, há divergência: alguns consideram-nos mais positivos (promovem renovação do agir político); outros, mais negativos (favorecem a ascensão da extrema direita). Como conclusão, referenda-se a importância de tratar desse tema como momento ímpar de subjetivação política de uma unidade de geração juvenil progressista nos anos 2010, assim como o legado das pautas relativas ao direito à cidade.

**Palavras-chave:** Jornadas de 2013; juventudes; formação política; pautas educacionais

Luís Antonio Groppo

Emanoely Ladeira Sigiani

Nikole Pereira Mendonça de Almeida

Lucas Costa Vieira

### **1. Introdução**

Este texto comunica os resultados da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto”. Esta pesquisa tem como objetivo geral a análise e interpretação de dimensões educacionais desse ciclo de protestos no Brasil, as Jornadas de 2013, destacando as trajetórias educacionais e políticas de jovens que foram ativistas e militantes de organizações, coletivos e movimentos que convocaram as Jornadas, bem como a formação política propiciada pelos protestos e as influências de 2013 nas políticas educacionais nos anos vindouros.

A educação aqui é pensada em seu sentido amplo, incluindo a educação escolar ou formal, mas indo para além dela, como a educação informal e a educação não-formal. Assim, os processos de socialização política na família, na comunidade e nos movimentos sociais, por exemplo, são compreendidos como tendo dimensão educacional informal (quando não planejada ou incidental) e não formal (quando planejada mas realizada de formas distintas da escolar). Dimensões educacionais são compreendidas como as diferentes facetas que a educação, como processo de formação, assumiu durante este ciclo de protestos chamado de Jornadas de 2013; também, os impactos sofridos pelas pessoas em suas trajetórias políticas, escolares e profissionais, como efeito da experiência das Jornadas; e, enfim, efeitos sofridos nas políticas educacionais em decorrência dos protestos, como a influência de suas pautas de caráter educacional.

Segundo Gerbaudo (2017), as Jornadas de 2013 no Brasil fazem parte de um ciclo global de protestos dos anos 2010. Destacam-se como latência das Jornadas o tema do transporte público e o Movimento Passe Livre (MPL) e o tema das obras para os megaeventos esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas) e Comitês Populares da Copa (CPCs). (DOWBOR; ZWAKO, 2013). A dinâmica dos eventos na capital paulistana, mesmo tendo sido precedida pelo movimento de Porto Alegre, tem sido eleito como marco cronológico e interpretativo do ciclo de protestos de 2013: manifestações fazendo uso da ação direta, organizadas pelo MPL, sofrendo forte repressão; a repressão desmedida provoca apoio da opinião pública e os governos atendem a pauta da revogação do aumento da tarifa; mas os protestos continuam e se massificam rotundamente, na segunda metade de Junho, agora com o apoio da mídia comercial. Os protestos ganham outras grandes cidades país afora e chegam mesmo a se interiorizar.

Comunicam-se resultados da análise de 18 entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores das Jornadas de 2013 no Brasil. O objetivo das entrevistas era suscitar

reflexões e provocar ideias ou hipóteses significativas das e dos depoentes a respeito de aspectos educacionais das Jornadas de 2013.

Estas entrevistas se justificam pelo fato de que, tanto na pesquisa exploratória, quanto na primeira fase da pesquisa (de caráter bibliográfico), se constatou pequena produção abordando explicitamente as dimensões educacionais das Jornadas, tendo se notado diversas lacunas a serem investigadas sobre esse ciclo de protestos. As entrevistas foram bem-sucedidas na sua intenção de provocar reflexões, ideias e hipóteses sobre as dimensões educacionais de 2013. O texto tem a intenção de sistematizar e analisar os principais resultados destas entrevistas, no que se refere à forma como as e os depoentes abordaram as Jornadas, que interpretações fizeram dela e quais os legados identificam para o tempo presente.

## **2. Metodologia e realização das entrevistas**

As entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores que fizeram trabalhos importantes sobre as Jornadas foram de caráter semiestruturado. Compreende-se a entrevista semiestruturada como uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento”. (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 188). A abordagem da pessoa entrevistada, a condução da entrevista e as preocupações com a intersubjetividade se baseiam na proposta da entrevista reflexiva segundo Szymanski (2004).

As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e julho de 2023, de modo presencial, por meio da gravação de áudio, nos horários e locais de preferência de quem seria depoente. Foram conduzidas pelo coordenador da pesquisa, por professor colaborador, pelas pesquisadoras bolsistas, por mestranda e mestrando e por bolsistas de Iniciação Científica (IC) – que também atuaram no processo de transcrição das entrevistas. As pessoas que entrevistaram o fizeram quase sempre em dupla, por vezes em trio, em poucos casos de modo solo. Foram feitas 18 entrevistas, sendo que uma delas foi

coletiva (o convidado, Sérgio Haddad, trouxe mais dois pesquisadores consigo para a entrevista)..

A entrevista seguiu um roteiro preestabelecido de questões, precedidas por uma questão específica para cada pesquisadora e pesquisador, com base em um de seus produtos acadêmicos a respeito das Jornadas de 2013. Na condução da entrevista, foram feitas perguntas adicionais de esclarecimento e de aprofundamento por quem entrevistava, caso necessário e pertinente. O roteiro continha 17 questões: após a específica, questões sobre o que a pessoa depoente pesquisou a respeito das Jornadas; aspectos educacionais das Jornadas (a presença de jovens, estudantes e profissionais da educação entre ativistas, militantes e manifestantes, a formação política de ativistas e militantes, a formação política propiciada pela participação nas manifestações e influências das Jornadas nas políticas educacionais); e a relação entre as Jornadas e as transformações sociais e políticas posteriores.

Desde o projeto, esboçara-se uma lista de possíveis pessoas a entrevistar, com base na pesquisa bibliográfica exploratória. Havia a previsão de 12 entrevistas. Por meio da pesquisa bibliográfica, a lista foi sendo ampliada: primeiro, pela necessidade de substituir nomes que, ou não tiveram condições de conceder a entrevista, ou não deram retorno ao nosso contato; segundo, pela necessidade de contemplar um número mais vasto de áreas acadêmicas e tendências teóricas; terceiro, pela percepção de que era interessante e necessário considerar nomes de outras regiões fora do Sudeste (onde estava concentrada nossa lista inicial).

As entrevistas inicialmente se concentraram em São Paulo, com pesquisadoras e pesquisadores com perspectivas teóricas críticas dentro da sociologia da educação, da sociologia da juventude e da ciência política, de pesquisadoras e pesquisadores em instituições reconhecidas no campo, como Universidade de São Paulo, Universidade Federal de São Carlos e a Ação Educativa. Estas entrevistas indicaram um cenário muito

restrito aos eventos na capital paulista, com abordagens teóricas inspiradas em clássicos da sociologia, como o marxismo e o weberianismo, e posições ético-políticas que podem ser definidas como reformistas, ou seja, que valorizavam os avanços sociais no combate à miséria e pobreza durante o lulismo, mas que percebiam limites e mesmo contradições dos governos do PT (Partido dos Trabalhadores). Com a abertura para outros estados, como se verá, outras vertentes teóricas estiveram presentes, como outras interpretações mais revolucionárias do marxismo, a teoria dos processos políticos e a sociologia fiscal – mas ainda dentro de um campo ético-político progressista.

**Quadro 1:** Pesquisadoras e pesquisadores que concederam entrevistas

Nome	Área	Instituição	Estado	Gênero	Raça/cor	Ativista/militante/apoiador	Data da entrevista
Marília Pontes Spósito	Educação	Universidade de São Paulo (USP)	São Paulo	Feminino	Branca	Não	10/02/2023
Sérgio Haddad (com Gabriel Di Pierro e Renato Almeida)	Educação	Ação Educativa	São Paulo	Masculino	Branca	Não	24/03/2023
Kimi Tomizaki	Educação	USP	São Paulo	Feminino	Amarela	Não	30/03/2023
Paulo Arantes	Filosofia	USP	São Paulo	Masculino	Branca	Não	04/04/2023
Giuseppe Cocco	Ciência Política	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Masculino	Branca	Ativista Rede universitária	12/04/2023
Ana Karina Brener	Educação	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Feminino	Branca	Não	13/04/2023
Marcos Nobre	Ciência Política	Universidade Estadual de Campinas	São Paulo	Masculino	Branca	Não	14/04/2023
Maria Carla Corrochano	Educação	Universidade Federal de São Carlos	São Paulo	Feminino	Branca	Não	26/04/2023
Igor Oliveira	Educação	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Minas Gerais	Masculino	Branca	Sim Ativista do Tarifa Zero	29/04/2023
Francisco Foreaux	História	UFMG	Minas Gerais	Masculino	Branca	Sim Ativista do Tarifa Zero	29/04/2023
Francisco Tavares	Ciência Política	Universidade Federal de Goiás (UFG)	Goiás	Masculino	Branca	Sim Advogado apoiador	15/05/2023
Nildo Viana	Sociologia	UFG	Goiás	Masculino	Branca	Não	15/05/2023
Leila Saraiva	Antropologia	Universidade Nacional de Brasília	Distrito Federal	Feminino	Branca	Sim Ativista Movimento Passe-Livre	16/05/2023
Monika Dowbor	Ciência Política	Universidade do Vale do Rio	Rio Grande do Sul	Feminino	Branca	Não	23/05/2023

		dos Sinos (UNISINOS)					
Roberta Rosa	Educação	UNISINOS	Rio Grande do Sul	Feminino	Negra	Não	24/05/2023
Marcelo Kunrath da Silva	Ciência Política	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Masculino	Branca	Não	25/05/2023
Olívia Perez	Ciência Política	Universidade Federal do Piauí	Piauí	Feminino	Branca	Não	13/07/2023
Bárbara Lou Dias	Ciência Política	Universidade Federal do Pará	Pará	Feminino	Parda	Sim Advogada apoiadora	14/07/2023

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013 no Brasil”.

Para a análise dos dados do Quadro 1, quando se tratar da entrevista coletiva com Sérgio Haddad, Gabriel Di Pierro e Renato Almeida, vamos considerar apenas os dados do primeiro, que foi o entrevistado principal. Temos a predominância da Área da Educação e da Ciência Política, cada qual com 7 depoentes; com 1 depoente cada, as áreas de Sociologia, Filosofia, Antropologia e História. Há de ser feita a consideração, entretanto, de que predominaram dentro da Educação as sociólogas e o sociólogo da educação (Marília Spósito, Kimi Tomizaki, Maria Carla Corrochano, Ana Karina Brener e Igor Oliveira). Se houve equilíbrio entre os gêneros masculino e feminino – 9 depoentes cada –, predominaram as pessoas de cor branca (15), com apenas 2 negras (1 preta e 1 parda) e 1 amarela. Enfim, entre quem entrevistamos, 6 afirmaram que não apenas pesquisaram as Jornadas, mas que também participaram delas na qualidade de ativistas de coletivos autonomistas (4) ou advogada e advogado de apoio (2). Quanto às demais pessoas, 5 delas afirmaram que participaram de ao menos uma das manifestações.

Apesar do empenho em considerar todas as regiões, predominou a Sudeste (10 entrevistas), com destaque a São Paulo (6), seguido por Rio de Janeiro e Minas (2 cada); trata-se da região com a maior produção acadêmica nas ciências humanas, inclusive no tema das Jornadas de 2013. Mas a pesquisa buscou desconcentrar suas entrevistas, com 3 na Região Sul (todas no Rio Grande do Sul), 3 na Centro-Oeste (2 em Goiás e 1 no Distrito Federal), 1 no Nordeste (Piauí) e 1 no Norte (Pará). O olhar para além de São

Paulo, mesmo quando ainda restrito aos estados mineiro e fluminense, já revelava a complexidade, multiplicidade e riqueza das Jornadas, envolvendo outros sujeitos sociais e outras cronologias e dinâmicas de protesto. As entrevistas nas demais regiões do país só aumentaram essa certeza e a importância deste olhar plural sobre as Jornadas. Se o momento crucial das Jornadas – o “Junho de 2013” – teve a capital paulista como gatilho, logo se revelou empobrecedora a generalização da experiência de São Paulo para todo o país, frágil em seu suposto papel de um resumo do que foram as Jornadas.

### **3. As pessoas entrevistadas no contexto das Jornadas**

Eu lembro das imagens [...], eu lembro que a gente se reunia na minha casa [...], absolutamente fascinados para compreender, como tantos outros pesquisadores. Compreender o que estava acontecendo. (Monika Dowbor, entrevista, 2023).

Pesquisadoras e pesquisadores nos relataram, em suas entrevistas, o que motivou elas e eles a analisar as Jornadas, os temas que investigaram e as experiências vivenciadas durante estas pesquisas. Destacam-se, neste item, as motivações apontadas nas entrevistas para a busca do assunto Jornadas de 2013 no Brasil, as quais contém os temas específicos abordados e, enfim, as experiências de investigar esse ciclo de protestos.

É importante informar que duas pesquisadoras – Ana Karina Brener e Kimi Tomizaki – afirmaram que não pesquisaram as Jornadas como um tema em si mesmo, mas sim considerando-as como um processo histórico que contextualiza os temas mais afinados com as suas investigações recentes sobre juventude, gerações e política. Quatro outras pesquisadoras – Marília Spósito, Maria Carla Corrochano, Bárbara Lou Dias e Olívia Perez –, ainda que tenham se interessado mais propriamente pelas Jornadas, o fizeram por motivos semelhantes às duas anteriores, todas interessadas nas novas práticas políticas das jovens gerações, pouco compreendidas pelo mundo acadêmico (Marília Spósito) ou pelas gerações militantes adultas (Bárbara Lou Dias).

Bastante relevante nas respostas foi o reconhecimento de que 2013 se tornou um processo histórico fundamental em relação ao que era, então, seu tema de pesquisa, como Francisco Tavares e Monika Dowbor, que pesquisavam a organização dos movimentos sociais e as formas de protesto. Há também quem foi impactado não apenas pelo interesse acadêmico pelo evento, mas também pessoalmente, como Marcelo Kunrath da Silva e Nildo Viana, que, assim como Tavares e Dowbor, vinham pesquisando os movimentos sociais.

A motivação para tratar das Jornadas pode ter vindo na forma de uma provocação do mercado editorial, como é o caso de Marcos Nobre, que escreveu um pequeno livro sobre as Jornadas em relação à crise da democracia representativa (Nobre, 2013), e de Paulo Arantes, que, em livro voltado à análise do capitalismo contemporâneo, sua crise e as novas formas de resistência social, acrescentou um capítulo sobre as Jornadas (Arantes, 2014).

Há também as pessoas que eram ativistas e militantes, que chegaram ao tema justamente por sua prática política: Giuseppe Cocco, no Rio de Janeiro, tinha envolvimento com movimentos e campanhas que anteciparam as Jornadas de 2013; Francisco Foreaux e Igor Oliveira eram ativistas do Tarifa Zero de Belo Horizonte. Próxima a eles, Leila Saraiva, ativista do Movimento Passe-Livre do Distrito Federal (MPL-DF), mobilizou a Antropologia para a compreensão das experiências das e dos integrantes desse movimento. Sérgio Haddad e Roberta Rosa tiveram como motivação, justamente, analisar as práticas educacionais de outros dois movimentos, nos quais, entretanto, não eram ativistas ou militantes: o primeiro, o MPL-SP (Movimento Passe-Livre de São Paulo); a segunda, o Bloco de Lutas pelo Transporte Público de Porto Alegre.

Quatro depoentes iniciaram a sua vida na pesquisa, ao menos no nível da pós-graduação, justamente, com trabalhos a respeito das Jornadas de 2013. Não à toa,

apareceram no parágrafo anterior, entre quem era simultaneamente ativista/militante – Igor Oliveira, Leila Saraiva e Francisco Foreaux – ou entre quem investigou as práticas educativas dos movimentos autonomistas – Roberta Rosa. Já as demais 14 pessoas entrevistadas tinham larga experiência nos campos de pesquisa em Educação e Ciência Política, notadamente, tratando de temas que fizeram das Jornadas algo inevitável a se abordar.

Destacam-se, portanto, motivações acadêmicas para pesquisar 2013, por vezes no próprio calor da hora, em outros casos apenas nos anos seguintes. As Jornadas se tornam contexto obrigatório a considerar em pesquisas sobre movimentos sociais e ações coletivas, bem como para quem aborda o tema da juventude e participação política. Há também, ainda que em menor número, quem veio do campo político – do ativismo e da militância –, para o campo acadêmico: em geral, jovens que pesquisam os próprios movimentos e coletivos dos quais participavam. Entretanto, como vimos, a maioria das pessoas entrevistadas, que tiveram apenas a motivação acadêmica para pesquisar 2013, estiveram nas ruas em alguns momentos, alternando a condição observadora com a de manifestante, por vezes na situação de perplexidade diante da disputa de sentidos do protesto.

#### **4. Interpretações sobre as Jornadas**

Uma das questões cruciais do roteiro perguntava a respeito de qual tinha sido a interpretação da pessoa entrevistada a respeito das Jornadas. A mesma questão ainda interrogava se esta interpretação mudara ao longo do tempo e, caso sim, o que havia mudado.

A questão também permitiu com que fossem cotejadas estas respostas com as interpretações emanadas da revisão bibliográfica. Em nossa revisão bibliográfica, destacamos cinco campos teóricos ou paradigmáticos presentes nas interpretações:

marxismo, teoria dos novos movimentos sociais, teoria da multidão, repertório de contestação e subjetivação política. (Groppo *et al.*, 2024). Nossa análise referendou a posição teórica definida desde o projeto, a respeito da relevância de adotar como categoria chave a de subjetivação política, inspirada em Jacques Rancière (1996), assim como considerar a riqueza da noção de repertórios de contestação para mapear a diversidade das formas de atuação política e possíveis impactos na formação política das Jornadas de 2013. (Alonso; Mische, 2017).

Ainda que a subjetivação política e repertórios de contestação fossem os conceitos menos presentes em nossa revisão, eles se mostraram como potentes para atender os objetivos principais da nossa pesquisa. A subjetivação política, para a compreensão de impactos pessoais e coletivos das experiências de participação em protestos poderosos e capazes de interromper a “normalidade” da ordem social: nos termos de Rancière, a emersão da igualdade substantiva entre todas as pessoas, no que se refere ao falar e agir politicamente, considerando a política como “desentendimento” ou dissenso, capaz de enfrentar os poderes policiais que buscam defender as fronteiras artificiais estabelecidas para separar quem teria o direito e quem não teria de atuar politicamente. (Rancière, 1996). O conceito de repertório político, aplicado a 2013, apresenta os principais conjuntos de práticas de ação e organização presentes nas Jornadas de 2013 no Brasil: autonomismo, socialismo e patriotismo (Alonso; Mische, 2017), a que é preciso acrescentar uma derivação do populismo democrático radical, o “cidadanismo” (Gerbaudo, 2017).

Das 18 entrevistas, em 7 se relatou a mudança na interpretação de 2013. Entre os 4 casos considerados como “outra resposta”, três pessoas não deixaram explícito se houvera esta mudança; a resposta de Leila Saraiva é peculiar, já que ela sempre se recusou a fazer ou a adotar uma interpretação geral a respeito das Jornadas, preferindo,

sob o ponto de vista antropológico, conhecer as experiências pessoais vividas por militantes e ativistas do MPL-DF.

Em relação às 7 pessoas que afirmaram ter alterado sua interpretação sobre as Jornadas, os motivos são diversos. 3 pessoas afirmam que, inicialmente, não deram maior importância aos significados e impactos das Jornadas, mas que interesses de pesquisa posteriores fizeram com elas reavaliassem suas posições. Essas pessoas reforçam o que demonstrou no item anterior, a centralidade das Jornadas como evento histórico, com caráter heurístico para compreender contextos e causalidades em campos da realidade social como movimentos sociais, participação política e juventude. 2 pessoas alteraram a posição pela incorporação de novas categorias de análise ou campo de conhecimento como o de contramovimentos e a sociologia fiscal, o que significou, antes, uma incorporação de temas e perspectivas de análise sobre 2013, de caráter complementar, do que uma alteração na forma de compreender o ciclo de protestos.

As interpretações sobre as Jornadas, mesmo considerando as mudanças ao longo do tempo, apontaram mais convergências e complementariedades do que divergências, parecendo indicar um sistema interpretativo mais ou menos homogêneo a respeito deste ciclo de protestos, a despeito de certa diversidade das áreas acadêmicas e dos referenciais teóricos. Mesmo quem alterou sua interpretação, veio por corroborar esta interpretação mais geral, ao conceder importância maior a 2013, ou a pesquisar o evento a partir de outras abordagens. Trata-se de um resultado que se diferencia daquele que encontramos na revisão bibliográfica (Groppo *et al.*, 2023). No artigo, os referenciais teóricos adotados pareciam levar a análises mais diferenciadas. Mais importante, o fato de um produto ser feito próximo ou distante de 2013 era fundamental para uma análise mais otimista a respeito do ciclo de protestos ou não: quanto mais próximo de 2013, em especial quando feito no “calor da hora”, os produtos tendiam a exprimir uma posição

mais otimista sobre os sentidos das mobilizações; as análises posteriores tendiam a ser menos otimistas, ou então mais comedidas ou até mesmo tentando ser “neutras”.

Buscando aglutinar os conteúdos principais presentes nas interpretações oriundas das entrevistas, elaboramos a Tipologia A com as seguintes categorias: I) Complexidade; II) Novas formas políticas; III) Movimento estudantil e juvenil; IV) Expressões de crises. Foi ainda possível compor a Tipologia B, a qual trata 2013 como um processo histórico, em seus diferentes momentos: 1) Causas; 2) Caracterização; 3) Efeitos.

Em relação à Tipologia A, a categoria I (complexidade) foi a mais proeminente. A maioria das entrevistas (10) continha a descrição, geralmente inicial, das Jornadas como um fenômeno ou evento “complexo”, ou usando um termo correlato que buscava descrever 2013 como contendo diversos protestos, grupos sociais mobilizados e pautas de forma concomitante nas ruas: “polifonia de vozes”, “não monolítico”, “diversas”, “contraditória” e “várias manifestações justapostas”. Algumas respostas explicitaram a apropriação de 2013, ao menos em parte, pela direita e extrema-direita, ou de que 2013 assistiu a emergência da direita, na forma de contramovimentos.

Eu continuo achando que foi um movimento muito complexo que houve muitas camadas. Teve uma captura da mídia, em determinados setores da sociedade, para uma interpretação reacionária que, de fato, ajudou a construir um movimento da direita reacionária. [...] Não existia no país, inclusive, ninguém tinha coragem de dizer que era de direita [...]. Agora a gente vê que [...] um monte de gente diz que é de direita [...]. Isto começa em 2013, mas vem pela captura de um pedaço de 2013 e tem muitos outros pedaços, tanto é que tem um aumento da disposição de se engajar pela esquerda, por movimentos e ações progressistas. (Ana Karina Brener, entrevista, 2023).

A categoria III tratou de 2013 como um movimento estudantil e juvenil, com 7 depoentes. Entre tais, 3 depoentes trataram dos efeitos de 2013 entre jovens e 4 consideraram o ciclo de protestos como um importante marco de socialização política ou de formação política.

E hoje a minha interpretação é a de que foi um processo de abertura societária importante, foi um processo que marcou uma geração [...] Não se pode olhar para 2013 apenas a partir do impacto que teve do

ponto de vista político-institucional, essa leitura [...] muito rasa, de que Junho de 2013 deu no golpe e depois acabou. [...] tem marcas que ficam aí, para uma geração [...]. No começo eu não tinha essa interpretação muito clara, porque primeiro começa com esses jovens, essa coisa muito autonomista. Muita gente reclamava: “isso de horizontalidade não existe”. [...] Eu falava: “calma, vamos olhar o que está acontecendo, ver o que os jovens estão vivendo, quais questões estão sendo colocadas”. O próprio Movimento Passe Livre recua quando percebe para onde estava indo a coisa. (Maria Carla Corrochano, entrevista, 2013).

Não foram nem espontâneas, nem foram, vamos dizer, organizadas de uma maneira consistente, digo, com formação política, com estratégia. Elas foram muito construídas na luta. As pessoas iam fazendo, iam construindo, tomavam porrada e faziam de novo. [...] Eu acho que a repressão do companheiro Alckmin não foi brincadeira, então, não sei o quanto que essa juventude, já na vida adulta, aguentaria este processo sem uma organização mais adensada e sem uma formação que pudesse levar a outras lutas e outras categorias. Porque eu acho que nem categorias mais diretamente interessadas se uniram ao movimento de forma organizada. Ele foi mais um trabalho desse grupo de jovens. (Sérgio Haddad, entrevista, 2023).

Esta caracterização de 2013 como um movimento estudantil e juvenil parece complementar as interpretações que foram classificadas na Categoria II (novas formas políticas) e, em certa contraposição a quem descreveu as Jornadas como ciclo apropriado pela direita e extrema-direita, buscaram caracterizar de modo categórico o início das Jornadas como um movimento progressista: tratavam-se de movimentos autonomistas e, em parte socialistas, reunidos em torno da questão urbana e do direito à cidade, que promoveram a renovação democrática.

[...] foi um movimento de esquerda, progressista, que queria que houvesse uma radicalização do governo do PT [Partido dos Trabalhadores] que foi criado e se elegeu prometendo isso e que não cumpriu. E essa minha expectativa ficou cada vez mais confirmada pela narrativa que o próprio PT estabeleceu sobre 2013 no pós 2013. Porque mesmo a Dilma tendo ganhado as eleições de 2014, eles começaram a insistir que 2013 havia sido um movimento de direita, um movimento cooptado [...]. (Francisco Foreaux, entrevista, 2013).

Eu não hesitaria de maneira nenhuma, inclusive sendo um lugar-comum no campo progressista, de dizer o seguinte: Junho foi um Movimento Estudantil. Se eu penso no MPL, se eu penso na influência do MPL, se eu penso que tudo começou por causa da tarifa zero para todos os cidadãos, mas sobretudo Catraca Livre para os estudantes, e que isso foi o estopim, eu posso então dizer que foram os estudantes secundaristas organizados que fizeram Junho! Não é nenhum absurdo. É o que aumenta a complexidade deste fenômeno. Como é que secundaristas botaram fogo no país, durante uma semana pelo menos, e depois deixam a direita e a extrema-direita assumirem a

direção? A extrema direita apareceu naquela outra personagem que ninguém contava. (Paulo Arantes, entrevista, 2023).

Finalmente, na categoria IV (Expressão de crises), são citadas a própria questão urbana, ao lado de crises mais propriamente políticas: a crise da democracia representativa e a questão fiscal.

Considerando a Tipologia B, temos que o conjunto de interpretações avalia que, entre as causas de 2013 (categoria 1), estava uma importante expressão das contradições das políticas do lulismo: a questão urbana, envolvida com a ascensão da demanda pelo direito à cidade, implicando a pauta do acesso popular efetivo aos benefícios propiciados pelo patrimônio urbano e seus serviços, para o qual os custos econômicos e humanos dos sistemas públicos de transporte, em especial nos grandes centros urbanos, passavam a ser vistos como um impedimento. Não à toa, ganhou força a pauta simples mas radical – por ser inegociável – proposta pelo MPL-SP de revogação do aumento das tarifas. (Maricato *et al.*, 2013).

Havia outras contradições do lulismo que poderiam ter sido citadas nos depoimentos, presentes na revisão bibliográfica, mas que foram secundárias como conteúdo das respostas sobre a interpretação geral acerca das Jornadas: as obras para os megaeventos esportivos, implicando uso duvidoso dos recursos públicos, remoções e deslocamentos forçados de populações; efeitos limitados do acesso de jovens populares a empregos formais e à educação média e superior. (Groppo *et al.*, 2023a, 2023b). Ganharam mais destaque nas entrevistas as análises que trataram dos impasses do sistema político brasileiro, incluindo a original interpretação de Francisco Tavares acerca dos limites dos municípios na definição dos usos dos recursos públicos arrecadados e redistribuídos pela União (não à toa, foram os municípios e seus governantes os alvos preferenciais das manifestações iniciais das Jornadas, em geral quem administram os sistemas públicos de transporte nas cidades). (Tavares, 2022). As análises trataram da perda da legitimidade do sistema político-democrático representativo diante da população, em

especial de jovens, motivo de atração e sucesso de manifestações organizadas por repertórios de contestação progressistas mas desconfiados do sistema político representativo – autonomistas e socialistas críticos ao PT.

Como principal elemento a caracterizar as Jornadas (categoria 2 da Tipologia B), as respostas tratam de como jovens, ou mesmo a sociedade civil em sua plenitude, passam a considerar que o sistema político formal era incapaz de responder suas demandas efetivas, materiais (como o direito à cidade) e simbólicas (como o anseio de participação política). Esta insatisfação passa a alimentar o recurso à expressão em manifestações de rua, inicialmente pensadas pelos movimentos progressistas que a convocaram como formas de ação direta em prol de pautas muito específicas (como a revogação do aumento das tarifas), posteriormente se alargando como palco de expressão das mais diversas pautas, cada vez mais difusas e nem sempre de caráter progressista.

Segundo Marcos Nobre, o sistema político procurou se manter blindado ante os arroubos de democracia participativa da sociedade civil, causa principal, segundo ele, do avanço e vitória de candidaturas de extrema-direita, supostamente anti-sistêmicas, em 2018.

Junho de 2013, é para mim um divórcio entre o que estava acontecendo na base da sociedade e o que estava acontecendo no sistema político. Eu interpretei Junho ali, quando estava acontecendo, como um protesto contra essa maneira de funcionar do sistema político. [...]. Agora, o fato de o sistema político ter se recusado a se auto reformar, isso tem consequências para o que aconteceu depois, inclusive para a eleição de Jair Bolsonaro. (Marcos Nobre, entrevista, 2023).

As consequências de 2013 são abordadas em algumas das interpretações, em especial naquelas que, ao tratar da sua complexidade, anunciam o avanço ou o oportunismo da direita e extrema-direita. Isso se deu, em parte, ainda nas Jornadas, mas principalmente pela ocupação do vácuo criado pelas inócuas respostas do sistema político e econômico às crescentes crises anunciadas em 2013: a crise econômica oriunda da derrocada do

capitalismo global (iniciada em 2008) e a crise de legitimidade dos sistemas políticos institucionalizados.

O fato de buscarmos descentrar as entrevistas de São Paulo e mesmo do Sudeste, permitiram um entendimento mais rebuscado da historicidade do ciclo de 2013. O caso do Rio Grande do Sul é exemplar: a luta contra o aumento das tarifas do transporte público, orientada pelo repertório autonomista e com apoio de socialistas críticos ao PT, se inicia em março em Porto Alegre, organizada pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público, vitorioso; entretanto, em junho, quando começam os protestos conduzidos pelo MPL-SP, há um efeito contágio no país de manifestações (em muitos casos, também contra o aumento das tarifas, mas quase sempre com ampliação das pautas), as manifestações reiniciam em Porto Alegre; em junho de 2013, segundo Marcelo Kunrath da Silva, o Bloco tem agora de disputar o sentido dos protestos com manifestantes das mais diversas colorações ideológicas – afora a presença de jovens populares com mais interesse nos saques a lojas; em vez de deixar a “multidão orfã”, como teria feito o MPL-SP (Ortellado, 2017), o Bloco de Lutas teria permanecido nas ruas nesta disputa das pautas, tendo evitado, ao menos em Porto Alegre, maior dispersão das pautas e o fortalecimento de pautas liberais e conservadoras. Ou seja, o enredo paulistano das ruas acossadas por multidões desorientadas, em parte contrabandeadas para pautas liberais e conservadoras (Singer, 2013), não pode ser generalizado de forma apressada para todo o país.

[...] cada cidade teve uma dinâmica particular, específica. [...] Porto Alegre, a gente tem que entender que 2013 começa no final de 2012, porque já havia uma mobilização histórica nesse período, final do ano, porque é o período no qual começa a discussão sobre o reajuste da passagem, que vai ser em geral feito ali entre fevereiro e março. [...] em Porto Alegre, no final de 2012, se constitui o Bloco de Lutas pelo Transporte Público. E a ideia da Bloco, esse termo que vem do carnaval, [...] vem exatamente porque era uma convergência de grupos muito heterogêneos. Tinha grupos anarquistas, tinha grupos ligados a partidos de esquerda [...] Isso foi uma inovação naquele período. (Marcelo Kunrath da Silva, entrevista, 2023).

O exemplo do Rio de Janeiro é patente de que houve, dentro do “ciclo curto” de Junho de 2013, um ciclo mais longo, que se anuncia com a luta do Bloco gaúcho em março e tem continuidade com a radical e longa greve de docentes do município carioca e do estado fluminense, na também longa ocupação em frente da residência do governador Sérgio Cabral e até mesmo na greve dos garis durante do Carnaval de 2014 na capital fluminense. (Cava; Cocco, 2013). 2013 foi o ano com o maior número de greves, em boa parte de caráter defensivo, buscando assegurar o cumprimento de direitos ou simplesmente o pagamento de salários. (Braga, 2017). Protestos contra a Copa do Mundo têm continuidade e relativa força após Junho de 2013 e mesmo em 2014, como exemplificam os protestos em Fortaleza.

Finalmente, as entrevistas no Norte e no Nordeste narram, sobretudo, um momento de irrupção de práticas políticas juvenis alternativas, inovadoras, mais participativas e mais horizontalizadas, tendo as Jornadas servido muito mais como uma renovação das práticas políticas progressistas do que um acontecimento resumido na tese do “ovo da serpente”. Essa tese afirma que 2013 foi, tão somente, e até mesmo intencionalmente, uma preparação do caminho para o impeachment de Dilma Rousseff e a eleição do candidato da extrema-direita em 2018, temas tratados no próximo item deste artigo.

Consideramos que as entrevistas tendem a convergir em uma interpretação de 2013 como evento complexo, composto de diferentes grupos sociais em ação coletiva, fazendo uso de distintos repertórios de contestação e legitimando inúmeras pautas; percorre, entretanto, uma dinâmica semelhante à já descrita por Alonso e Mische (2017), quando nasce progressista, juntando autonomistas e socialistas críticos ao PT e mobilizando jovens das classes populares, mas depois motiva inúmeros outros grupos sociais e etários a ocupar as ruas, trazendo pautas inúmeras e difusas, mas sob forte atração de um renascido repertório patriota, com apoio da grande mídia. O reconhecimento das Jornadas como o de um intenso processo de subjetivação política,

ao menos nas fases iniciais e francamente progressistas do fenômeno, aparece em algumas das entrevistas, em especial em quem tem feito das juventudes e suas mobilizações tema de investigação. Consideramos que esta interpretação – as Jornadas como processo de subjetivação política – pode contribuir com a compreensão de uma das facetas deste ciclo de ações coletivas que, realmente, por sua complexidade, não pode ser reduzido a um único ponto; a faceta, as experiências políticas jovens ativistas, militantes ou meros manifestantes tiveram nas ruas e as influências dessas experiências em suas formações políticas.

### **5. As Jornadas e seus legados**

Uma das questões do roteiro perguntava a respeito de quais eram os legados das Jornadas e se eles poderiam ser considerados positivos ou negativos. Algo que não apareceu na entrevista-teste, portanto não sendo detectado a tempo, foi o fato de que várias das pessoas entrevistadas consideravam que o termo “legado”, por si só, tinha conotação positiva, o que ajuda a explicar diversas respostas que contestam a própria pergunta, substituem o termo legado por outro (como “consequências”, “transformações” e “heranças”) ou parecem indecisas em seu posicionamento.

Em parte, o número relativamente grande de respostas classificadas como “outros” na Tabela 1 se deve a este problema na formulação da questão. São 7 depoentes, a categoria de maior frequência. Entretanto, ao esmiuçar as respostas, verificamos interessantes elementos para nossa análise. Entre estas respostas, 3 disseram que os legados ainda estão em disputa ou não são suficientemente visíveis ainda. Apenas uma resposta diz que, do ponto de vista do seu campo de pesquisas, 2013 não deixou legados relevantes (nem positivos, nem negativos). Destaca-se aqui a posição de Francisco Tavares que, ao classificar 2013 como um “acontecimento” – de complexas conotações -, considera que a resposta sobre os seus legados vai depender da pergunta que se faça.

Junho não é o golpe que se dá depois, como Junho tampouco é a libertação da juventude contra as amarras da burocracia petista. Junho é algo como um “acontecimento”, como o Ricardo Fabrini diz [...], que condensa, que manifesta de maneira muito clara uma conflituosidade de um tempo, de modo que todas essas leituras acadêmicas têm a sua força de verdade, dependendo do tipo de problema que pretendem resolver. Então eu não posso, simplesmente, descartar as leituras mais apaixonadas, não posso descartar as leituras extremamente críticas, mas eu preciso tentar contextualizá-las quanto a que tipo de perguntas elas respondem adequadamente. (Francisco Tavares, entrevista, 2023).

**Tabela 1:** Legados das Jornadas de 2013 segundo as pessoas entrevistadas

<b>Legado das Jornadas de 2013</b>			<b>Total</b>
<b>Positivo</b>	<b>Em parte positivo, em parte negativo</b>	<b>Outros</b>	
Bárbara Dias Igor Oliveira Nildo Viana Olívia Perez Roberta Rosa	Francisco Foreaux Giuseppe Cocco Marcelo Kunrath da Silva Marcos Nobre Maria Carla Carrochano Paulo Arantes	Ana Karina Brener Francisco Tavares Leila Saraiva Kimi Tomizaki Marília Spósito Mônika Dowbor Sérgio Haddad	18
5	6	7	

**Fonte:** Pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013”.

Desta forma, é possível considerar que a proeminência da categoria “Outros” como resposta aos legados das Jornadas de 2013 se deve, antes de tudo, ao fato de que a maioria das entrevistas reconhece a complexidade deste ciclo de protestos. Vislumbra-se desde já que, se houve interpretações mais bem definidas a respeito dos sentidos de 2013 entre as pessoas entrevistadas, que inclusive tendem a confluir a respeito de suas causas e características, o mesmo não ocorre quanto às supostas heranças trazidas pelo evento. As entrevistas reconhecem a disputa intensa dos sentidos de 2013 quanto à história pregressa do país, retratam a diversidade de interpretações feitas e suas relações tensas com o próprio campo político-partidário – diante da interpretação de que 2013 continha tão somente o “ovo da serpente”, feita pelo PT, interpretação a um tempo poderosa entre as esquerdas (mas não de todo hegemônica), em parte frágil diante das análises acadêmicas e evidências históricas.

Como dito, entretanto, apenas 1 depoente considerou que as Jornadas não tiveram legado ou impacto consequente – sendo que ela apenas se referiu ao seu campo de pesquisa, das políticas públicas. Demais depoentes se dividiram entre quem apontou legados considerados por elas e eles como positivos (5 pessoas), e entre quem apontou legados em parte positivos, em parte negativos (6 pessoas).

Ao listar os aspectos positivos citados por estas 11 pessoas – as 6 que indicaram também aspectos negativos, mais as 5 que apenas indicaram legados positivos – podemos dividir esses legados em duas categorias: legados relacionados às pautas; e legados relativos à participação política, esses mais abundantes nas respostas. Em relação às pautas, que se veriam influentes não apenas em novos movimentos sociais, mas nas políticas públicas e até mesmo nas campanhas eleitorais, temos, basicamente, a visibilidade de pautas novas ou outrora pouco visíveis, como o transporte público, incluindo o avanço do tema da tarifa zero, a mobilidade urbana e o direito à cidade. Em relação à participação política, os legados citados são: continuidade de manifestações progressistas, demonstração da capacidade de mobilização popular, reconhecimento pelas novas gerações do potencial das mobilizações juvenis, ampliação das possibilidades de participação política das pessoas, com o questionamento das formas tradicionais de fazer política, politização da sociedade civil, aprendizado do fazer político no espaço público e de instrumentos das políticas públicas sobre o espaço urbano, proliferação e diversificação dos coletivos e descoberta de que é possível fazer mudanças por meio da política, o que trouxe “a abertura de horizonte para a esperança” (Paulo Arantes).

[...] essa questão do transporte público se tornou central. E hoje você tem prefeituras que têm uma preocupação essencial com a questão do transporte público e do acesso ao transporte público, ainda muito precarizado. Mas já se fala em gratuidade de uma maneira mais tranquila, uma coisa que era inimaginável. Então se colocaram pautas em 2013, que ficaram. No espaço público, nas políticas públicas. (Bárbara Lou Dias, entrevista, 2023).

[...] muitos jovens foram socializados politicamente em 2013 com essa ideia de antipolítica institucional, antissistema. [...] Eu trabalho com os legados de junho de 2013 e a formação do que a gente disse que são novas formas de organização, embora tenha uma novidade, carrega muito de ideias antigas, que é essa crítica à hierarquia das instituições políticas tradicionais, como os partidos políticos, e um recado de que todas as instituições políticas devem ser abertas, abertas à diversidade, à entrada de mulheres, negros, jovens, moradores de periferia, de modo interseccional. (Olívia Perez, entrevista, 2023).

Os pontos negativos citados giram em torno da ascensão da direita e extrema-direita nos anos seguintes, com depoentes adotando posições tais como: considerar que o que foi feito (ou não foi feito) da energia popular desperta nas Jornadas é que pavimentou o avanço da direita nos anos seguintes, como a forma como o PT lidou com as demandas das Jornadas após sua vitória eleitoral em 2014 e como o sistema político se blindou contra as reformas exigidas pela sociedade civil; considerar que 2013 promoveu transformações sociais e políticas que favoreceram a médio prazo a extrema-direita, na forma de contramovimentos que se opuseram às pautas progressistas dos movimentos que iniciaram as Jornadas ou que cresceram graças a elas; e considerar que a fase massiva das Jornadas ampliaram a visibilidade da extrema-direita ou possibilitaram sua ascensão, incluindo o aprendizado por este campo político de formas espetaculares do uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

Eu acho que o movimento de junho era irrepresentável e não foi representado por ninguém, e esse é um dos enigmas, e aí se tem todo um debate se ele foi constituinte; com certeza ele foi desconstituinte. Agora, [...] o fato de ser irrepresentável fez com que nenhuma força política conseguisse representar, aqui no Rio pelo menos – o PSOL [Partido Socialismo e Liberdade] tentou lidar com junho, até apoiar os ativistas, os miniativistas, mas não conseguiu representar esse momento, ninguém conseguiu – e em cima disso, o movimento foi pacificado com sucesso pela hegemonia Lula ou petista, poderíamos dizer. (Giuseppe Cocco, entrevista, 2013).

Tal qual se observou na caracterização das interpretações acerca das Jornadas, a categoria com a segunda maior frequência na Tabela 1 – 6 depoentes que apontaram legados tanto positivos quanto negativos –, ao ter suas respostas analisadas, narram a história de um ciclo de protestos que é inicialmente progressista, capaz de trazer pautas inovadoras – como a mobilidade urbana e o direito à cidade –, bem como de propor e

efetivar novas formas de participação política, mas que acabou abrindo espaços ou pavimentando vias que ajudaram na ascensão da extrema-direita na política nacional. Entretanto, a posição de 5 depoentes que listaram apenas aspectos positivos abre espaço para uma interpretação mais otimista das Jornadas, a qual busca também dissociá-las do avanço da extrema-direita nos anos seguintes, e até mesmo dissociá-las da ameaça de derrocada do próprio sistema democrático representativo (por meio de um duvidoso processo de impeachment que afastou Dilma Rousseff em 2016).

A categoria mais proeminente, a dos “Outros”, apresenta a complexidade das Jornadas como justificativa para não ser possível apontar taxativamente heranças positivas ou negativas de 2013, considerando também que tal resposta necessita de determinado ponto de vista para ser respondida, ou seja, deve ser feita a partir de um determinado problema de pesquisa, e não de forma genérica.

## **6. Considerações finais**

Este artigo comunicou os principais resultados da pesquisa ““Dimensões educacionais das Jornadas de 2013: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto”, quando 18 pesquisadoras e pesquisadores concederam entrevistas nas quais foram provocadas reflexões, hipóteses e considerações acerca das dimensões educacionais deste ciclo de protestos.

Como visto, entre os resultados destacam-se, primeiro, as necessidades acadêmicas de interpretação de 2013 para dar conta de temas de pesquisa, como movimentos sociais, ações coletivas e participação política das juventudes. Estas interpretações convergem nas causas apontadas e na complexa dinâmica do ciclo de protestos, se distinguindo um pouco mais no que se refere à avaliação dos legados das Jornadas. Elas permitem formular importantes considerações para a pesquisa, a respeito dos processos de formação política de jovens e a configuração de demandas no campo da educação.

A se considerar o objetivo geral da presente pesquisa, que trata das dimensões

educacionais das Jornadas, as respostas dadas pelas entrevistas indicam interessantes resultados, a respeito das percepções das e dos pesquisadores sobre 2013. Esses resultados, cotejados com algumas referências bibliográficas tratam, primeiro, de socialização política ou formação política de jovens propiciada pelas Jornadas; segundo, das inovações trazidas pelas pautas de 2013.

Sobre formação política ou socialização política promovida entre jovens pela experiência de participar de 2013 promoveram nas pessoas temas, de um lado, a constituição de uma unidade de geração progressista que realizou ou inspirou novos movimentos juvenis progressistas (Corrochano; Dowbor; Jardim, 2018), como as ocupações de escolas em 2015 e 2016, e que esteve na contramão do avanço da extrema-direita, tentando evitar a eleição da candidatura vencedora em 2018 (na campanha Ele Não!) e se organizando contra a reeleição do presidente em 2022, agora com mais êxito. De outro, o fato de uma enorme quantidade de pessoas irem para as ruas, em especial ao longo de junho de 2013, sem maiores definições acerca das pautas que as mobilizavam, nem os objetivos dos protestos, pode ter levado a um desejo de participação política que foi canalizado, nos anos seguintes, por candidaturas e pautas da direita e extrema-direita, que se apresentaram como se fossem antissistema. De toda forma, tratam-se de legados que significaram maior politização da sociedade civil e das jovens gerações, muitas vezes se orientando aos extremos do espectro político: a extrema-direita, capaz de eleger muitas de suas candidaturas; tendências autonomistas e socialistas à esquerda do PT, que vieram a apoiar ou a se aliar, afinal, ao menos no segundo turno do pleito, às candidaturas do PT à presidência desde 2014.

A respeito das pautas ou demandas educacionais que ficaram como legado das Jornadas, as mais explícitas nas respostas, espelhando a sua força na fase inicial de 2013, estiveram ligadas ao transporte público e, como derivação, ao direito à cidade. Pautas educacionais apareceram de forma genérica na fase massiva, ou, antes, como

justificativa para as críticas ao uso dos recursos públicos para financiar os megaeventos, em especial na construção de estádios para a Copa do Mundo (“Queremos escolas e hospitais padrão Fifa!”). O ímpeto progressista das pautas e demandas educacionais das Jornadas parece ter sido muito presente nos movimentos de ocupações de escolas nos anos seguintes, ainda que tenham sido campanhas, sobretudo, de rechaço a políticas educacionais regressivas propostas por governos estaduais e pelo governo do recém-empossado Michel Temer, após o impeachment de Dilma Rousseff.

Estes resultados, no que se referem às experiências de formação política da juventude e às pautas inovadoras, referendam a relevância da abordagem das Jornadas desde o conceito de subjetivação política de Jacques Rancière (1994). 2013 é um momento de afirmação de sujeitos políticos – jovens que organizam e engrossam manifestações do MPL, por exemplo – e que prepara novos momentos – como o das ocupações estudantis de 2015 e 2016 e suas e seus “secundas” ou “ocupas”. 2013 também é um momento de politização (ou re-politização) de temas de interesse público que haviam sido mantidos nas mãos de tecnocratas ou de oligarquias de alcova, em especial o transporte público; a pauta da redução das tarifas e a capacidade de jovens ativistas contestarem tecnicamente as planilhas de custo do transporte público levaram à legitimação de um novo direito social, o “direito à cidade”, importante legado das Jornadas para os anos seguintes.

## Referências

- ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. *Bulletin of Latin American Research*. v. 36, n. 2, p. 144–159, 2017. DOI: 10.1111/blar.12470. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/blar.12470>. Acesso em 24 mar. 2023.
- ARANTES, Paulo. Depois de junho a paz será total. In: \_\_\_\_\_. *O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 353-460.
- BRAGA, Rui. Os sentidos de junho. In: \_\_\_\_\_. *A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- CAVA, Bruno; COCCO, Giuseppe. (Organizadores). *Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou*. São Paulo: Annablume, 2014.
- CORROCHANO, Maria Carla; DOWBOR, Monika; JARDIM, Fabiana. Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? *Laplage em Revista*. v. 4, n.1, 2018, p.50-66. Disponível em: <https://doi.org/10.24115/S2446-6220201841436p.50-66>. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003047777>. Acesso em 24 mar. 2023.

- DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. Respeitável público...: performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 97, p. 43-55, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300004>. Acesso em 5 maio 2022.
- GERBAUDO, Paolo. *The mask and the flag*. Populism, citizenism and global protest. New York: Oxford University Press, 2017.
- GROPPO, Luís A. Interpretações dos sentidos de Junho, da luta de classes à subjetivação política. *Revista Eletrônica Interações Sociais*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 75-97, 2024. DOI: 10.14295/reis.v6i2.15566. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/15566>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- GROPPO, Luís A. *et al.* Jornadas de Junho de 2013 e repertórios de contestação: do autonomismo à ambiguidade. In: OLIVEIRA, Gustavo; DOWBOR, Monika. (orgs.). *Movimentos sociais e autonomias: imaginação, experiências e teorias na América Latina*. Marília: Lutas Anticapital, 2023a, cap. 6, p. 203-244.
- GROPPO, Luís A. *et al.* Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013. *Educação e Pesquisa*, v. 49, e271463, 2023c. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271463por>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/F3T5RGp4hKpXsnvCxmX55RC/>. Acesso em 20 jan. 2024.
- LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. *A construção do saber*. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MARICATO, Ermínia *et al.* *Cidades rebeldes*. Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do país. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.
- NOBRE, Marcos. *Choque de democracia: razões da revolta*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.
- ORTELLADO, Pablo. “Cidadanismo” interrompido. *Folha de S. Paulo*, 20 jun. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/06/1894308-cidadanismo-interrupted.shtml>. Acesso em 10 fev. 2021.
- RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 97, p. 22-40, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/6WV7TBcKVrbZDdb7Y8mFVZp/>. Acesso em 20 jan. 2021.
- SZYMANSKI, Heloisa (org.). *A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro, 2004.
- TAVARES, Francisco M. M. Tributos importam: Junho de 2013 sob o olhar da sociologia fiscal. In: TAVARES, Francisco M. M.; BALLESTRINI, Luciana; MENDONÇA, Ricardo F. (orgs.). *Junho de 2013: sociedade, política e democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2022, p. 111-140.

### **Apêndice 3 Formação política de ativistas e militantes nas Jornadas de 2013: experiências e subjetivação política**

**Referência:** GROPPPO, L. A. et al. Formação política de ativistas e militantes nas Jornadas de 2013: experiências e subjetivação política. **Pro-Posições**, artigo submetido, 2025.

**Resumo:** Este artigo analisa os sentidos atribuídos por militantes e ativistas às suas experiências nas Jornadas de 2013 no Brasil e como elas impactaram suas formações políticas. A partir da perspectiva de Jacques Rancière, investiga-se como essas vivências expressam a política como dissenso e processos de subjetivação política. A metodologia baseia-se em entrevistas semiestruturadas com 37 participantes de sete estados. Os resultados indicam que as ações coletivas de 2013 revelam a potência e profundidade do movimento, marcando seus participantes apesar da repressão. Contudo, a diversidade de pautas e a ambiguidade ideológica levam parte das pessoas entrevistadas a relativizar a importância histórica de 2013, influenciada pelos desdobramentos políticos a partir de 2016.

**Palavras-chave:** Jornadas de 2013, formação política, subjetivação política, ativismo, militância, experiências.

Luís Antonio Groppo  
Josefa Alexandrina Silva  
Emanoely Ladeira Sigiani  
Gislene da Silva  
José Daniel Coutinho Silva  
Joana Marins Vianna  
Fernanda Milan de Carvalho  
Mariana Calvi dos Santos

### **Introdução**

Este artigo tem como tema a formação política de ativistas e militantes nas Jornadas de 2013, com o objetivo de interpretar os significados atribuídos por esses sujeitos às experiências vivenciadas durante aquele contexto e como elas impactaram a sua formação política - entendida como uma combinação entre processos de socialização política (realizada por família, escola e outras instituições) e de subjetivação política. As Jornadas de 2013 no Brasil inserem-se no ciclo global de protestos que marcaram a década de 2010 — a chamada “revolta das praças”, conforme denomina Gerbaudo (2017). Esse ciclo teve como pano de fundo a crise econômica iniciada em 2007 e a consequente crise de legitimidade dos sistemas políticos, agravada

pela incapacidade dos governos em responder de forma satisfatória aos impactos sociais da crise.

Entre os principais movimentos que compõem esse cenário internacional, destacam-se: a Primavera Árabe (Tunísia, 2010), a Geração à Rasca (Portugal, 2011), o movimento dos Indignados (Espanha, 2011), o Occupy Wall Street (Estados Unidos, 2011), o Nuit Debout (França, 2016), o Estallido Social (Chile, 2019) e, no Brasil, as Jornadas de 2013. No caso brasileiro, as manifestações tiveram como estopim a questão urbana, especialmente o aumento das tarifas do transporte público e os impactos das obras para os megaeventos esportivos — como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Esses temas pautaram a atuação do Movimento Passe Livre (MPL) e motivaram a criação dos Comitês Populares da Copa (CPC) a partir de 2010 (DOWBOR; SZWAKO, 2013).

A metodologia da pesquisa envolveu, em um primeiro momento, uma revisão bibliográfica de 144 trabalhos acadêmicos (artigos, livros, capítulos, dissertações e teses) que abordavam dimensões educacionais das Jornadas: participação juvenil, influências escolares, formação política, uso das redes sociais e os sentidos atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Constatando-se a escassez de estudos que tratassem diretamente desses aspectos educacionais, foram realizadas 18 entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores das Ciências Humanas com produção relevante sobre o tema, a fim de aprofundar hipóteses surgidas na revisão.

A terceira etapa da investigação, foco deste artigo, consistiu na realização de 37 entrevistas semiestruturadas com pessoas que, à época, atuavam como militantes e ativistas em organizações, movimentos e coletivos que convocaram ou participaram ativamente das manifestações de 2013. Com base na concepção de política como dissenso proposta por Jacques Rancière (1996), parte-se da ideia de que as Jornadas podem ser compreendidas como momento de irrupção da subjetivação política.

A questão que orienta este estudo é: até que ponto as experiências de ativistas e militantes nas Jornadas, em sua maioria jovens, permitem descrever as Jornadas como momento da política como dissenso e como processo de produção de subjetivação política? Essa questão implica em pensar o quanto as experiências vividas neste ciclo de protesto impactaram suas formações políticas e, conseqüentemente, suas trajetórias sociais. O recrutamento das pessoas entrevistadas se deu a partir das redes de contato acadêmicas e políticas estabelecidas pela equipe de pesquisa, que contou com a

colaboração de pesquisadoras e pesquisadores de diversos estados. As entrevistas foram realizadas entre 2023 e 2024, com participantes de 7 estados brasileiros: Rio Grande do Sul (RS), São Paulo (SP), Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), Ceará (CE), Goiás (GO) e Pará (PA).

## **Metodologia**

A prioridade das entrevistas era contemplar jovens que eram estudantes em 2013. Contudo, ao longo do percurso da pesquisa e das viagens realizadas, estabelecemos contato com pessoas que já eram adultas naquele período e demonstraram interesse em participar. Diante da relevância da atuação desses sujeitos nas manifestações, optamos por incluí-los, de modo a proporcionar um olhar intergeracional na pesquisa e permitir a comparação de experiências distintas conforme as categorias etárias de pertencimento. Para a criação do presente artigo, foi formado um Grupo de Trabalho (GT), composto pelas autoras e autores do artigo para analisar os seguintes temas:

- 1) *I) a questão disparadora* (“O que te levou a participadas das Jornadas de 2013?”);
- 2) *II) a experiência de participação nas Jornadas, com as perguntas:*
- 3) “6- Como foi a sua forma de participação nas Jornadas?
- 4) 7- O que significou para você então, em 2013, esta participação? Esse significado mudou com o tempo para você?
- 5) 13- Quais foram as principais dificuldades que você e o coletivo ou organização em que atuou enfrentaram durante as Jornadas?
- 6) 14 - Vocês enfrentaram a repressão policial durante as Jornadas? Comente.
- 7) 17 - Você avalia que o movimento foi vitorioso onde você atuou? Por quê?”;
- 8) *III) o impacto das Jornadas na formação*, por meio da pergunta: “21- Defina, em uma palavra, o que as Jornadas representaram para você.”

A primeira etapa da análise envolveu o tratamento dos dados, ou seja, a seleção de informações e trechos de relatos considerados mais relevantes, organizados em quadros, tabelas e listas. Cada integrante do GT ficou responsável pelo tratamento de uma ou mais questões, e os resultados foram discutidos e revisados coletivamente em reuniões do grupo, com a orientação de membros mais experientes. Em um segundo momento, os mesmos integrantes que realizaram o tratamento inicial procederam com a primeira análise dos dados, aprofundando as interpretações a partir das categorias temáticas propostas.

## **Subjetivação política**

A pesquisa observou diversos processos formativos que contribuem para a formação política dos sujeitos, entre eles os coletivos juvenis, os movimentos sociais e a participação em protestos. Para pensar a formação política, o estudo adota uma concepção de educação que inclui a escola, a educação informal e a educação não formal (Trilla, 2008; Autor et al., 2020). Tais processos abarcam diferentes momentos da vida, embora o campo da socialização política tenda a privilegiar as instituições mais destacadas da educação formal e informal, como a família e a escola.

Os estudos sobre socialização política evidenciam a importância de processos cumulativos que constituem ideias, valores e hábitos considerados imprescindíveis pelas instituições políticas para a atuação na vida pública (Tomizaki, Carvalho-Silva & Silva, 2016). Esses estudos também têm considerado outras instâncias de socialização, como os movimentos sociais, que possibilitam o acesso a formas alternativas de percepção da realidade social e política. Rosa (2015), sobre o Bloco de Lutas em Porto Alegre) e Haddad (2016), sobre Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL-SP), demonstram que a noção de socialização política contribui para compreender a influência da participação em manifestações na formação política dos sujeitos.

Sem desconsiderar a importância desses processos cumulativos, o conceito de subjetivação política nos ajuda a conceber que a participação em ações coletivas implica uma ruptura nos processos lineares de socialização política. Segundo Rancière (1996), a subjetivação política emerge durante a política como desentendimento, momento em que os sujeitos desafiam a ordem social estabelecida e seus pressupostos sobre desigualdades naturais ou adquiridas entre as pessoas.

A política como desentendimento exerce impacto profundo e radical nas subjetividades de quem a protagoniza, colocando essas pessoas numa posição questionadora acerca de quem detém ou não direito à fala e à ação política. Ao se fazerem vistos e ouvidos, os sujeitos vivenciam um processo de desidentificação em relação aos papéis subalternizados, produzindo um abalo na ordem social e institucional. O ato político provoca o dissenso e revela a igualdade política entre as pessoas, construindo sujeitos políticos por meio de ações contestadoras realizadas por quem tinha recebido até então o rótulo de incapaz de atuar politicamente. A política do desentendimento propicia às pessoas a quem este espaço era negado uma experiência

singular de participação política, constituindo-as como sujeitos sociais e políticos (Reguillo, 2017).

2013 foi um ciclo de protestos que constituiu um momento de dissenso e de subjetivação política, apesar da complexidade das Jornadas, marcadas pela diversidade de grupos sociais, pautas e ideologias que, em certos momentos, se mostraram contraditórias entre si (Autor et al., 2023). As análises e interpretações desenvolvidas neste artigo buscam demonstrar como se deram as experiências políticas dessas pessoas e os significados que atribuíram ao ano de 2013. Nesse sentido, categorias de análise como a política do desentendimento, os instrumentos de garantia da igualdade de fala e ação, a formação de coletividades, a desidentificação, a reidentificação e as influências nas trajetórias são fundamentais para a interpretação dessas experiências no contexto dos ciclos de protestos.

### **Caracterização de ativistas e militantes e a subjetivação política**

A pesquisa entrevistou 37 pessoas que, em 2013, atuavam como ativistas e militantes de organizações e movimentos envolvidos naquele ciclo de protestos, distribuídas em sete estados brasileiros: Pará (3), Ceará (4), Goiás (5), Rio Grande do Sul (6), Minas Gerais (6), Rio de Janeiro (7) e São Paulo (6). Dentre essas 37 pessoas, 10 eram adultas à época e 27 eram jovens (com idades entre 16 e 29 anos), o que possibilitou uma análise comparativa intergeracional das experiências nos protestos.

Quanto à identidade de gênero, entre os participantes que se autodeclararam do gênero masculino, 16 eram jovens e 3 adultos; do gênero feminino, 12 eram jovens e 6 adultas; e houve uma pessoa adulto não binária. No que se refere à orientação sexual, 7 jovens se declararam bissexuais; 17 jovens e 9 pessoas adultas, heterossexuais; 1 jovem, pansexual; e 1 pessoa adulta, não binário.

A forma de atuação dos sujeitos que participaram dos protestos, em 2013, revela diferentes vínculos com organizações políticas e sociais. Entre as pessoas entrevistadas, 18 eram militantes, isto é, participantes de juventudes partidárias, partidos políticos e entidades estudantis — incluindo grêmios escolares da Educação Básica —, organizações com repertório de contestação vinculado à tradição socialista. Conforme a lista abaixo:

2. Militantes do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL): Amiel/CE, Conceição/PA, Dandara/SP, Emanuel/MG, Luís Gama/RJ, Rosa/SP, Santiago/CE e Tales/CE.

3. Militantes da União da Juventude Revolucionária (UJR): Wanda/PA.
4. Militantes do Partido dos Trabalhadores (PT): Marcos/MG.
5. Militantes do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU): André Rebouças/RS e Joana/MG.
6. Militante da União da Juventude Socialista (UJS): Honestino/GO, Jorge/PA e Márcia/RS.
7. Militante do movimento sindical e juvenil: Hugo de Leon/RS.
8. Militante do Levante Popular da Juventude (LPJ): Karine/RS.

As e os ativistas, por sua vez, apresentaram formas mais diversas de engajamento. Onze participantes eram autonomistas, por sua ligação a coletivos e movimentos com repertórios inspirados no autonomismo e no anarquismo.

- André Martins/ SP: Criou com um amigo o evento Pula Catraca, que deu origem ao coletivo de mesmo nome.
- Antônio/GO: Ativista da Frente de Lutas pelo Transporte (Frente de Lutas).
- Carlos/GO: Atuou na Frente de Lutas.
- Emílio/SP: Ativista do Movimento Passe Livre – São Paulo (MPL-SP).
- Juliana/SP: A partir da cobertura dos atos, se engajou na Ocupa Alckmin.
- Luan/MG: Anarquista. Atuou junto ao Coletivo Mineiro Popular.
- Lucimar/RJ: Manifestante nas Jornadas e na greve de docentes. Ativista da “Greve dos Garis” em março de 2014.
- Luis/SP: Ativista do MPL-SP.
- Pedro/MG: Ativista da APH e do Comitê Popular dos atingidos pela Copa do Mundo (CPC) em Belo Horizonte.
- Zumbi dos Palmares – RJ: Liderança da “Greve dos Garis” em março de 2014.

Já os independentes, cinco no total, eram pessoas sem vínculo formal com organizações, mas que participaram ativamente dos atos.

Artemis/RS: Atuou nas Jornadas a partir de sua proximidade com o movimento estudantil.

Irma/MG: Atuou a partir do movimento estudantil e de sua proximidade com o Levante Popular da Juventude (LPJ).

Marta/RJ: Apoiadora do coletivo Redes e Ruas.

Samantha/RJ: Atuou como midiativista nas transmissões ao vivo das Jornadas.

Teresa/GO: Participou de atos de brasileiras e brasileiros na Austrália em apoio às Jornadas.

Além desses grupos, 2 pessoas estavam inseridas em movimentos territoriais: Carolina Maria (RJ), que lutava contra a repressão policial nas comunidades; e Rita (CE), que se mobilizava contra obras que ameaçavam remover a população de seu bairro. Outras 2 participantes foram classificadas como apoiadoras, atuando na defesa dos direitos de manifestantes: Jota (GO), por meio de um Centro de Direitos Humanos, e Patrícia (RJ), integrante de uma rede de advogados e advogadas.

A análise das respostas dadas às questões do roteiro selecionadas para este artigo visa conhecer as experiências dos participantes nas Jornadas de 2013, abrangendo tanto a dimensão coletiva quanto a subjetiva de atuação política.

Iniciamos a análise tratando do que, no roteiro, é na verdade a última questão, a 21: “Defina as Jornadas em uma palavra”. Na busca por indícios da subjetivação política, foi criada uma nuvem de palavras, apresentada na Figura 1. Das 37 pessoas entrevistadas, duas citaram duas palavras; outras duas, expressões. Apenas uma pessoa não respondeu (André Rebouças, RS).

**Figura 1:** Nuvem de palavras a partir da resposta à questão: “Defina as Jornadas em uma palavra”.



Fonte: Pesquisa

A palavra “esperança” foi a única a se repetir (4 vezes). Palavras como “possível e possibilidade” apresentam proximidade tanto nos significantes quanto nos significados, assim como os pares “mobilização” e “movimentação”. Em sua maioria, palavras e expressões têm conotação positiva, abordando principalmente emoções, sentimentos e qualidades atribuídas pelos participantes à experiência vivida - além de esperança, coragem, inspiração, persistência, reflexão, resiliência, vivo - ou fazendo descrições dos protestos - desenvolvimento, experiência, foda, insurreição, intensidade, luta, organização política, resistência, revolta, ruptura. Em três casos, os termos remetem às consequências de 2013, como abertura, aprendizado, amadurecimento e a luta não acabou. Já as palavras com conotação ambígua ou negativa são minoria, mas relevantes, pois indicam a complexidade das Jornadas; elas descrevem 2013 com os termos caótica, complexo, confusão, contradição, encruzilhada, explosão e perigosa. No caso de “exaustão”, ele pode se referir tanto às consequências do ciclo quanto às emoções vivenciadas após os eventos.

A nuvem de palavras revela que as Jornadas foram vivenciadas, pela maioria das e dos participantes da pesquisa, como uma ruptura significativa da “normalidade” política institucional – desafiando os poderes da “polícia”, nos termos de Rancière (1996) – e como uma experiência de subjetivação política, expressa nas emoções e sentimentos mobilizados pela memória dos eventos. Por outro lado, os termos remetem à ambiguidade, à complexidade e até os aspectos negativos de 2013, apontando para outras dimensões a serem consideradas quando se faz a caracterização do ciclo como uma possível vivência da política como desentendimento, quanto em sua potência de gerar processos de subjetivação política.

De toda forma, tal como revela Emílio (SP), na expressão escolhida – “A insustentável leveza do ser” –, as Jornadas tiveram, para ele e várias outras pessoas entrevistadas, um efeito semelhante ao da Primavera de Praga e da “normalização” imposta pela União Soviética às personagens do romance de Milan Kundera: “vidas atropeladas”. (Emílio, SP).

### **Motivações e significados de 2013**

Para compreender as motivações das e dos participantes, foi analisada a seguinte questão: “O que te levou a participar das Jornadas de 2013?” Como mencionado na introdução deste artigo, as pessoas entrevistadas possuíam alguma trajetória política, ainda que estivessem apenas iniciando sua atuação em partidos políticos, juventudes partidárias, organizações, coletivos, grêmios estudantis e/ou movimentos sociais. Das

37 pessoas, 25 atribuíram sua motivação à trajetória política, especialmente à militância em partidos e juventudes partidárias (15), em movimentos sociais e estudantis (6), grêmios estudantis (2) e em manifestações anteriores (1). Essas experiências políticas foram relevantes para orientar sua participação nas Jornadas, fazendo com que 2013 também se configurasse como um encontro de lutas e uma constelação de organizações e repertórios.

Diversas pautas também motivaram a participação desses sujeitos, como a luta contra remoções de moradias devido a obras da Copa do Mundo (Rita, CE; Santiago, CE), a busca por justiça pela morte do pedreiro Amarildo (Carolina de Jesus, RJ), o direito à cidade (Irma, MG) e o “apoio aos brasileiros” (Hugo, RS). Outras motivações estiveram ligadas a estratégias organizativas (quatro participantes): expansão do movimento (André Martins, SP), construção de uma organização para a defesa de direitos (Zumbi dos Palmares, RJ), formação de um grupo de advogadas e advogados para proteger manifestantes (Patrícia, RJ) e cobertura midiática dos atos (Juliana, SP). Por fim, duas pessoas apontaram como motivação uma emoção ou sentimento: o “despertar do interesse político” (Rosa, SP) e “o encontro entre velhos e novos movimentos” (Marta, RJ).

Na questão “Como foi sua forma de participação nas Jornadas?”, também emergem elementos que permitem analisar as motivações para participar das manifestações. Entre as 17 pessoas militantes, quase todas com múltiplos engajamentos, predominam as juventudes partidárias e os partidos políticos. Entre os partidos, destaca-se o PSOL (com sete menções), seguido por PSTU e PT; entre as juventudes partidárias, a UJS (três menções), seguida por Juntos!, LPJ (ligada ao partido Consulta Popular) e UJR (juventude do Partido Comunista Revolucionário).

Em seguida, destaca-se a atuação no movimento estudantil e em entidades representativas de estudantes (7). Nos relatos das pessoas militantes, evidencia-se a importância de aprofundar, ou mesmo iniciar, a participação nas mobilizações promovidas pelas organizações às quais estavam vinculadas. Militantes do movimento estudantil consideraram natural a atuação em manifestações com ampla presença de jovens, ainda que, em alguns casos, como o de militantes do Campo Popular das Esquerdas (orientado pelo PT), tenha-se desenvolvido uma visão mais desencantada (Jorge, PA) ou fortemente crítica (Hugo Leon, RS) em relação às Jornadas.

Por fim, surge uma questão fundamental: até que ponto, participantes que pareciam realizar tão somente uma tarefa militante configuraram suas experiências como subjetivação política?

A política como dissenso ou desentendimento e os processos de subjetivação política parecem mais afeitos, a princípio, àquelas e aqueles que atuaram como ativistas de coletivos e organizações autonomistas e de movimentos territoriais. A condição de apoiadora e apoiador também pode implicar uma posição mais distanciada, semelhante à de militantes. Entretanto, talvez a condição juvenil e estudantil tenha sido mais importante do que a forma de participação para os impactos pessoais da subjetivação política.

Efetivamente, em relação às questões até aqui analisadas, os maiores impactos se observam nos casos que combinam condição juvenil e/ou estudantil com a forma ativista (em especial, autonomista) de participação nas Jornadas. Os casos de André Martins (SP) – criador do Pula Catraca em Americana – e de Antônio (RS) – importante ativista da Frente de Lutas pelo Transporte em Goiânia – parecem típicos, inclusive quando revelam de modo mais patente os impactos negativos deste processo de subjetivação política: na forma da perseguição policial e judicial que se abateu contra eles e outras pessoas depois das Jornadas. Trataremos desse assunto mais adiante.

A participação nas Jornadas de 2013 trouxeram significados positivos e negativos para esses sujeitos, como se nota nas respostas às questões “O que significou para você então, em 2013, essa participação? Esse significado mudou com o tempo para você?”. As respostas trazem elementos importantes para análise desses significados. Grande parte das pessoas entrevistadas (30) avaliaram positivamente suas participações, somente 2 pessoas avaliaram 2013 apenas negativamente (Amiel, CE e Hugo León, RS), enquanto 5 consideraram as Jornadas em parte positivas, em parte negativas (Marta, RJ, Carlos, GO, Emílio, SP, Jota, GO e Santiago, CE). No caso de Amiel (CE), atuante em Fortaleza, a partir do movimento estudantil, dando continuidade à sua atuação no movimento “Ocupe o Cocó”, veio por considerar que 2013 “abriu a caixa de Pandora”, dando vazão “a todo tipo de maluquice” – pensando principalmente na ascensão da extrema direita no Brasil e em outros retrocessos na democracia institucional dos anos seguintes, no que é acompanhado por boa parte das pessoas que levantaram aspectos negativos em sua avaliação de 2013, mesmo quando acompanhados de signos positivos – algo que também ocorre em parte das pessoas que alteraram a sua interpretação das Jornadas ao longo do tempo, como se verá.

A falta de direção política é mencionada por duas pessoas. Outros significados negativos merecem menção, pois aparecerão em outros momentos: a forte repressão policial (Jota, GO) e, pela falta de cuidado com a segurança, a criminalização da Frente de Lutas em 2014 (Carlos, GO).

16 respostas atribuem significados pessoais às Jornadas – entre as quais, 12 delas deixam explicitamente o vínculo com a experiência política. Para Emanuel (MG), 2013 trata-se de um “marco geracional profundo que ainda vai se desdobrar em outros sentidos ao longo da nossa trajetória política”. Enquanto, para Pedro (MG), a tão esperada “insurreição” popular enfim acontecia, foi certificada a convicção da importância da auto-organização e da autogestão (Antônio, GO) e foi reacesa “a expectativa de uma revolução” (Karine, RS). Mais frequentes foram as respostas que aludiram a um momento de profunda formação política, na forma de “construção política” (Luan, MG), “amadurecimento” (Wanda, PA) ou “experiência militante” (Jorge, PA), na oportunidade de conhecer lideranças políticas como Marielle Franco (“um ponto de virada na minha vida pessoal, política também [...]”, Samantha, RJ) e na metáfora do “despertar” (Luís Gama, RJ e Dandara, SP). Se Irma (MG) ficou convencida da necessidade de se “organizar politicamente”, Márcia (RS) criou uma visão mais crítica em relação às organizações políticas tradicionais.

Duas das 4 respostas que aludem a aspectos mais propriamente pessoais têm uma dimensão existencial impactante: para André Martins (SP), 2013 foi uma espécie de “morte” e “renascimento”, que “mudou completamente a minha vida”; segundo Juliana (SP), ela viveu uma “virada pessoal” em um momento que lhe ofereceu “um mundo de possibilidades”. Para Artemis (RS), então uma estudante do Ensino Médio e independente, 2013 “inflamou” os seus sentimentos e a levou a se “posicionar como cidadã”, enquanto Patrícia (RJ), adulta e advogada apoiadora, viveu as manifestações como “momentos de felicidade”. Pedro (MG) faz confluir em sua resposta as dimensões existenciais e política destes significados pessoais: “É muito piegas, mas eu acho que foi o período mais feliz da minha vida. Por causa disso, assim, dessa sensação de esperar muitos anos uma insurreição aparecer, e ela apareceu.” (Pedro, MG).

Apesar de se esperar um largo predomínio de autonomistas e independentes nesta categoria de respostas mais pessoais, dada a importância para o repertório autonomista (que também tem orientado a atuação de independentes) da vinculação pessoal às causas e a consideração às individualidades pela organização (Pleyers, 2024), isso não aconteceu. Entre as 16 pessoas que trouxeram esse tipo de respostas, 4 eram

autonomistas e 4 independentes. Ou seja, os significados para a vida individual da experiência das Jornadas também aparecem de forma marcante nas respostas de militantes (7 pessoas) e, até mesmo, em uma adulta apoiadora. Conclui-se que o fator decisivo foi a condição juvenil. Mannheim (1982) pontua que a juventude é o momento decisivo para a formação da consciência social. No caso das Jornadas, a condição juvenil, atrelada à estudantil, foi mais marcante que a forma de participação, visto que entre as 16 pessoas aqui mencionadas, 14 eram jovens.

Por outro lado, a maioria das respostas, 18, atribuíram mais diretamente significados sociais, coletivos e históricos às Jornadas. Entre elas, -se, de um lado, as que valorizam a importância política da organização para a luta (8) e, de outro, as que saúdam a mobilização popular em si mesma (6), enquanto 3 respostas aludem ao sentido histórico das Jornadas e apenas 1 recorda da conquista da pauta mais imediata, a revogação do aumento das tarifas do transporte público (Carlos, GO).

O predomínio, nesta categoria, de respostas que valorizam a organização política e a mobilização popular para a luta se deve ao importante número de militantes de juventudes partidárias, partidos e entidades estudantis entre as e os participantes da pesquisa. Militantes foram quem mais destacaram estes elementos organizativos. Por vezes, a pessoa militante parece dissolver sua subjetividade na organização, quando o significado atribuído é o da “afirmação ideológica” do instrumento de luta classicamente defendido por seu partido, no caso, a mobilização popular (André Martins, RS). Outras vezes, o significado parece mais pessoal, como em Honestino (GO), que afirma que “era o sonho de qualquer militante ver o povo tomando as ruas”. Mais caracteristicamente, se busca uma avaliação objetiva ou impessoal, quando 2013 revelou a possibilidade de mobilizar as pessoas “para fazer as coisas”. (Joana, MG).

Como exaltação da mobilização popular como algo positivo em si mesmo, as respostas valorizam a “massa de pessoas nas ruas” (Chiquinha Gonzaga, RS) e o seu “ímpeto de enfrentamento” (Marta, RJ) que, conforme Luís (SP), permitem às próprias pessoas que experimentaram as Jornadas se convencer de que “é possível mobilizar para fazer as transformações” – deslocando o papel mobilizador, como autonomista convicto, das organizações para as próprias pessoas.

Quanto às respostas que destacam o alcance histórico das Jornadas, para Emílio (SP), citando Paulo Arantes (2014), 2013 significou a “abertura do horizonte político”, o que promoveu a “mudança de rumos” na história política do país (Tales, CE). Recordase que este ciclo de protestos estava congregado a um ciclo de maior alcance, os

movimentos dos anos 2010, iniciados com a Primavera Árabe (Zumbi dos Palmares, RJ).

O tratamento dos dados a respeito da alteração de significados das Jornadas ao longo do tempo indicou que, das 37 pessoas entrevistadas, 15 afirmaram ter havido alterações, 11 que não houve e 11 não responderam ou sua resposta não deixa óbvio se houve alteração.

Em relação às alterações, 6 trazem uma avaliação mais negativa das Jornadas, relacionada à ascensão da extrema-direita nos anos seguintes: elas partem da posição extremada de Hugo de Leon (RS), que vê nelas parte de uma espécie de complô internacional, passando por Karine (RS), que descreve a entrada de pautas contraditórias ao longo das grandes manifestações, e chega até Emílio (SP), que explica que não era possível durante Junho ter a dimensão do que poderia decorrer dali nos anos seguintes. Por outro lado, 4 respostas reforçam a positividade das Jornadas, destacando-se o relato de Marta (RJ): “Mudou de significado. Ali foi um significado de forma superficial, por um tempo, como se as dinâmicas de 2013 tivessem causado a crise política depois. E eu não acredito nisso, porque não é linear”. Três relatos criticam a atuação das organizações, 2 deles de ativistas autonomistas, seja por não se ter aproveitado as oportunidades abertas durante as manifestações (Luís, SP), seja porque os movimentos deveriam ter continuado a “ocupar as ruas” (Pedro, MG). Dois relatos, enfim, apesar de apontar alguns aspectos negativos que tornam mais complexos os significados das Jornadas, não alteraram radicalmente suas visões sobre 2013.

Portanto, as motivações e os significados atribuídos às Jornadas permitem considerar esse ciclo de protestos como um momento da política como desentendimento. No primeiro momento, observam-se os desencontros entre as instituições políticas, instituído por Ranciere (1996) como “polícia” e, os movimentos sociais que, desde a fase latente das Jornadas (como o MPL e o CPC), já apontavam contradições e limites no aparente consenso nacional em torno do pacto de classes estabelecido pelo lulismo (Singer, 2018). O desencadeamento das manifestações leva as forças policiais a recorrerem a mecanismos tradicionais de controle, como repressão, negociação e cooptação. A própria indignação provocada pelo uso excessivo da força contribui para o crescimento do movimento e a ampliação de seu apoio junto à opinião pública, surpreendendo e desorientando as diversas instâncias políticas e seus representantes.

Os protestos assumiram um caráter multitudinário na segunda metade de junho (Cava; Coco, 2014), aproximando-se mais da definição de “revoltas da multidão”, proposta por Michael Hardt e Antonio Negri (2005). Para ativistas e militantes que entrevistamos — especialmente com vínculo a repertórios socialistas —, essa ampliação das pautas e a chegada de grupos sociais com motivações e ideologias diversas e, por vezes, contraditórias, geraram sentimentos de estranhamento. As ruas se tornam um espaço marcado por uma espécie de cacofonia política que deixou parte das pessoas entrevistadas em estado de perplexidade, revelando que, embora a noção de desentendimento ajude a captar aspectos centrais das Jornadas, ela ainda é insuficiente para apreender sua complexidade.

O relato de Rita (CE) descreve o estranhamento mútuo, durante os protestos da segunda metade de “Junho”, entre integrantes de um movimento territorial (composto majoritariamente por pessoas periféricas e negras) e a multidão engrossada por setores das classes médias, marcada por um discurso nacionalista e pautas anticorrupção. Os segundos não compreendiam a presença do movimento que protestava contra as remoções causadas pelas obras da Copa. Por sua vez, apesar de seu envolvimento desde a fase latente das Jornadas, Rita (CE) não se reconhece como parte efetiva de “Junho”, justamente por esse episódio de desencontro.

Por outro lado, a política como desentendimento também se manifesta ao confrontar os supostos consensos internos dos movimentos sociais e, sobretudo, dos partidos de orientação socialista — muitos dos quais exerciam influência sobre entidades estudantis. Como visto, a maioria das pessoas entrevistadas militava em partidos ou entidades desse perfil. Esse tensionamento das formas tradicionais de contestação, inicialmente, ofereceu maior margem de atuação para ativistas autonomistas, que se sentiram mais à vontade diante do fervor das Jornadas, as quais desafiaram tanto a “polícia” das instituições quanto o consenso forjado em torno do lulismo — consenso este sustentado por partidos socialistas do Campo Popular (PT, PCdoB e Consulta Popular) e, em certa medida, também por partidos socialistas críticos a esse campo (como PSOL, PSTU e PCR). No entanto, esses mesmos sujeitos autonomistas relatam dificuldades em dar continuidade ao ativismo nos anos seguintes, apesar de algumas campanhas bem-sucedidas, ao menos até as ocupações estudantis de 2015 e 2016. O fechamento de oportunidades políticas e, em certos casos, a perseguição judicial geraram um sentimento de luto em seus relatos: mesmo entre aqueles que

avaliam 2013 de forma positiva, há o lamento pelas oportunidades perdidas em virtude da descontinuidade da mobilização coletiva.

### **Dificuldades e repressão policial**

A pergunta “Quais foram as principais dificuldades que você e o coletivo ou organização em que atuou enfrentaram durante as Jornadas?” revelou uma série de obstáculos enfrentados. A repressão policial, já mencionada no item anterior, foi a mais citada nas entrevistas, com 14 menções, estando presente nos relatos de todos os estados onde as entrevistas foram realizadas (no caso do Pará, essa menção aparece apenas na questão específica sobre o tema). A violência policial foi referida por participantes de todas as formas de engajamento.

Essa repressão instaurou um clima de medo, sobretudo durante os protestos, mas também em decorrência das atividades de organização do movimento. Relatos destacam dificuldades como prestar apoio a manifestantes detidas e detidos pela polícia (Patrícia, RJ), episódios de “perseguição” (Karine, RS) e “vigilância” (Tales, CE), além da “criminalização” das organizações após o ciclo de protestos (Chiquinha Gonzaga, RS). Para Carolina de Jesus (RJ), a violência policial nas comunidades cariocas constituiu a principal pauta de mobilização em 2013: “compreender meu corpo como um corpo terminável nas Jornadas de 2013”.

Em seguida à repressão policial, destacam-se as dificuldades organizacionais (10) que englobam a dificuldade de acesso aos protestos (2 respostas) e a exaustão (2), ambas relacionadas à dinâmica interna das mobilizações. Chiquinha Gonzaga (RJ), militante autonomista, aponta que a inexperiência do movimento, ao não considerar os riscos de criminalização, também esteve relacionada à repressão. Algo semelhante aparece no relato de Antônio (GO), ainda que em outro momento de sua entrevista, quando narra que o fato das assembleias decisórias e organizacionais serem abertas permitiu a presença de muitas pessoas infiltradas de forças de segurança, que colheram informações que serviram para instaurar processos judiciais contra lideranças autonomistas em 2014, incluindo Antônio, impedindo novo ciclo de protestos em Goiânia contra o aumento das tarifas.

Mais frequentes entre as dificuldades organizacionais são as disputas entre os diferentes coletivos e organizações: ela aparece em três militantes (Lucimar, RJ, Amiel, CE e Karen, RJ, que fala de “divisão interna e sectarismo” (Karen, RS) e em um autonomista (Antônio, GO). Duas pessoas citam as dificuldades financeiras, tanto para

manter o movimento estudantil (Honestino, GO), quanto o midiativismo (Samantha, RJ). André Martins/SP relata a dificuldade de comunicação com autoridades, de um lado, e, de outro, a dificuldade de controlar as próprias manifestações que o Pula Catraca convocava. Em sentido semelhante, Rosa (SP) traz a dificuldade de controlar o vandalismo. Finalmente, Marcos (MG) apresenta sua desilusão com o movimento por ter sido incapaz de “dar continuidade às pautas para além dos atos de rua”.

Nos dois relatos sobre a dificuldade de acesso às manifestações, algo que guarda grande parentesco com as pautas da mobilidade urbana que estão nas origens das Jornadas, assim como os temas do passe livre e do direito à cidade, Rita (CE) descreve o longo trajeto a pé que era preciso percorrer da periferia até o centro da cidade para participar dos atos, dado que a principal via de acesso era fechada pela polícia. Artemis (RS) destaca o impacto econômico: para estudantes pobres da periferia, participar das manifestações significava arcar com o custo de duas passagens extras de ônibus. Os relatos de exaustão vieram de membros do núcleo dirigente do MPL-SP. Luís (SP) afirma que sua maior dificuldade foi “ficar sem dormir, ficar sem comer”, enquanto Emílio (SP) relata que “a gente estava tomada por esse turbilhão, [...] virando a noite em reuniões ou nas delegacias”. A intensa atuação do MPL-SP na organização de atos quase diários até a revogação do aumento das tarifas explica essa sobrecarga. Luís (SP) associa essa exaustão à decisão do grupo de se afastar das grandes manifestações multitudinárias após 20 de junho.

Para essa decisão, entretanto, talvez tenha contado muito mais o fato de que militantes com bandeiras e camisetas de partidos socialistas, incluindo quem atuou nas manifestações convocadas pelo MPL-SP desde o seu início, foram atacadas e atacados por parte da multidão, incitada por grupos de extrema-direita que passaram a participar dos protestos a partir daí. Paradoxalmente, o MPL-SP, que pregava a intenção de “perder o controle” dos protestos, efetivamente o perde desde então, mas não no sentido talvez desejado, dando início a uma insurreição popular, mas assistindo, nesta segunda metade de “Junho”, à vinda para a rua de grupos sociais, movimentos políticos e pautas as mais diversas e, até mesmo, contraditórias entre si.

Relacionada a essa viragem nos protestos está a terceira categoria mais mencionada, o antipartidarismo (6), citada por militantes de juventudes partidárias, partidos e entidades estudantis de orientação socialista — notadamente, as três pessoas entrevistadas do Pará, duas de Minas Gerais e uma do Ceará. Esses grupos relataram contestações à sua presença em assembleias e manifestações, chegando a ser atacados,

como em São Paulo no dia 20 de junho, com tentativas de arrancar suas bandeiras ou forçar que fossem baixadas.

Segundo alguns relatos, como o de Honestino (GO), o antipartidarismo teria se originado do apartidarismo de coletivos autonomistas, como o MPL-SP e a Frente de Lutas de Goiânia, que buscavam abrir espaço para a participação de todas as pessoas, organizadas ou não, por meio de consensos. Esse apartidarismo, no entanto, era crítico às correntes socialistas que se colocavam como “vanguarda” e, por meio do Campo Popular, estavam vinculadas ao sistema político institucional. Em determinado momento, sob a influência da mídia comercial, o apartidarismo teria se deslocado para um antipartidarismo, com forte viés anti-PT, articulado ao discurso nacionalista e anticorrupção abraçado por setores da classe média.

Parte relevante de quem entrevistamos, inclusive de militantes, não consideram que esse deslocamento, assim como o teor nacionalista que parte das manifestações massivas adquiriu, seja suficiente para descrever o que teria sido algo como a “essência” ou verdade última das Jornadas. Quatro pessoas indicaram que a maior dificuldade foi justamente compreender a complexidade daquele momento, especialmente enquanto estavam no “olho do furacão” (Honestino, GO). A ideia de perda de controle aparece novamente: “Entender essa contradição de que o processo estava fora do controle de uma maneira geral” (Emanoel, MG); “O processo era mais amplo, ele estava fora de nosso controle” (André Martins, SP). Marta (RJ) refere-se à dificuldade de “compreender toda a dinâmica”, sentimento que, nela, se expressou como angústia pela incapacidade de o movimento se apresentar como alternativa política concreta.

Na categoria “Outros” aparecem diversos tipos de dificuldade, primeiro a pessoal: a oposição da família (Juliana, SP), a dificuldade de atuar nas Jornadas devido a sua gravidez (Marta, RJ) e o fato de estar fora do Brasil, não podendo atuar nas grandes manifestações em seu país (Teresa, GO). Segundo, dificuldades que guardam relação com as organizacionais, em especial as duas primeiras: falta de registro dos atos, como fotografias (Irma, MG); o não entendimento da dinâmica das redes sociais da Internet (André Rebouças, RJ); e a discriminação da categoria agente de saúde ambiental, denominada pejorativamente de “garis” (Zumbi dos Palmares, RJ).

Das 37 pessoas entrevistadas, apenas duas - Irma (MG) e Teresa (GO) relataram não terem sofrido nem mesmo visto repressão policial. Irma (MG) porque o pequeno município do interior mineiro teve as manifestações contra as tarifas do transporte público apoiadas pela própria polícia militar, cujas viaturas ajudavam a organizar os

atos. Teresa (GO) porque participou de atos de brasileiros na Austrália, pequenas e sem conflitos. Entretanto, as demais 35 entrevistas relatam vivências ou testemunhos de repressão policial. A maioria dos relatos se referem à atuação das tropas de choque da Polícia Militar, da Guarda Municipal (em Belém/PA) e da Guarda Nacional (em Belo Horizonte/MG) na repressão às manifestações.

Dois casos de morte foram relatados durante os atos: 2 jovens caíram de viadutos em Belo Horizonte durante ações repressivas e, em Belém, uma gari morreu por inalação de gás lacrimogêneo.

No Rio, a violência nas favelas motivou protestos intensificados após a morte de Amarildo, pedreiro desaparecido após abordagem policial na Rocinha. Uma das depoentes no Rio, Carolina Maria de Jesus, participava de um movimento destas comunidades. Assim como ela, pessoas entrevistadas da raça negra testemunham que a violência se abateu de forma especial contra pessoas negras.

O relato da Carolina Maria de Jesus demonstra que outras táticas de repressão começaram a ser usadas, como detenções, policiais infiltrados, telefones grampeados e processos judiciais.

Por outro lado, alguns relatos destacam que, durante as manifestações, parte das e dos manifestantes assumiu atitude de confronto com a polícia. Hugo León (RS) e Márcia (RS), de Caxias do Sul, demonstraram incômodo e até mesmo estranhamento com essa postura de enfrentamento. Há relatos de autonomistas, como Antônio (GO) e Pedro (MG), que compreendem esta postura de enfrentamento, especialmente de jovens das periferias, por vezes sob a alcunha de punks e Black Blocs. Ao lado dos autonomistas Luís (SP) e Luan (MG) os ativistas do MPL-SP, o militante Amiel (CE) destaca a atitude popular combativa contra a repressão policial como uma das marcas das Jornadas.

Se, por um lado, as Jornadas revelaram a potência de mobilização de massas, por outro, foram marcadas por intensa repressão, seguida, em alguns casos, de criminalização judicial. Essas experiências reverberaram em outros ciclos de protesto, como nas ocupações escolares de 2015 e 2016, em que jovens também relataram repressão e perseguição como marcas constitutivas de suas trajetórias políticas — muitas vezes acompanhadas de traumas e memórias negativas.

As Jornadas, contudo, têm como diferencial a complexidade paradoxal das manifestações multitudinárias da segunda metade de “Junho” e a ambiguidade de seus legados, especialmente por causa da força que ganhou a versão do Campo Popular, a qual afirma que 2013 foi o “ovo da serpente”, responsável pelo impeachment de Dilma

Rousseff em 2016 e pela vitória da extrema-direita nas eleições presidenciais de 2018. Analisar como ativistas e militantes que participaram das entrevistas avaliam 2013 se torna importante, ou seja, verificar se elas e eles consideram que as Jornadas foram vitoriosas ou não.

### **O êxito das Jornadas**

As percepções das pessoas entrevistadas a respeito das Jornadas de 2013 revelam distintas formas de avaliar os efeitos e desdobramentos desse ciclo de protestos. Longe de uma interpretação unívoca, os sentidos atribuídos à experiência variam conforme os repertórios políticos, os contextos locais e as trajetórias pessoais dos sujeitos envolvidos.

A seguir, apresentamos dados que evidenciam percepções de êxito, considerando tanto conquistas políticas quanto transformações subjetivas e nas trajetórias de vida. Para 23 participantes, as Jornadas foram consideradas vitoriosas, o que reforça uma percepção majoritariamente positiva sobre esse ciclo de protestos — já indicada na análise das palavras-chave (Figura 1). Outras 10 pessoas avaliaram que as Jornadas não foram vitoriosas, enquanto 4 afirmaram que foram vitoriosas em parte. Esses dados corroboram as interpretações anteriormente discutidas. No entanto, o fato de um movimento não ser percebido como vitorioso por suas e seus participantes não implica, necessariamente, ausência de impacto. Para algumas pessoas, é justamente o impacto subjetivo e político que confere sentido de vitória à experiência vivida no movimento.

Entre as 23 pessoas que consideraram as Jornadas vitoriosas, 10 se identificam como autonomistas, 9 como militantes socialistas, 2 como apoiadoras, 1 como independente e 1 como ativista de movimento territorial. Dentre as 10 pessoas adultas entrevistadas, 6 avaliaram 2013 como exitoso; entre os 27 jovens, 17 compartilharam essa percepção.

Já entre as 10 pessoas que avaliaram as Jornadas como não vitoriosas, predominam militantes (7), seguidos por 1 autonomista, 1 independente e 1 ativista de movimento territorial; nesse grupo, 3 eram pessoas adultas e 7 jovens. Entre as 4 entrevistadas que consideraram as Jornadas como parcialmente vitoriosas, há 3 independentes e 1 militante; 3 são jovens e 1 adulta.

A princípio, a forma de participação nas Jornadas parece pesar mais na avaliação positiva do evento: apenas uma autonomista (Chiquinha Gonzaga, RS) considerou que as Jornadas não foram vitoriosas, enquanto outras 10 expressaram avaliação positiva.

Ainda assim, houve mais militantes socialistas que as consideraram exitosas (9) do que derrotadas (7). Proporcionalmente, a avaliação entre jovens (17 de 27) e pessoas adultas (6 de 10) apresenta equilíbrio.

Do ponto de vista geográfico, todas as pessoas entrevistadas no Ceará (4) consideraram que as Jornadas não foram vitoriosas. Entre as 5 entrevistadas no Rio Grande do Sul, 3 também não as consideraram vitoriosas e 2 afirmaram que foram apenas parcialmente exitosas. Entre 4 participantes independentes, 3 avaliaram as Jornadas como parcialmente vitoriosas.

No caso das pessoas que adotaram essa posição ambígua — predominantemente independentes, além de uma militante —, os argumentos oscilam entre a valorização de certos avanços e a crítica aos desdobramentos posteriores. No polo positivo, destacam-se o fortalecimento da organização política, a entrada de novas atrizes e novos atores no cenário político, o estímulo à formação política e a ocupação das ruas pela população. No polo negativo, apontaram como consequência das Jornadas uma reação conservadora que culminou no impeachment de Dilma Rousseff e na ascensão de uma agenda política regressiva. Essa ambivalência sintetiza, em certa medida, a ambiguidade presente no conjunto das respostas sobre o legado de 2013.

Entre aquelas e aqueles que avaliaram as Jornadas como vitoriosas, os argumentos podem ser agrupados em dois grandes blocos. De um lado, estão os que compreendem como vitória a ocupação massiva das ruas, especialmente por juventudes periféricas, que trouxeram suas pautas à cena pública e desafiaram estruturas de poder. Nessa perspectiva, enfatiza-se a formação de uma consciência política e o fortalecimento dos processos de politização da sociedade.

Por sua vez, entre autonomistas, a avaliação positiva está associada, primeiro, à conquista da redução das tarifas do transporte público. Além disso, destacam-se a repercussão do movimento nas mídias e a capacidade de colocar em pauta o tema da mobilidade urbana, contribuindo para avanços significativos nas políticas de transporte público.

Entre as 10 pessoas que consideraram que as Jornadas não foram vitoriosas, os argumentos concentraram-se, sobretudo, na crítica à intensa violência política que marcou o período e na percepção de que não houve avanços significativos nas políticas sociais. Em muitos casos, a avaliação negativa está relacionada aos desdobramentos posteriores ao ciclo, como o fortalecimento da extrema-direita e a ausência de uma organização política duradoura por parte dos setores que estiveram nas ruas.

As justificativas trazidas retomam, em parte, os significados atribuídos às Jornadas: de um lado, a capacidade de mobilização popular, a formação política e a articulação de pautas significativas; de outro, a repressão policial, as dificuldades em manter a mobilização, o avanço da direita e os retrocessos na política institucional nos anos seguintes.

### **Considerações finais**

As categorias de análise derivadas da noção de subjetivação política que mais se destacaram neste estudo foram: a política como desentendimento, seguida pela desidentificação e, em menor grau, instrumentos de garantia da igualdade. Por outro lado, a pesquisa também evidenciou limites significativos aos processos de subjetivação nas Jornadas de 2013.

A política como desentendimento, ao desafiar os limites do espaço social mantidos pelos poderes da “polícia”, já se evidenciava na interpretação das palavras-chave, muitas das quais associavam as Jornadas a ideias como ruptura, resistência e revolta. Os significados atribuídos pelas pessoas entrevistadas ao ciclo de protestos reforçam esse elemento, especialmente pelo fato de que 30 delas avaliaram positivamente as Jornadas, enquanto apenas duas o fizeram negativamente. Aqueles que atribuem sentido positivo exaltam a “insurreição popular” (Pedro, MG), vislumbram “uma revolução” (Karina, RS), e celebram a “massa de pessoas nas ruas” (Chiquinha Gonzaga, RS) e seu “ímpeto de enfrentamento” (Marta, RJ).

Tais significados revelam uma série de desencontros entre as instituições políticas (“polícia”) e os movimentos sociais — e até mesmo entre os próprios movimentos, particularmente no que se refere à atuação e ao posicionamento dos partidos socialistas. Não por acaso, o repertório autonomista teve protagonismo nas manifestações iniciais, sendo recorrente, nas entrevistas, que autonomistas e independentes se demonstrassem mais à vontade no ciclo das Jornadas.

O êxito das Jornadas foi afirmado por 23 pessoas, além de quatro que as consideraram vitoriosas em parte. As justificativas, evocam a ruptura e a resistência, especialmente por parte de jovens das periferias que desafiaram os poderes estabelecidos e reagiram à violência policial.

A categoria da desidentificação aparece sob diferentes formas, especialmente nas 16 pessoas que atribuíram significados pessoais às Jornadas. 12 delas vincularam a experiência vivida a transformações políticas — como “amadurecimento” (Wanda, PA) e “despertar” (Luís Gama, RJ e Dandara, SP) —, e quatro destacaram a dimensão

existencial da vivência, referindo-se ao evento como um “renascimento” (André Martins, SP) ou uma “virada pessoal” (Juliana, SP), ou ainda associando as Jornadas à felicidade (Patrícia, RJ e Pedro, MG).

Quanto aos instrumentos de garantia da igualdade de fala e ação, eles aparecem pontualmente nas questões analisadas, sobretudo no reconhecimento e acolhimento de pautas progressistas — principal motivação de seis pessoas entrevistadas. A democracia participativa, vivida nas assembleias decisórias, é apontada como força das organizações autonomistas, como a Frente de Lutas em Goiânia (Carlos, GO). Destaca-se também o relato de Wanda (PA), que mencionou o esforço de sua juventude partidária para lidar com as exigências do consenso nas manifestações: “Houve um amadurecimento geracional, foi uma experiência importante para combater o sectarismo, porque não havia espaço para o sectário nas Jornadas”.

Como esperado, os processos de subjetivação política se mostram mais evidentes entre jovens e ativistas autonomistas: significados positivos foram atribuídos com mais frequência por jovens do que por pessoas adultas e, considerando o conjunto das respostas (palavra-chave, significado e êxito), predominaram entre ativistas, especialmente autonomistas. Conclui-se, que, as Jornadas representaram um processo de subjetivação política especialmente marcante para jovens com envolvimento com coletivos e mobilizações de perfil autonomista.

Entretanto, também se evidenciaram limites nesses processos, que afetaram inclusive jovens e autonomistas. Apenas 17 das 37 pessoas entrevistadas apresentaram todos os indicadores de subjetivação, o que reforça a importância de analisar as principais dificuldades enfrentadas. As principais dificuldades se referem às respostas da “polícia” à política como desentendimento, em especial, a própria repressão das forças de segurança aos atos. Como também observado nas ocupações secundaristas, a repressão deixou marcas profundas nas memórias dos participantes das Jornadas, compondo, paradoxalmente, parte de sua subjetivação política. (AUTOR, 2021). A vivência de situações-limite e o sentimento de indignação foram centrais para a compreensão mais profunda do funcionamento das instituições e da violência estatal. Contudo, quando acompanhadas de perseguição e judicialização, essas experiências se converteram em traumas que, para uma parcela das pessoas entrevistadas, atuaram mais como entraves do que como recursos para as suas trajetórias políticas.

Fatores organizacionais também figuram entre os desafios enfrentados. Relatos de militantes socialistas apontam, primeiro, o estranhamento diante da radicalidade dos primeiros atos, quando jovens das periferias enfrentavam a polícia — ao passo que suas

juventudes partidárias adotavam táticas de recuo para proteger as e os manifestantes. Segundo, houve incômodo com a multiplicidade de vozes e pautas nas manifestações multitudinárias, interpretada por vezes como cacofonia. Wanda (PA) buscou dialogar com essa diversidade, mas outras pessoas apontaram que a tendência apartidária evoluiu para um antipartidarismo radical, que exigia o rebaixamento de bandeiras partidárias e estudantis — o que muitos viram como prenúncio da ascensão da extrema-direita.

De fato, teve grande importância entre os limites das Jornadas as avaliações negativas que apontaram a ascensão da extrema-direita e outros desvios da política institucional nos anos seguintes. Não é necessário que a tese do “ovo da serpente” seja adotada. 6 pessoas alteraram os sentidos das Jornadas, outrora apenas positivos, por causa destes retrocessos: para elas, as Jornadas abriram algo como uma “caixa de Pandora”, efeito não esperado, nem desejado, por aqueles movimentos que iniciaram o ciclo de protesto em torno da pauta da redução das tarifas ou na denúncia dos impactos das obras para os megaeventos esportivos.

As Jornadas contiveram importantes processos de subjetivação política – não um único, mas vários, já que elas foram um ciclo de protestos que abrigou heterogêneos movimentos sociais, a despeito de suas origens fortemente orientadas por organizações autonomistas. Nossa pesquisa contemplou autonomistas que se engajaram em primeira hora e de forma profunda neste ciclo de protestos, mesmo quando, como Luís (SP) e Emílio (SP), do MPL-SP, se retiraram das manifestações que já se tornavam multitudinárias. Entretanto, a maioria de quem entrevistamos foram militantes sob a influência do repertório socialista, engajadas e engajados nem sempre na primeira hora dos protestos, com diferentes graus de estranhamento e incômodo com as táticas adotadas e os rumos das grandes manifestações em Junho. Esses dois caminhos de subjetivação política foram os que mais puderam ser aqui delineados: em ambos, cruzam as rotas a repressão das forças policiais e atravancam os horizontes o desalinhamento da democracia representativa nos anos seguintes.

## Referências

ARANTES, Paulo. Depois de junho a paz será total. In: Paulo Arantes. **O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 353-460.

BRAGA, Rui. Os sentidos de junho. In: BRAGA, Rui **A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global**. São Paulo: Boitempo, 2017.

CAVA, Bruno, COCCO, Giuseppe. (org.). **Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou**. São Paulo: Annablume, 2014.

DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. Respeitável público...: performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 97, p. 43-55, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300004>

GERBAUDO, Paolo. **The mask and the flag**. Populism, citizenism and global protest. New York: Oxford University Press, 2017.

GONÇALVES, Murilo Gelain. **Bandeiras, pedras e tambores**: atuação dos anarquistas nas Jornadas de Junho a partir do Bloco de Lutas Pelo Transporte Público. Dissertação (Mestrado Em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, 202 f.

[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS\\_e2e017419f025aa70878da1753c14035](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_e2e017419f025aa70878da1753c14035)

GROPPO, L. A. et al.. Interpretações das dimensões educacionais das Jornadas de 2013: debates, sentidos e legados. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 22, p. e02837271, 2024. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2837>

GROPPO, Luís Antonio et al. Subjetivações políticas em campo: itinerários juvenis e as Jornadas de Junho de 2013. **Educação e Pesquisa**, v. 49, e271463, 2023b. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349271463por>

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**: guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). **Mannheim**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

PEREZ, Olivia Cristina. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública** – Revista do CESOP. v. 25, n. 3, p. 577-596, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-01912019253577> PLEYERS, Geoffrey. **El cambio nunca es lineal**: movimientos sociales en tiempos polarizados. Buenos Aires: CLACSO, 2024. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/251093/1/El-cambio-nunca-es-lineal.pdf>. Acesso em 10 nov. 2024.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 97, p. 22-40, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>

SINGER, André. **O lulismo em crise**: Um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo; Cia das Letras, 2018.